Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 26 DE DEZEMBRO DE 1971 - N.º 17604 -ANO 51.º - PREÇO 1$50

TERESA DE CARA NOVA

Primeiro, Teresa Paula Brito «corrigiu» o nariz. Mas não achou suficiente e partiu para nova operação plástica, desta vez ao queixo. O resultado destas operações pode ser apreciado nas fotos que damos aqui, devendo-se assinalar, no entanto, que o queixo ainda está um bocado inchado. Teresa de cara nova, o que significa? Que a cantora, além do rosto, vai também mudar de esquema musical, tornar-se uma Tonicha e pensar só na venda maciça de discos? Ela garante que não. E já prepara, para janeiro, um «show» que se chamará «Teresa/72» e no qual provará que só mudou mesmo de cara. No mais, continuará ao serviço do bom gosto e da divulgação de excelentes poemas e músicas. Agora, de Teresa Paula Brito, ninguém poderá dizer: «Ela canta bem e tem um belo reportório. Mas aquele nariz de Tartarin não ajuda». O narizito de Teresa, agora, está um espectáculo. (Entrevista na página seis)

HOJE 36 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

O FUTEBOL VIVE DOS MECENAS

Ao revelar dramàticamente que os jogadores do Boavista não recebiam os seus vencimentos há três meses, o técnico Joaquim Meirim pôs o dedo na ferida: o rei vai nu. O rei é o nosso futebol, com 18 clubes numa Primeira Divisão em que a maioria dos jogos pràticamente não cobre as despesas. Como vivem então os clubes? Todos, dos mais fracos aos mais fortes, de mecenas que abrem generosamente os cordões à bolsa, salvando os clubes na hora do aperto. O reporter Neves de Sousa coligiu dados e fez o balanço, revelando nomes dos que, por devoção clubista, ajudam a disfarçar uma situação verdadeiramente insustentável. (Pág 18)

Estes homens foram fuzilados

Os soldados indianos tinham acabado de entrar em Dacca. E enquanto os generais discutiam os termos da rendição paquistanesa, as cenas de selvajaria sucediam-se nas ruas. Os soldados paquistaneses eram perseguidos como cães raivosos, alguns abatidos sumàriamente e outros conduzidos para o estádio da cidade, onde acabaram por ser fuzilados. Era a hora da vingança: anteriormente também os paquistaneses se haviam excedido em crueldades desumanas, na repressão ao movimento libertador. Derrotados, ficaram à mercê de um inimigo que não os poupou e fez questão de lhes pagar com juros. Uma tragédia que desonra a humanidade.

Jovens adoptam Cristo

Cansados de uma luta que se revelou ineficaz contra a guerra e o racismo, os jovens norte-americanos devotam-se agora ao culto de Jesus Cristo. Um espectáculo «Jesus Cristo Super-Star» é, actualmente, o grande êxito da Broadway. Emblemas, discos e «slogans» circulam em quantidades industriais. Até relógios estão a ser vendidos com a figura de Cristo e um coração que bate. De Nova York, Nicole Zand conta tudo em reportagem que publicamos nesta edição, em exclusividade «Le Monde «D.L.»

Funès sai da "chanchada" para o humor "sério"

Primeiro, Louis de Funès conquistou o público: seu êxito é tanto que ele cobra, por filme, o dobro do «cachet» de Brigitte Bardot. Agora, já está a convencer os críticos: a sua criação no filme «A Loucura das Grandezas», paródia ao «Ruy Blas», em que contracena com Yves Montand sob a direcção do mágico Gérard Oury, está a ser considerada excepcional. **(Páginas centrais)**

A

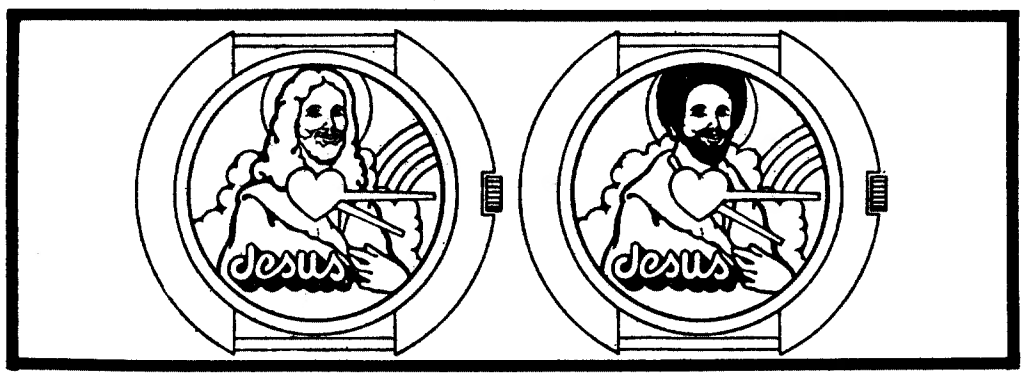
VOLTA A PICAR

Os jovens adoptam Cristo

«Os americanos inventaram a alimentação em boiões para os bebés; boiões para o espirito — um puré de banalidades importantes — eis, seguramente, o que é «Jesus Christ Super Star»

Eis as palavras com que Brendan Gill, crítico do inteligente «New Yorker», reagiu ao irromper do «Jesus Power» no teatro.

Mas, na Broadway, Jesus não tem necessidade nem de criticos nem de zeladores para seguir um caminho povoado de dólares. Apesar da imprensa lhe ter concedido maioria de criticos desfavoráveis, e se ter mostrado bastante céptica, a ópera-rock «Jesus Christ Super-Star» está a um passo de se tornar um dos maiores «booms» da história do «show business».



O relógio Jesus em cinco cores e coração animado: encomende-o segundo a raça que profefi. (Anuncio de um jornal americano)

OS DÓLARES

De um álbum discográfico de oitenta e sete minutos, concedido por dois jovens ingleses e consagrados aos sete últimos dias da vida de Cristo, a Broadwav construiu uma super-produção, que comporta quarenta actores, trinta e cinco músicos e a despeza de 700 mil dólares. O sucesso dos discos, na verdade, foi espantoso, nos Estados Unidos (perto de quatro milhões de exemplares vendidos num ano), enquanto na Grã-Bretanha, sua terra de origem o eventou passou quase completamente despercebido. O espectáculo promete «marchar» ainda melhor do que o disco: no dia da «premiére» anunciava-se já mais de um milhão de dólares de receita. A quinze dólares a poltrona, estava tudo esgotado seis semanas antes, e os bilhetes, no mercado negro, que menciona perto das entradas dos hotéis, atingiram o preço extraordinário de setenta e cinco dólares por dois lugares!

Este sucesso deu muitas ideias a muitas pessoas: enquanto os padres utilizam a banda sonora para atrair novos «fiéis», várias «óperas piratas» sulcam os Estados Unidos tentando, elas também, aproveitar-se do nome de Jesus. O Cinema não cruzou os braços, já que se deverá rodar um filme no próximo Verão, em Jerusalém, a realizar por Norman Jewison, que encenou na Broadwy um outro grande êxito: «Um violino no Telhado».

Foi Tom O'Horgan quem dirigiu o espectáculo; vindo do café «La Mama», onde o seu sentido de representação teatral e o seu gosto pela provocação *(TomPaine, Futz)* marcaram o nascimento do «off-off Broadway», ele deu a conhecer ao «estalishement», há três anos, com o «Hair», o movimento hippie e a festa psicadélica.

UM «HIPPY»

«Jesus Christ Super-Star» testemunha, até ver, o perigo que ameaça O'Horgan: a cólera divina, mas a decadência e a facilidade. A partir dum livrete modernizado e duma agradável, — um pouco Verdi «garganteado», um pouco Kurt Weil de «quat'sous», um pouco Leonard Bernstein, um pouco de rock insuflado — o encenador produziu um espectáculo gentil, hesitando constantemente entre a iconografia são-sulpiciana e a paródia, jogando manifestamente para os dois lados. De passagem, conseguiu algumas imagens muito belas, nomeadamente a primeira, enquanto as luzes se apagam e o pano não se abre mas se inclina para trás a fim de prolongar a cena, ouvindo-se sons provenientes de seres indiferenciados que rosnam e deslizam debaixo do solo em movimento. Então, como se fora uma «girl» da *belle époque* que saísse de um cálice monumental em forma de caixote do lixo, aparece Jesus, de cabelos louros e vestido branco. Mas é um Jesus, em breve o perceberemos, a quem falta densidade, alma. Nem mais nem menos que o «leader» duma pequena «família», duma «comuna» como tantas outras (ah! se Mason se deixasse levar por um assim e não por Satã, Sharon Tate seria ainda viva!).

Compreende-se fàcilmente que este Jesus sem mistérios não satisfaz inteiramente os meios católicos tradicionais: Tom O'Horgan não nos mostra senão um doce iluminado que começa a levar-se demasiadamente a sério e cuja natureza divina fica sujeita a caução. Só Maria Madalena se pergunta, sobre o assunto: *«Não sei como amá-lo. Não percebo porque é que ele me revolta. Ele não é mais do que um homem, apenas um homem. E eu já tive tantos...»* Mas os integristas não são os únicos a queixar-se do espectáculo de O'Horgan várias associações judaicas protestaram, também, contra o papel desempenhado pelos doutores judeus, tornados responsáveis pela morte de um Jesus que nem sequer ressuscitará. As associações negras podem dizer também: o único actor negro, na distribuição, é o que encarna o papel de Judas, um Judas que, em dado momento, ameaça mesmo Jesus de não o trair...

Resta o sucesso deste Jesus «Super-Star». A chave é bastante simples: situa-se, sobretudo na costa oeste dos Estados Unidos, onde, há cerca de um ano, florescem «comunas» dedicadas a Jesus.

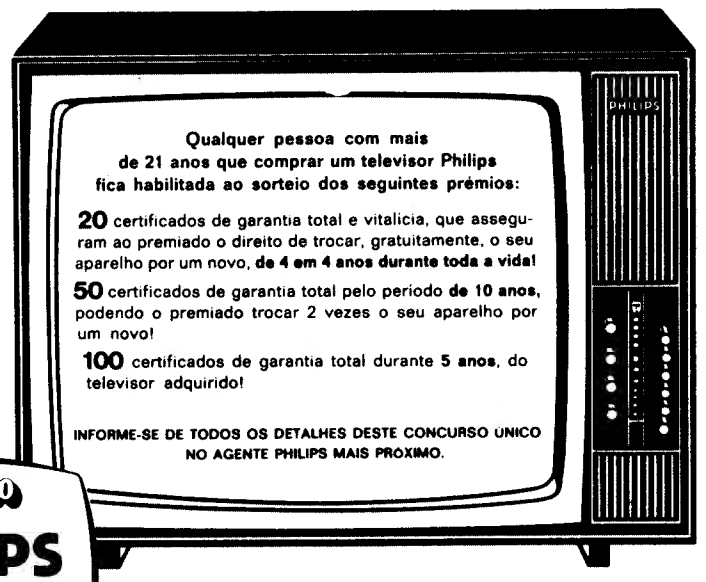
Exactamente como o «Hair» celebrava o «Povo da Flor», «Jesus Chirst Super-Star» é um piscar de olhos aos «Jesus Freaks», esses «doces caminhantes» que se convertem a Jesus como os seus predecessores se havia convertido a Zen, à mediação transcendental, à astrologia, à magia negra, ao fervor por Khrisna, ao fanatismo ecológico.

«Jesus está vivo!», «Jesus é o único!», «Sede vitoriosos com Jesus!», «Depois de Jesus, tudo o resto não é mais que um dentífrico!».

Tantos *slogans* gravados em emblemas, ou nas estampas que os americanos adoram colar nos vidros dos seus carros, e que celebram a nova fé de uma juventude desorientada, decepcionada, muitas vezes regressando do campo de batalha com o travo amargo da derrota. Um bom número destes «freaks» de Jesus são, com efeito, antigos militares dos direitos cívicos, revonvertidos na luta contra a guerra do Vietname e, após breve passagem pela revolução, adeptos dos alucinógenos. Tendo experimentado tudo, dão-se, ao mesmo tempo, a orientação de alguns charlatães oportunistas ou a novos Billy Grahams incipientes, que apregoam estar recuperando ovelhas tresmalhadas.

Ainda há um ano a droga e a revolução («Che» Guevara e Mao) eram a religião destes «freaks»; hoje cultivam uma religião centrada sobre um «dos seus» — Jesus Christ Super-Star — que se tornou o seu novo alucinógeno, o novo meio de fuga. Mas as estrelas, sejam ou não «super», nunca duram muito, sobretudo nos Estados Unidos.

sempre novo sempre philips



Qualquer pessoa com mais de 21 anos que comprar um televisor Philips fica habilitada ao sorteio dos seguintes prémios:

20 certificados de garantia total e vitalicia, que asseguram ao premiado o direito de trocar, gratuitamente, o seu aparelho por um novo, **de 4 em 4 anos durante toda a vida!**

50 certificados de garantia total pelo periodo **de 10 anos**, podendo o premiado trocar 2 vezes o seu aparelho por um novo!

100 certificados de garantia total durante **5 anos**, do televisor adquirido!

INFORME-SE DE TODOS OS DETALHES DESTE CONCURSO UNICO NO AGENTE PHILIPS MAIS PROXIMO.

CONCURSO PHILIPS TêVêr toda a vida!

ATÉ 29 DE FEVEREIRO DE 1972

170 PRÉMIOS GARANTIDÍSSIMOS DE VALOR INCALCULÁVEL

UM CONCURSO EM QUE TODOS TÊM TUDO A GANHAR... POR MUITOS ANOS OU POR TODA A VIDA!

PHILIPS

SETE DIAS

O HOMEM DA ONU

Ao cabo de dez anos de desempenho do seu cargo, com maior ou menor êxito conforme os períodos difíceis que atravessou a Organização, o secretário-geral das Nações Unidas, Thant acaba de ser substituído naquelas funções pelo austríaco Kurt Waldheim, geralmente conhecido no seu país como um homem sem inimigos. Depois de terem sido indicados como principais candidatos o finlandês Max Jakobson, o sueco Gunnar Jarring e outros de prestígio menos firmado, a escolha de Waldheim parece constituir um sucesso para a União Soviética, que o teria eleito como principal favorito. Uma hipotética imobilidade do austríaco conviria sobremaneira aos soviéticos, mas Waldheim desde já anunciou a sua intenção de activar o cargo.

DOMINGO

Finalmente, o grupo dos «Dez» conseguiu chegar a acordo sobre as novas taxas de câmbio, nomeadamente a desvalorização do dólar. A abolição da taxa dos 10 por cento sobre as importações americanas foi outro factor dominante do acordo, que provocou grande alívio em todo o mundo já francamente afectado pela crise monetária. Embora a conferência de Washington marque de certo modo o regresso à confiança no dólar, não pode também deixar de constituir um golpe no prestígio dos Estados Unidos.

SEGUNDA-FEIRA

O Paquistão, depois de aceite o cessar-fogo, tem novo presidente. Zulficar Ali Bhutto sucede a Yahya Khan na direcção dos destinos do país e reafirma a sua confiança na indissolubilidade da Nação, ao mesmo tempo que anuncia a intenção de restaurar a democracia. Um civil no comando do Paquistão, após 14 anos de ditadura militar, pode efectivamente marcar uma viragem no futuro do país.

Nas Bermudas, inicia-se a cimeira anglo-americana, com Nixon e Heath debatendo os diversos problemas da actualidade internacional, e em especial o ingresso da Inglaterra no Mercado Comum. Ponto assente: «a adesão britânica à CEE alterará as relações com os Estados Unidos».

Em Itália acentua-se a crise no seio da Democracia Cristã. Amintore Fanfani parece fora de qualquer hipótese para a corrida à presidência. Moro ou Leone, embora com o perigo de dividirem o Partido, estão na calha para a escolha.

TERÇA-FEIRA

Em Rawalpindi o novo presidente paquistanês, Ali Bhutto, confirma que o xeque Mujibur Rahman está vivo. Promete fazer algo pelo chefe do Bangla Desh, depois de consultar o povo.

Em Bruxelas, aberto que ficou o caminho nos Açores, principiam as negociações comerciais entre os Estados Unidos e o Mercado Comum. Não se prevêem grandes concessões europeias, uma vez que o déficit da CEE em relação aos EUA se eleva a 2000 milhões de dólares por ano.

QUARTA-FEIRA

O xeque Mujibur Rahman mudou de situação. Passou de simples prisioneiro para o regime de detenção domiciliária. A medida foi determinada pelo novo chefe de Estado e parece querer significar uma mudança de atitude em relação ao próprio Movimento do qual Rahman era principal dirigente. Na mesma ocasião, Ali Bhutto anuncia que visitará brevemente a China.

Em Itália, a Democracia Cristã escolhe Giovanni Leone como seu candidato à eleição, substituindo Fanfani. A esquerda prontamente rejeita o antigo primeiro ministro. Entretanto, é

Giovanni Leone

batido o record de 21 escrutínios necessários para a eleição de Saragat.

No Cairo, principia mais uma cimeira árabe na qual participam os presidentes do Egipto, Líbia e Síria. Discute-se a formação de um governo e de um parlamento federais, bem como as medidas bélicas a tomar contra Israel, ponto obrigatório em qualquer reunião árabe.

QUINTA-FEIRA

O secretário de Estado americano, William Rogers, deu a sua conferência de Imprensa de fim de ano, abordando os principais problemas da actualidade internacional. Sobre as relações com a URSS, Rolers disse que apesar das divergências havidas melhoraram os contactos bilaterais. No que se refere à China salientou o crescente entendimento mútuo. Referido ainda, relativamente ao conflito indo-paquistanês, que os Estados Unidos são contra os movimentos de secessão e, por isso, contra a situação no Bangla Desh.

Enfrentando a crise da Croácia, o presidente Tito anunciou que empregará o Exército para reprimir a oposição ao governo na segunda maior República do país.

SEXTA-FEIRA

A Itália tem novo presidente. Ao cabo de 23 escrutínios, Giovanni Leone acabou por ser eleito, pondo fim à mais demorada eleição de sempre. Depois de se recear grande divisão dentro da Democracia Cristã, provocada pelos partidários de Fanfani, Leone e Moro, os elementos do Partido acabaram por conseguir a conciliação de interesses de modo a colocarem um democrata cristão no lugar até agora ocupado por um social democrata (Saragat). Saliente-se, entretanto, que para se chegar a este resultado, a Democracia Cristã recebeu um inesperado apoio da extrema direita, o que de certo modo vai influenciar a futura política italiana.

ADRIANO CERQUEIRA

Florbela foge da revista

«Uma coisa é certa: não voltarei a fazer revista!», disse Florbela Queiroz ao «DL» no decorrer duma conversa entre a primeira e a segunda sessão de «O aniversário da Tartaruga», em cena no Teatro Villaret.

Acompanhada por seu marido, que está a seu lado sempre, Florbela apareceu no corredor que conduz ao seu camarim envergando o «mailot» lilás que veste na cena final da peça. Vinha ofegante de cansaço. Sorriu-nos e disse: «Diário de Lisboa?». Confirmámos. «Faça favor».

Entrámos num apertado camarim, um «camarim de bolso», tal como o teatro. Tinhamos pouco tempo e começámos logo por perguntar que tal se sentia na peça.

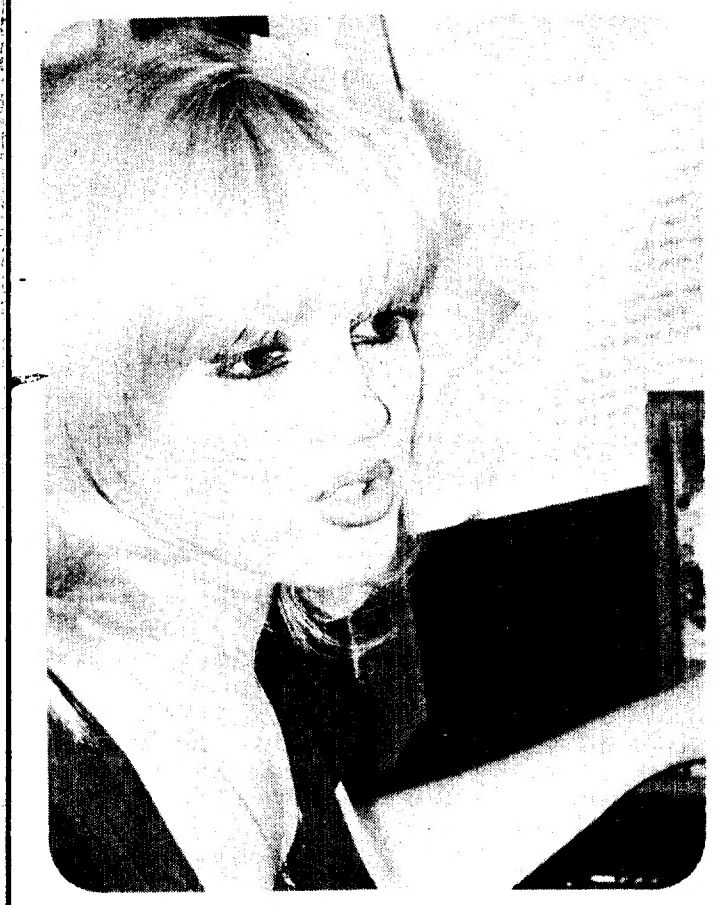
«Sinto-me bem. Tenho pena que o público não acorra ao espectáculo como esperava, mas sinto-me bem. O papel é muito trabalhoso, mas não é difícil de fazer. Quer dizer: é trabalhoso pelo tempo de trabalho (a peça tem duas personagens), mas não é nada complicado.»

Sentada à nossa frente, Florbela retocava a «maquillage» enquanto conversava connosco. Tinha um ar cansado e bem disposto, ao mesmo tempo. Ela está a fazer uma peça que lhe interessa.

«A peça é do género das que têm um texto fraco, como não podia deixar de ser, já que é necessário. Dentro do tipo de peças musicadas, esta tem uma concepção bastante boa».

Com tudo isto, terá sido atingido o objectivo que a peça se propõe?«O objectivo desta peça seria uma coisa que me parece estar, ainda, longe de poder verificar-se. Refiro-me à transferência do teatro de revista para o teatro musicado deste tipo. Mas quem determina que isto suceda ou não é o público, e parece-me que o público não quer aderir a este tipo de espectáculo. Está ainda, muito ligado ao tipo de piadas de revista, quanto mais picante melhor, e só isso, ao que parece, lhe interessa. A obscenidade é que ainda funciona.

Independentemente do valor da peça, pois não é disso que se trata agora, parece que as pessoas (certas pessoas) não viram com bons olhos que o



se trata de uma peça de teatro musicado. Pretende-se distrair as pessoas e não fazê-las pensar. É claro que se for só isso, não chega, mas o divertimento actor Rui de Carvalho fosse o protagonista desta peça. Mas a nossa história é outra. Estamos com Florbela Queiroz, e com ela «O Aniversário da Tartaruga» e nas outras coisas que fez e que irá fazer. Quanto ás que fez: quais são as melhores recordações? Ou, se preferirem, quais foram os melhores momentos de Florbela como actriz?

LEMBRANÇAS

«Guardo as melhores recordações de uma peça que fiz, quando tinha quinze anos, no Trindade: «Lucy Crown». Foi um marco muito importante da minha vida artistica. Num outro tipo de teatro, o de revista, foram muito importantes para mim as interpretações que tive em «O Zé, ordem para pagar», em que fazia a «Mary Poppins», e os papéis em «O Zé faz tudo». Creio que foram as coisas mais importantes que fiz em revista. Pelo menos, foram as coisas que mais me agradaram nesse género. Tudo o resto que fiz, salvo uma ou outra coisa que me escape, não gostei».

E quanto aos projectos? Parece que «O Aniversário da Tartaruga» tem os dias contados. Florbela disse-nos que o público não estava a aderir. Quisemos saber disso nas bilheteiras do teatro. Perguntámos quantos bilhetes «passavam», normalmente.

«Isto vai... razoável»; responderam-nos. Parece que o «razoável» não é tanto assim. Pelo menos as pessoas que foram ver a peça, nas duas sessões desse dia em que fomos falar com Florbela, não chegavam para encher meia sala e o Villaret é um teatro pequeno.

Quando «morrer a Tartaruga», que fará a Florbela Queiroz?

«Nesta terra não há projectos, e muito especialmente em teatro. As companhias que, existem por aí já estão constituidas. E eu estou, portanto, ao sabor do qur fizerem o Vasco Morgado e o Raul Solnado. Como se sabe, tudo depende do Vasco, e eu farei o que puder, desde que tenha alguma coisa para fazer.»

As perspectivas não são, portanto, famosas. E não só para Florbela. Pelo que diz respeito à nossa conversa, o tempo escasseava já. Florbela teria de preparar-se para a segunda sessão. O cansaço parecia ter desaparecido e o intervalo estava quase a acabar. Perguntámos, ainda:

Mas não há possibilidades de trabalho?

«Haver, há. O que é preciso é que elas apareçam. Mas uma coisa é certa: não volto a fazer revista. Prefiro ficar a comer a sopa em Carcavelos!»

Porquê?

«Porque não gosto!»

O missionário que bate nas suas "mulheres"

Em Lusaka, Zâmbia, o padre Jean-Jacques Corbeil, de 58 anos, 27 dos quais vividos como missionário camboniano naquele país, é chamado pelos indígenas «poço de energia». Em 1957 foi encontrado moribundo em Kyambi. Administraram-lhe a extrema-unção e ele ficou imóvel na cama durante três meses. Quiseram reenviá-lo para o Canadá, sua terra natal, mas ele, africano de coração, preferiu ficar, embora a saúde não lhe permita mais trabalhar como antigamente.

Nos últimos anos a sua preocupação tem sido coleccionar tambores, flechas, cachimbos e outros objectos exóticos, mais de dez mil, dos quais 297 são instrumentos musicais, para o futuro museu nacional da Zâmbia.

Um dia, visitando um chefe tribal, enamorou-se de um belíssimo «tambor falante». O chefe disse que se queria ficar com ele teria de o «desposar», segundo os costumes da tribo. O missionário teve de esperar seis meses antes de conseguir reunir o dote necessário para «desposar» o seu tambor. Em certas tribos africanas, o matrimónio, mesmo com um «tambor», continua a ser um negócio.

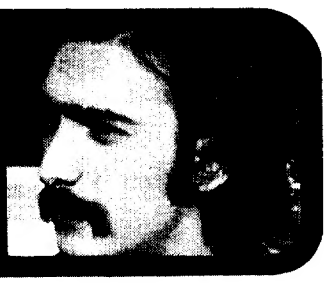
Com o passar do tempo o padre Corbeil enriqueceu o seu «harém» com mais quatro tambores. Foram-lhe concedidos com a condição de não os levar da Zâmbia.

«Não sou músico» - comenta alegremente o missionário - «mas de vez em quando exercito-me a bater nas minhas mulheres».

Edwin Starr

Um certo som da América

crítica de DISCOS



José Jorge Letria

Détroit, para além de ser o centro da indústria automóvel norte-americana e cenário de algumas etapas decisivas na história do movimento operário nos Estados Unidos, é também, o mais importante centro de exportação da música «soul». Para isso lá está, com a sua posição inabalável, no seio da indústria discográfica a TAMLA MOTOWN, que, anualmente, edita e promove cerca de 1/5 dos discos consumidos nas cinco dezenas de Estados americanos.

O vice-presidente deste colosso industrial dá pelo nome de Smokey Robinson, é vocalista e líder do agrupamento «The Miracles». E, enquanto a crítica é relativamente unânime em assinalar o declínio das suas faculdades vocais, continuam a transbordar os cofres da empresa que dirija.

A TAMLA MOTOWN programa, selecciona e empacota para o consumo (de acordo com um rigoroso formulário) grande parte da música negra, que o branco, alheio a todos os conflitos que a cor continua a gerar, consome de ânimo leve, como quem bebe coca-cola ou lê nos boletins oficiais o número de «marines» abatidos no Vietnam. Posto isto, falemos de Edwin Starr, um negro de vinte e poucos anos, que tem dado à empresa de Detroit umas centenas de milhares de dólares a ganhar, com os títulos colocados no **top**,

Agent double-O-Soul foi o seu primeiro disco a atingir o topo das tabelas classificativas. A seguir veio «25 Miles» que deu a Edwin Starr uma posição destacada nos quadros da etiqueta. Isto, em 1970. «It takes Time» foi o título seguinte, no qual a voz do cantor se integrava perfeitamente no som bem definido dos «Temptations», então reestruturados.

Por esta altura a casa gravadora de Detroit lançava também, com uma boa dose de pontaria ao mercado, um tema anti-Vietnam, interpretado por «Martha and the Wandelas» onde se relatava o regresso dum Johny «encaixotado», com o seguinte comentário: «He wasn't fighting for me /he was a victim of the evil of society) (ele não estava a lutar por mim/foi uma vítima desta sociedade infernal). O que bem feitas as contas não quer dizer absolutamente nada. Aliás, venha a música donde vier, das ruas de Détroit ou do Altiplano da Bolívia, que só por si não há-de bastar para solucionar os problemas mais instantes ou para modificar o «status» político-económico.

Mas voltemos a Edwin Starr: com selo tamla town e com distribuição para Portugal, a cargo da Casa Arnaldo Trindade do Porto, acaba de surgir no mercado, um 45r.p.m., contendo dois títulos: **My Sweet Lord** (G.Harrison)-Lado -A, e **Funky Music, sho nuft turns me on** (Whitfield-Strong) no Lado -B. Com a recuperação do conhecido tema de Harrison, procura Edwin Starr consolidar no mercado uma posição que desde **25 Miles** caprichosamente lhe parecia escapar. O título dá-lhe garantias e a hábil introdução de elementos de efeito certo (coros, etc.) encarrega-se do resto. O tema não chega a ser «reinventado», servindo apenas de pretexto para a exibição dos excelentes recursos vocais do cantor. As vozes femininas muito bem harmonizadas contribuem por momentos para personalizar a versão. O tema inscrito no Lado-B não nos traz nada de novo, assemelhando-se por vezes, pela construção rítmica (baixo, bateria) ao som característico de Pickett ou de James Brown. Este é, no entanto, (sem o espartilho das versões) o tema que mais se aproxima do magnífico Edwin Starr de **25 Miles,Trata-se em suma duma das vozes mais representativas da linha TAMLA Motown, que nem por surgir inferior ao normal deve passar despercebida. Tanto que atravessamos um período em que os nossos ouvidos são constantemente bombardeados com as piores mistificações.**

Edwin Starr

Castrol CRX

Subindo no mercado até à mais alta cotação de qualidade.

É um facto. O óleo CASTROL CRX mantém no mercado a mais alta cotação de qualidade e agora, mais actualizado, obedecendo às mais modernas especificações, mas mantendo as suas características tradicionais, o óleo CASTROL CRX conquista a sua posição de incontestável prioridade na lubrificação dos motores Diesel.

Castrol

à venda em toda a parte

P PUBLIFIRMA

ENCONTRO EM ORENSE DA CANÇÃO IBÉRICA

Está marcado para a primeira quinzena de Janeiro, em Orense, por iniciativa de um jornalista portuense e de alguns intelectuais galegos, um «encontro» da canção ibérica «consciente». Pela Espanha já estão asseguradas, entre outras, as presenças de Paco Ibañez e Luis Llach. Os nomes dos representantes da nova música portuguesa serão divulgados oportunamente.

CORTINAS 1970

COM A GARANTIA A1

3 MESES OU 7500 KM

J. MENDES COELHO, LDA.

Ford

Rua Gomes Freire, 7-C — Tel. 53 98 01

Rua Alexandre Herculano, 6-A — Tel. 4 61 47

RELÓGIOS BRINDES

Temos a honra de Comunicar que já Fornecemos as Melhores Firmas Portuguesas com RELÓGIOS para BRINDES e que Dispomos ainda de Grandes Quantidades a Preços Fabulosamente Baratos.

R. da Madalena, 214-1.° Esq. — Lisboa

ARMINDO BLANCO

Ao telefone

Jacinto Ramos

- Jacinto: quem substitui o Mário Pereira em «Quem Tem Medo de Virgínia Wolff»?

- Bom, essa substituição é feita sob protesto meu, mas o Marsillac insiste, quer o Mário no «Tartufo».

Penso no Óscar Caetano, um actor jovem que brilhou em «O Pecado de João Agonia», no Nacional ou então em Norberto de Sousa, que se destacou em «A Forja» no Teatro Laura Alves e que por sinal também está a ensaiar no «Tartufo».

- Como vai a «Virgínia»?

- A verdade é que não começou bem, do ponto de vista financeiro, mas está a subir de dia para dia e deverá permanecer em cartaz até fins de Fevereiro.

- E depois?

- Depois, será a habitual temporada no Porto, provàvelmente no São João. O Vasco Morgado está também a acertar o esquema para uma «tournée» pela província, sob o patrocínio da Gulbenkian, a preços populares. Quer dizer: a «Virgínia» vai durar pelo menos até meados do próximo ano. Isto sem falar na hipótese de levar o espectáculo a Angola e Moçambique.

- Já foi ver a Dercy?

- Não. Ainda não pude. Mas na primeira folga estou lá.

A Décima Ceia

A RTP está a reevocar, às sextas-feiras, o grande João Villaret, reprisando os programas que tanto êxito alcançaram há anos. Ao mesmo tempo, a etiqueta «Riso e Ritmo» lança nova edição (a décima) de «A Ceia dos Cardeais», com Villaret, Alves da Cunha e Assis Pacheco. A prosa rendilhada de Júlio Dantas morreu com o autor, mas só para ouvir as vozes destes três monstros sagrados da cena portuguesa vale a pena comprar o disquinho

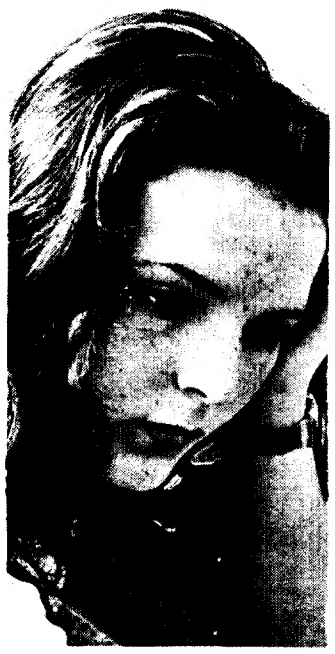
Falou e disse

RUI MASCARENHAS—«O meu azar foi convidarem-me para a primeira edição do Canal 13, pois se o programa já durasse há tempo ou se, pelo menos, o tivesse visto uma vez, não me apanhavam lá. Ao ver o programa na TV, fiquei desvairado, pois tinham assassinado a minha actuação».

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

O "ÉDIPO REI" DE ROGÉRIO PAULO

Não há duas sem três. Flávio Rangel veio duas vezes a Lisboa, primeiro com Maria della Costa e agora com Dercy Gonçalves. Tendo viajado no dia seguinte ao da estreia de «A Dama das Camélias», garantiu-me que em Março ou Abril estará de volta. Vai trazer para Raul Solnado uma peça que ele mesmo escreverá no Rio, sobre textos de Mark Twain, Swift e outros inquietantes profetas e estudar com Rogério Paulo a possibilidade de montar aqui o «Édipo Rei», que encenou no Brasil, sob o patrocínio dos serviços culturais do Govêrno do Paraná, com Paulo Autran no papel-título. O «Édipo Rei» de Flávio Rangel é um dos melhores espectáculos teatrais que tive ocasião de ver no Brasil. Nesta, como noutras realizações (no momento ele assina a encenação de «Heloisa e Abelardo», de Ronald Miller, grande sucesso da temporada paulista) Flávio esbanjou uma inteligência e uma capacidade profissional de que, infelizmente, não pôde dar mostras na peça actualmente em cena no Laura Alves. Estou certo de que a sua futura colaboração com artistas portugueses dará excelentes frutos.



Aí, Eugénia

Eugénia Maria, a menina-prendada da TV (está no 7.º ano do Externato Crisfal) gravou um EP com «Aí Senhor», de Carlos Portugal, e «Fugiu de Casa dos Pais», de Fernando Grade. Seus projectos actuais: aprender a tocar viola e gravar músicas de Janis Joplin, José Afonso e Bob Dylan. Não faz por menos

Gente

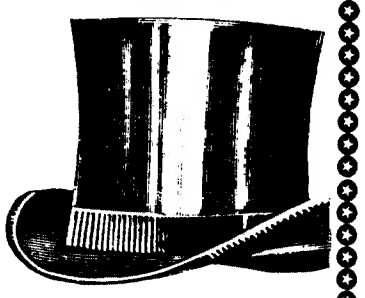
Começar o ano a ouvir fado não lembra nem ao produtor de Canal 13. Mas estou nessa: dia 1, Deolinda Rodrigues canta no «Fragata Real», novo restaurante típico de Alfama. E Deolinda, que me perdoe o José Jorge Letria eu não perco. Sou freguês de caderno.

Na estreia de «Um Sonho» no Vasco Santana aconteceu um engarrafamento patético no «hall»: a sala só tinha acesso por uma porta, a outra era decorativa. E como havia mais povo do que no enterro de Inês de Castro, desde o Carlos Wallenstein ao Tomás Ribas, foi tão difícil chegar ás cadeiras como num Benfica-Sporting. Quando finalmente consegui sentar-me, o Eusébio já tinha marcado um «goal», quer dizer, a Helena Félix já estava a dar o seu recado.

Carlos Avilez ficou alucinado com Dercy Gonçalves e quer montar um espectáculo com ela no Gil Vicente de Cascais, para depois levar ao Brasil. Em matéria de comediante jocosa jura que nunca viu melhor.

Vasco Morgado fez um bom negócio com o Igrejas Caeiro; comprou-lhe, por 60 contos, todo o material de cena, adereços e guarda-roupa de «A Relíquia», que projecta apresentar no Rio e em São Paulo em 1972. No Monte Carlo tudo se sabe.

Tiremos o chapéu



Ermelinda Duarte e Ana Paula, que estão maravilhosas em «Um Sonho», de Strindberg, na versão discutível mas fascinante que Luzia Maria Martins montou no Vasco Santana.

Ele é o maior desde os Beatles

Ninguém inventou Marc Bolan. Ele não é produto de qualquer organização para fazer ídolos. Ainda este ano, Marc e o seu grupo, T. Rex, vieram preencher a lacuna deixada pelo desaparecimento dos Beatles.

Os jovens recomeçaram a gritar. Decerto, é uma nova geração de crianças, dos doze aos dezassete anos. Poucos deles puderam ver uma actuação dos Beatles ao vivo.

Esta semana, quando os T. Rex estavam a gravar um programa para a ITV, que será transmitido em Abril do próximo ano, as rapariguinhas que assistiam suspiraram, choraram e agonizaram, e isto porque lhes disseram que seriam postas fora do Teatro se gritassem.

As raparigas, apesar de tudo, não puderam deixar de gritar quando chegou a vez de Marc Bolam botar figura. Os gritos sairam dos seus lábios descontrolados.

As «fans» de Marc espiolham todos os carros que supõem ter sido utilizados por ele, e lutam por cada ponta de cigarro que possa ter sido tocada pelos seus lábios. Adoram a sua vasta e negra cabeleira ondulada.

Gravou os seus três primeiros discos com dezoito anos, como solista, e todos «voaram alto».

O seu primeiro sucesso, «Deborah», chegou a vigésimo nono nas listas, e depois de Marc ter formado os «Tyrannossaurus Rex» com Steeve Took. Foi um sucesso imediato.

Agora Steeve seguiu o seu próprio caminho, e Marc tem atrás de si Bill Legend, Mickey Finn e Steeve Currie.

Este ano, os T. Rex venderam seis milhões de «singles» e cerca de um milhão de albuns. Com «Jeepstair« em segundo lugar nas listas desta semana, pode ser que consigam mais um milhão de «singles» vendidos até ao fim do ano.

Marc **é** T. Rex. As canções são suas. Ele escreve um agradável e finamente simples **rock-and-roll**, no qual põe algumas bonitas palavras com um certo misticismo.

Os Beatles estiveram entre os primeiros a reconhecer o que se passa com Marc. Todos eles disseram que vêem Marc e os T. Rex como os seus prováveis sucessores. É bem uma «chancela» de aprovação!

CASEBRE

FADO — FOLCLORE

CANTAM:

Carlos Barra

Arminda da Conceição

Zélia Lopes

Lisete Castelo

Suzana

Rua da Barroca, 133
Tel. 36 97 60

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 79 02 11

DIA DE NATAL
JANTARES DANÇANTES
AMBIENTE FAMILIAR

— • —

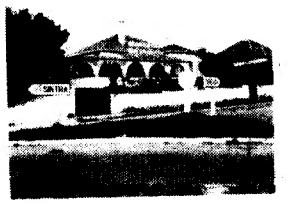
REVEILLON
1971/72
VARIEDADES

(M/15 anos)

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TELEF. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

RESTAURANTE
antónio
RUA TOMÁS RIBEIRO, 63 (Junto do Metro)
DIÁRIAMENTE AÇORDA DE MARISCO
ABERTO AOS DOMINGOS

Estalagem "A GRUTA DO RIO"
RIO DE MOURO Telef. 2960535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO FORNO À PADEIRO
LANCHES DE CASAMENTO



"TERESA-72" vai mostrar Paula Brito de cara nova

Teresa com a cara antiga

Teresa Paula Brito apareceu, há dias, num jantar da empresa onde trabalha. O facto nada teria de especial, não fora o caso de Teresa ter aparecido com... outra cara! Pois é: Teresa Paula Brito, que já foi Prémio de Imprensa (a melhor intérprete feminina em 1970), submeteu-se a operações estéticas ao nariz e ao queixo e tem, agora, uma cara nova. Porquê? Com certeza porque lhe não agradava a outra, está bem de ver! Mas... o que será isso de «cara nova»? Quererá dizer mais do que um novo rosto? Significará uma mudança radical, estilo «quem vê nova cara, vê novo coração»?

Entrevista por

NUNO GOMES DOS SANTOS

SOU A MESMA

«O facto de ter feito a operação, não implica qualquer mudança de linha interpretativa ou de exigência musical e ideológica: Sou a mesma, com a mesma maneira de encarar os problemas e as situações».

Desfeitas as conjecturas dos que aventavam hipóteses mais ou menos descabidas, Teresa continua:

«Sempre que houver possibilidade de evolução, quer quanto ás minhas interpretações, quer no que diz respeito aos poemas e músicas das canções que interpreto, claro que mudarei. Mas essa mudança será, pelo menos segundo o meu ponto de vista, sempre para melhor, e não tem nada a ver com a minha nova cara».

E isto é tão verdade que:

«Quando voltar a cantar, o que só vai acontecer para meados de Janeiro, interpretarei algumas canções já conhecidas e uma grande maioria de não conhecidas. Mas estas já estavam feitas antes da operação, e não cabe na cabeça de ninguém que se faça uma operação plástica para apresentar meia dúzia de canções novas!»

DISCOS E TV

Nesta altura da «época», para quem canta, os convites surgem daqui e dali, solicitando actuações em toda a parte e mais alguma. Como é a vida da «senhora de novo rosto»?

«Creio que farei três programas de televisão».

Toma! Três programas de televisão, três! Para começar. E mais?

«Tenho várias propostas para actuar, aqui e lá fora, mas isso é um grande problema. Eu só quero fazer coisas a sério e, por enquanto, não tenho garantias. Será necessario que me dêem condições para fazer um bom trabalho, caso contrário não aceito. Continuo intransigente (para além das falhas que possa ter cometido)».

«Minha Senhora de Mim», com músicas de Nuno Filipe sobre poemas de Teresa Horta (do livro do mesmo nome), foi, simultâneamente, o último disco de Teresa e o primeiro que gravou para a Movieplay.

«Logo que possa cantar (por enquanto o queixo novo está demasiado inchado para uma coisa dessas) devo gravar um disco».

Aqui surge a responsabilidade: Teresa gravou poemas da sua homónima de apelido Horta, servidos pela música de Nuno Filipe e com orquestrações de Rui Ressurreição. «Em grande», portanto. O segundo disco Movieplay terá de ser, para a intérprete, tão bom (se possível, melhor) que o primeiro. Por isso é que...

«... ainda não está feita a escolha do reportório a gravar. Terá de ser muito bem pensada, porque me interessa um disco que seja o melhor possível.»

Portanto, um disco e três programas de televisão em perspectiva. Ora, já que falámos em televisão, que tal se a Teresa fosse convidada a participar no próximo Festival da Canção?

«Não concordo com festivais competitivos, mas em Portugal há muito poucos espectáculos e se aparecesse um convite, iria, mas encarando o Festival como um espectáculo onde me tinha sido dada a possibilidade de apresentar uma canção nova. Ora acontece que, para isso, teria de pôr condições: só tendo «nas unhas» uma canção muito boa, bom poema, boa música, boa orquestração, é que aceitarei participar. E, se assim acontecer, irei lá como vou a qualquer outro espectáculo. Não me interessa ganhar, mas, sim, cantar uma boa canção. Aí, ou em qualquer outro lado.»

«TERESA/72»

Quando a nossa entrevistada puder voltar a cantar (mais ou menos dentro de um mês), o reaparecimento será num show «em local a designar», dizia a Teresa que se chamará «Teresa/72» Isso é que é?

«Uma ideia que apareceu e que vai ser posta em prática. Trata-se de um «mini-show» que se está a planear para apresentar uma série de canções novas, e no qual só cantarei uma ou duas canções já conhecidas. Era urgente que eu apresentasse as muitas canções novas que tenho, algumas delas ainda nunca cantadas».

Mas será só isso o «Teresa/72»? Um «show», por muito «mini» que seja, dá ideia de que não vai acontecer só com uma pessoa a cantar, nem que seja a Teresa-Cara-Nova-Brito.

«Eu gostaria que a «malta» que canta e que, quanto a mim (e não só quanto a mim) tem valor, fosse ao «Teresa/72». Quero convidá-los, pois são quem melhor me pode apontar erros e dizer o que está bem e o que está mal. Tenciono convidar uma série de gente para lá ir. Se as pessoas aceitarem, «aquilo» não será o «meu» show, mas um convívio onde a «malta» vai cantar. E isso, essencialmente, o que me interessa. Até porque há muito poucas oportunidades de nos reunirmos, com todos os afazeres que todos temos».

Data: **«Janeiro. Não sei o dia: Em princípio, depois do dia 15»**

Local: **«Depois digo. Por enquanto nada está, ainda, definido.»**

E foi tudo. A Teresa Paula Brito, satisfeita com a nova cara (**«valeu a pena o dinheiro que gastei e as dores que tive»**), tinha deitado tudo cá para fora. Esperemos por «Teresa/72». Aí veremos a Teresa sem inchaço no queixo e ouviremos as canções que ela tem «na manga». A voz? Essa é a mesma que deu à nossa entrevistada um Prémio de Imprensa.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

15 de Janeiro — 21.45
e
16 de Janeiro — 16 h.

Maestro SILVA PEREIRA

Maria João Pires — Piano
Gabriela, Cravo e Canela (abertura LOPES GRAÇA
4.º Concerto

BEETHOVEN

4.ª Sinfonia

TCHAIKOWSKY

16 de Março — 21.45 h.
e
16 de Março — 16 h.

Maestro Joly Braga Santos

Helena Claudio — Solista
L'Aprés Midi d'un Faune

DEBUSSY

6 Peças Op. 6

A. WEBERN

Canções dum Viandante

G. Mahler (H. C.)

3 Sonetos de Camões (1.º Audição Mundial)
J. BRAGA SANTOS (H.C.)

4.ª Sinfonia (dedicada a Joly Braga Santos
L FREITAS BRANCO

2 de Março — 21.45 h.
e
5 de Março — 16 h.

Maestro Frederico de Freitas

Vasco Barbosa — Violino

Concerto para Violino
e Orquestra

BEETHOVEN
Sinfonia dos Jerónimos

FREDERICO FREITAS

30 de Março — 21.45 h — CONCERTO REVELAÇÃO
e
1 de Abril — 16 h.

Maestros Manuel Ivo Cruz e Manuel Luiz Newton

Concertos para 4 violinos

VIVALDI

Aníbal Castanho Lima, Fernando Calasans Duarte, António Vilaça Lé, Floriana de Oliveira)

Canções Estáticas (1.ª Audição Mundial)

CÂNDIDO LIMA

Concerto em Ré

HAYDN

(Maria Alda Cabral — pianista)

Sinfonia do Novo Mundo

DVORAK

(Maestro Manuel Luiz Newton)

Às 21.45 — Grupo B/Maiores de 10 anos
Às 16 h. — Grupo A/Maiores de 6 anos

Nesta Quadra Festiva, Vasco Morgado recomenda os seus espectáculos

TEATRO • tel 327493
CAPITÓLIO
la MAMMA
QUERIDA MAMMA
Famosa comédia de ANDRÉ ROUSSIN
com CARLOS DUARTE
LAURA ALVES
ALDA PINTO
ANTÓNIO MACHADO
LUIS ALBERTO
ANTÓNIO RAMA
ANA LE MATTRE
CLAUDIA MARTINS
e OCTAVIO BORGES
Todas as noites, 21.45 h.
Domingos e Feriados 16 H
2.ªs-feiras, descanço da C.ª
11.º MÊS
Maiores de 17 anos

TEATRO • tel 538586
VILLARET
O aniversário da TARTARUGA
de Garinei e Giovannini
com FLORBELA QUEIRÓS • RUI DE CARVALHO
UM GRANDE BALLET INGLÊS dirigido por ANTONIO BARDIS
Todas as noites
2-SESSÕES-2
20.45 e 23 h.
Dia de NATAL
e
DOMINGO
2 SESSÕES
20.45 e 23 h. à tarde, às 16 h.
GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
HENRIQUE SANTANA
MARIA DULCE
PAULO RENATO
EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO
de Ray Cooney e John Chapman
Grupo D (M. 18 anos)
A COMÉDIA «SUCESSO» DE GARGALHADA
HOJE, ÀS 21.45
Dia de NATAL
Domingo
2 Sessões
20.45 e 23 h.
à tarde, às 16 h.
16ª SEMANA

TEATRO • tel 555133
MONUMENTAL
HOJE ÀS 21.45 H.
5. SEMANA
Grupo D (M.) 18 anos
A OBRA-PRIMA DE
EDWARD ALBEE
QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?
DESEMPENHO DE
JACINTO RAMOS
GLÓRIA DE MATTOS
MÁRIO PEREIRA
ELISA LISBOA
ENCENAÇÃO DE
JOÃO VIEIRA
CENÁRIO DE
PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro

6.ª FEIRA, DESCANSO DAS COMPANHIAS EM TODOS OS TEATROS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
(Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes)

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE ÓPERA DE 1972
(de 14 de Janeiro a 30 de Abril)

REPERTÓRIO

IL MONDO DELLA LUNA (J. Haydn) ★ ERWARTUNG (A. Schönberg)
ELECTRA (R. Strauss) ★ GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA (António Teixeira)
THE RAKE'S PROGRESS (I. Strawinsky) ★ MANON (J. Massenet) ★ OTELO (G. Verdi)
NORMA (V. Bellini) ★ MADAMA BUTTERFLY (G. Puccini)
A FORÇA DO DESTINO (G. Verdi) ★ DON PASQUALE (G. Donizetti)
A VALQUÍRIA (R. Wagner)

SERVIÇO DE BILHETEIRA

DIAS 27, 28 e 29 ..... ANTIGOS ASSINANTES (Noite)
Dias 30 e 31 ..... ANTIGOS ASSINANTES (Tarde)
DIA 1 DE JANEIRO ..... ENCERRADA A BILHETEIRA
DIAS 2, 3 e 4 ..... NOVOS ASSINANTES
DIA 5 ..... ENCERRADA A BILHETEIRA
DIAS 6 e SEGUINTES ..... VENDA AVULSO

BILHETEIRA ABERTA DAS 13 ÀS 19 HORAS — Telefone 36 86 64

Construa o seu futuro com confiança

...e o crédito pessoal BPA

Consolide, em cada dia, a sua posição na vida.
Pelo aperfeiçoamento profissional. A modernização do seu escritório.
A felicidade de um lar. A oportunidade de uma carreira para os seus filhos.
Realidades possiveis com o Crédito Pessoal BPA,
que lhe permite a realização dos seus anseios e projectos.

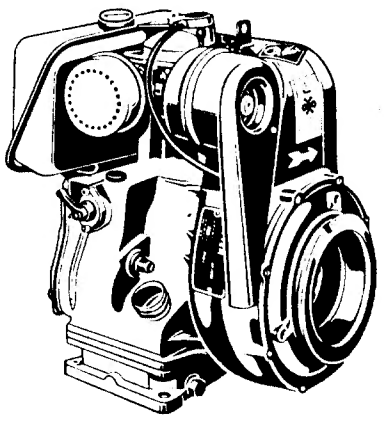
crédito pessoal BPA/confiança no seu futuro

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

marcontur

PARA A INDÚSTRIA
E AGRICULTURA

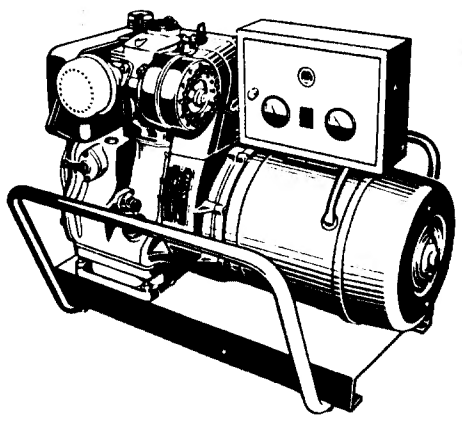
MOTORES "PETTER"



Motores Diesel de origem inglesa de construção robusta, económicos, eficientes e de elevado rendimento, para todas as aplicações: moto-bombas, geradores eléctricos, betoneiras, britadeiras, vibradores de betão, etc. Potências de 1,5 a 45C.V.

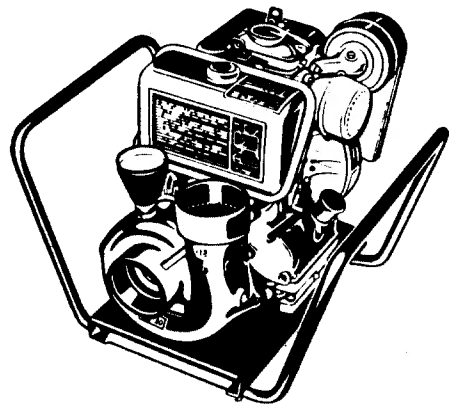
DISTRIBUIDORES PARA TODO O PAÍS

ELECTROGÉNEOS



Grupos electrogéneos Diesel para fornecimento de energia eléctrica para iluminação, rádio, televisão e força motriz, equipados com motor «PETTER»

MOTO-BOMBAS



Grupos moto-bombas Diesel, equipados com motor «PETTER», fixos ou portáteis, de construção robusta, económicos, de elevado rendimento para variados caudais e alturas manométricas.

COMETNA

COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL, S.A.R.L.
Sucessora de «Alfredo Alves & C.ª (Filhos)»

Sede: — Rua da Academia das Ciências, 5 — Telef. 32 00 11 • LISBOA
Secção Comercial: — Boqueirão do Duro, 38 — Telef. 66 47 88 • LISBOA
Filial: — Praça D. João I, 25 — Telef. 24771 • PORTO

A incrível história do homem que não queria saír da prisão

O velho Francis Whelan não tivera nunca complicações com a lei. Até que se recusou a pagar o pequeno almoço num restaurante. Preso e mantido sob custódia toda a noite, este solteirão de 66 anos ganhou, não apenas o gosto pela comida da prisão, mas, ainda pela própria vida de prisioneiro. Gostou tanto que se recusou a sair. E, durante cerca de três meses, enquanto as autoridades práticamente lhe imploravam que se fôsse embora, o sr. Whelan bloqueou todas as tentativas feitas para lhe restituir a liberdade.

O enfardador reformado disse porquê: **«Qualquer pensionista idoso, vivendo só e lutando como eu tive de lutar, seria louco se partisse enquanto restava a mínima possibilidade de continuar lá dentro».**

A RECUSA

O «real» tratamento do sr. Whelan na prisão Winson Green, de Birmingham, incluía três refeições por dia, uma cama confortável, aquecimento central, água quente e uma quantidade de pessoas diferentes para ver em cada dia.

«Merece vinte valores», disse Francis. **«De futuro será melhor que, em vez de prisão, seja um hotel».**

As «férias» do sr. Whelan começaram quando ele se recusou a pagar o equivalente a uns 40 escudos pelo seu pequeno almoço de domingo, num restaurante de Birmingham. Foi-lhe permitida a fiança no dia seguinte ao da sua prisão. Mas ele recusou-se e optou pela ida a tribunal, o que significava, na prática, muito mais tempo de encarceramento. Duas semanas depois, quando apareceu no tribunal de Birmingham, declarou-se inocente: negando a evidência, prolongava a estadia na prisão.

A. Morrison, advogado de acusação, disse: **«Ele recusou-se positivamente e definitivamente, a deixar a prisão sob fiança. Presumivelmente porque se sente mais confortável lá dentro».**

E, por mais estranho que pareça, passou-se tudo ao contrário: a acusação pedia a fiança, enquanto o advogado de defesa do réu a recusava!

«Um caso único», comentava Mr. Williams Sime, escrivão.

Os sociólogos concordaram. Descrevem o sr. Whelan como um sujeito «racional e inteligente». Antigos patrões dizem muito bem dele, e afirma que não é um parasita.

Há alguns dias, o sr. Whelan foi considerado culpado e foi-lhe dada liberdade condicional. O seu pequeno almoço acarretara aos contribuintes uma despeza de trezentas e setenta e cinco libras só com os encargos de prisão.

Mas logo que saiu, depois de onze meses lá dentro, Whelan disse: **Porque devo ter pena dos contribuintes? Durante toda a minha vida trabalhei e paguei os impostos como toda a gente».**

E acrescentou: **«A luta diária** uma despesa de trezentos e **senão é fácil. E quando eu vi a vida que se vive «lá dentro», comecei a pensar se o Mundo não estaria doido! Se os criminosos podem viver assim, porque não pode um homem que teve uma vida útil e foi voluntário em duas guerras passar umas semanas nessas condições?»**

LUTA

«Eu esperava passar lá o reveillon». Dizem que é excelente. Agora tenho de arranjar um quarto e travar a minha luta sòzinho. Não creio que volte a ver o interior de uma prisão, mas foi uma óptima experiência. Que estranha sociedade esta, que deixa que os criminosos sejam mais bem tratados do que as pessoas vulgares que, apenas estão a envelhecer!»

QUINN CONTA TUDO

HOLLYWOOD, 25 (ANI/«DL») — O grande actor Anthony Quinn, que terminou a sua actuação na série de TV, «The Man and the City», surpreendentemente um rotundo fracasso, está a aproveitar as súbitas férias para terminar a sua autobiografia. Quinn anuncia que vai contar coisas terríveis, tudo aquilo a que teve de sujeitar-se em Hollywood para conseguir chegar ao topo. «Não há nenhuma selva pior do que esta» — diz — «e eu, para sobreviver, tive umas vezes de rugir como um leão, e outras de rastejar como uma serpente».

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«UIGE» a sair em 7 de Janeiro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES. Carrega de 28 a 31 de Dezembro.
«PÁTRIA» a sair em 15 de Janeiro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 5 a 8 de Janeiro.

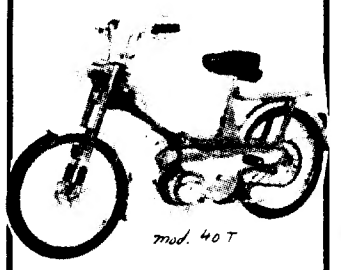
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 7 de Janeiro às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

Mobylette



PREÇOS DESDE

5 290$00

EM LISBOA:

ARMANDO CRESPO & C.ª LDA.
R. do Crucifixo, 120
Tel. 327027

NO PORTO:

CRESPO & BORGES, LDA.
R. Cândido dos Reis, 58
Tel. 23259

AGENTES EM TODO O PAÍS

O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Os livros vão ser impressos em plástico

Em breve, toda a produção mundial de livros, jornais e revistas, será impressa em papel de plástico. Esta previsão foi formulada no decurso da «K 71», a maior feira de plásticos do mundo efectuada em Dusseldorf. Calculou-se que no ano dois mil a produção mundial de material sintético atingirá 1,6 bilhões de toneladas. Em 1930, o consumo internacional de plásticos era de duzentas mil toneladas. Actualmente esta cifra já ascende a 30 milhões de toneladas.

Um dos grandes sucessos da feira de Dusseldorf, foi a apresentação de um tipo de folha de papel, feita de polisterol resistente. Difícilmente se distingue do papel vulgar. Hoje torna-se possível imprimir jornais e livros nesse novo tipo de papel. No entanto, o preço é ainda muito elevado. A qualidade deste produto, porém, é muito superior à do papel corrente, segundo a opinião unânime dos entendidos. Uma folha de plástico, tornada áspera por processos electrónicos, reproduz quadros impressos com excepcional qualidade. Este material, tão fino como papel de seda, resiste à água e é muito mais higiénico do que o papel de celulose.

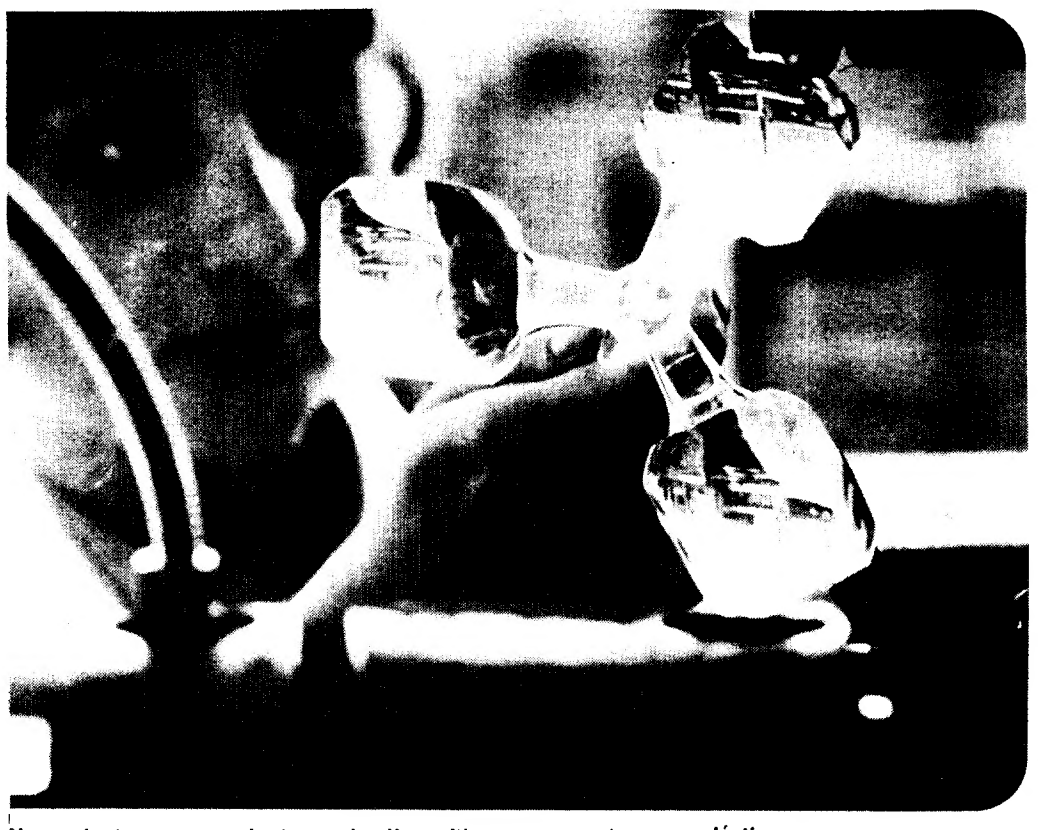
EXPERIÊNCIA

Em todos os continentes escasseiam as reservas de madeira. Prevê-se que as dos Estados-Unidos já não bastarão para suprir o consumo interno em 1990. Até na própria Finlândia, tradicionalmente o país mais rico do mundo em parques florestais, o consumo absorve totalmente a produção. Daqui se deduz que a utilização do papel sintético se intensificará num ritmo avassalador num futuro próximo.

Há três anos que se edita experimentalmente em França, no Havre, um jornal impresso a plástico. E estão projectadas edições em série das grandes obras da literatura mundial, dos mais importantes jornais diários impressos em plástico, que possuem a vantagem de poderem ser lidos tanto na banheira como sob a chuva. Este novo tipo de papel, que revolucionará todos os mercados, já foi experimentado nos processos de impressão mais comuns, tendo suportado todos os testes com inteiro êxito.

A FEIRA

Na feira de Dusseldorf estiveram representadas mais de mil firmas, procedentes de 21 países. Aviões fretados trouxeram visitantes oriundos das Américas, do Japão, da Austrália, da Malásia e da Europa. Entre a maquinaria exposta, avultavam modelos capazes de produzir em oito minutos folhas plásticas em quantidade suficiente para cobrir um campo de futebol ou então, 1.800 a 2.000 metros de papel sintético em rôlo por hora.



Novas lentes para projectores de diapositivos, executadas em plástico.

Este «papel» permite a leitura na banheira ou á chuva

FABRE LINE

para:

NEW YORK
e BALTIMORE

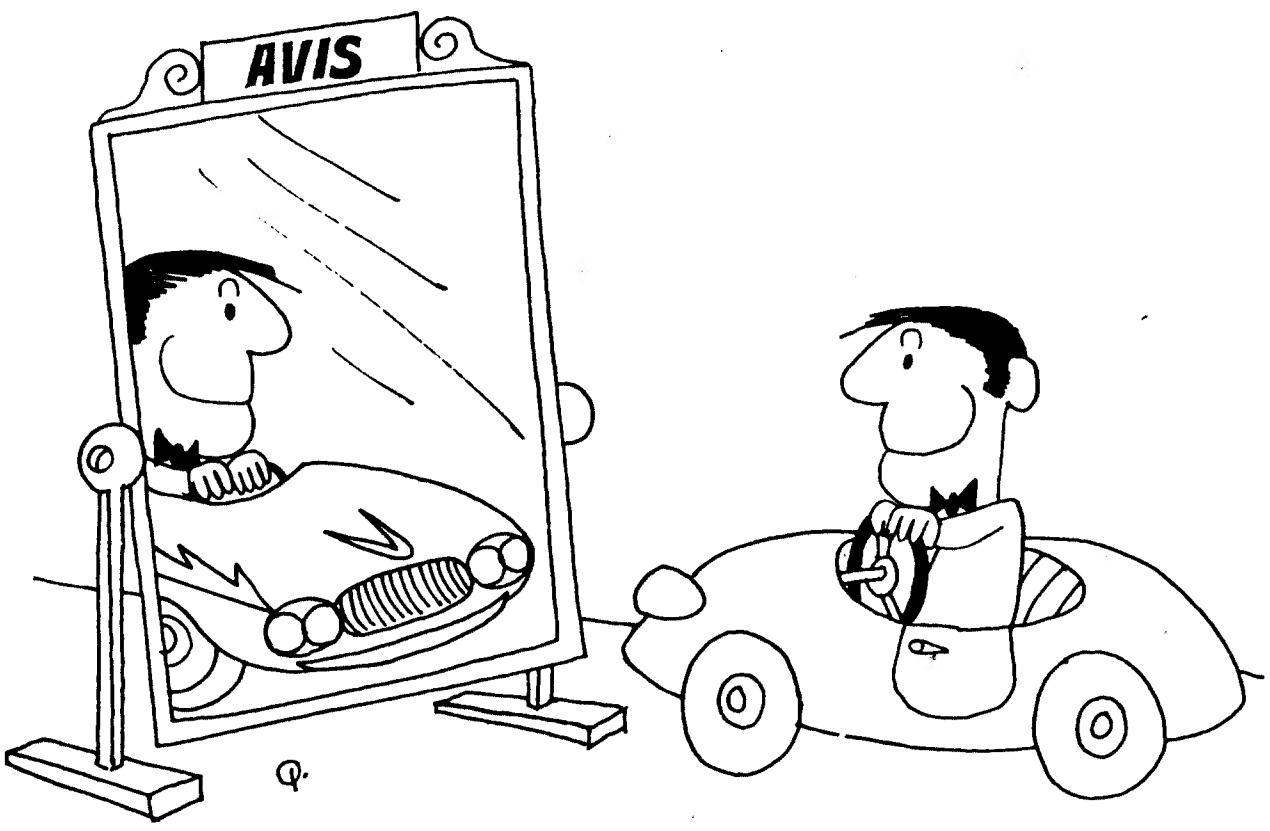
n/m. «META REITH» em 7 de Janeiro p. fto.

Recepção permanente em contentores

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.

Se tem o seu carro bem estimado, a única diferença que notará num carro da Avis, é que provavelmente será mais novo!...



E se calhar mais bem lavado... que o seu. E se calhar com mais gasolina... que o seu. E se calhar... É evidente que assim tem de ser. Nós vendemos um serviço — é preciso que seja impecável para que você o aprecie tanto que volte a procurar-nos. Desta maneira progredimos para sermos, no aluguer de automóveis, os melhores. Ponha-nos à prova. Apostamos consigo que ficará cliente. Como apostamos que o carro da Avis que o espera terá menos quilómetros... que o seu.

Lisboa — Av. Praia da Vitória, 12-C — Telef. 56 11 77
Porto — Rua de Santa Catarina, 160 — Telef. 3 79 71
Faro — Rua Horta Machado, 42 — Telef. 2 45 38

PUBLIFIRMA

AVIS
ALUGAMOS AUTOMÓVEIS

DL Construção Naval

Razões e objectivos das Medidas de Protecção à Marinha Mercante

Pelo dr. Daniel Tavares

De uma maneira ou de outra, quase todos os estados estabelecem medidas de protecção às suas marinhas mercantes. Na verdade, existem medidas de protecção quer nos países em vias de desenvolvimento quer nos países altamente industrializados e de longa tradição marítima.

Devido à escassez de informação do autor destas linhas, não se comentará a política da marinha mercante nos países socialistas, mas é-se levado a acreditar que o rápido desenvolvimento das frotas mercantes nos países do Bloco Leste não se deve sòmente a razões económicas. Por detrás do desenvolvimento espectacular das frotas do Bloco Leste há, sem dúvida, fins políticos, que levaram estes países a aplicar recursos na marinha de comércio que poderiam certamente ser usados noutros campos com melhores resultados.

Limitaremos o nosso comentário sobre o tema proposto ao exame dos três casos seguintes: (1) países em vias de desenvolvimento; (2) países europeus de tradição marítima; e, (3) E.U.A.

(1) Países em vias de desenvolvimento

Os novos países, na generalidade, aspiram ter a sua própria companhia de navegação nacional, assim como a sua própria linha aérea e aeroporto internacional. Estes países parecem dar alta prioridade à marinha mercante, apesar de a indústria ser capital-intensiva e, portanto, oferecer reduzidas possibilidades de emprego em relação ao capital investido e terem falta de gestores com experiência no ramo. O estabelecimento de empresas de navegação nestes países tem um efeito insignificante noutras actividades de terra porque os navios, o abastecimento em peças e sobressalentes, o combustível e quase todos os serviços necessários à exploração da frota de comércio têm de ser importados. Mas apesar de todos estes factos, é desejo quase geral destes países estabelecerem as suas próprias linhas de navegação.

Pondo de lado razões tais como prestígio nacional ou os caprichos razoáveis para países em vias de desenvolvimento desejarem estabelecer as suas próprias linhas de navegação:

1.º Segurança política nacional

Um país sem a sua própria frota mercante não se sente politicamente seguro. Por exemplo, num caso de guerra estes países têm de confiar inteiramente aos seus aliados, ou às potências neutrais, o transporte das suas importações essenciais.

Se estes países desejarem seguir uma política independente em relação às grandes potências mundiais, terão grandes dificuldades em concretizar os seus desígnios se não possuirem a sua frota mercante própria. Poderemos dizer que países em vias de desenvolvimento não se consideram completamente independentes quando têm de confiar inteiramente a países estrangeiros o transporte das suas importações e exportações.

2.º Segurança económica nacional

Sem frota mercante própria, os países em vias de desenvolvimento sentem-se mais ou menos «amarrados» aos mercados a que estão ligados pelas linhas de navegação estabelecidas de longa data. Estes mercados são, geralmente, os das antigas potências dominantes. A diversificação dos seus mercados parece um objectivo razoável mesmo se, inicialmente, isso signifique algum sacrifício nos resultados operacionais das frotas de comércio.

A procura de novos parceiros comerciais, o alargamento das áreas de comércio, é, em nosso entender, um dos objectivos a longo prazo por detrás da criação das companhias de navegação nestes países. Economicamente ainda há outras razões: os novos países querem participar, através das suas próprias companhias de navegação, nas «conferences» que servem os seus territórios; querem impedir as discriminações nas taxas de frete nas mercadorias que exportam e importam e não vêem melhor meio para esse efeito do que terem as suas companhias de navegação integradas nas «conferences» que servem os respectivos territórios.

3.º Desenvolvimento económico a longo prazo

A curto e médio prazos, o efeito da existência de uma companhia de navegação na economia de um país em vias de desenvolvimento não é muito importante - mas não se pode dizer o mesmo a longo prazo. Desde que um país tenha os seus próprios estaleiros para reparações, mais tarde para construção, quando as indústrias nacionais começam a ser capazes de abastecer os navios, quando o pessoal de terra e mar é constituído predominantemente por cidadãos nacionais - então, a contribuição da frota mercante para o P.N.B. torna-se importante, porque os efeitos da marinha de comércio já se fazem sentir em toda a economia. Só nesta altura, a frota mercante começa a tornar-se efectivamente uma fonte de receitas em divisas estrangeiras, porque a maior parte dos rendimentos obtidos não tem de ser paga a estrangeiros como acontece na fase inicial do estabelecimento da indústria.

Pensamos que é nas três razões dadas acima que se baseiam as políticas de marinha de comércio dos países em vias de desenvolvimento. Como estes países não dispõem de meios financeiros para subsidiar as suas frotas, não têm outra alternativa para proteger a sua incipiente marinha mercante senão a utilização de práticas discriminatórias e de preferências.

Um tipo de práticas discriminatórias é a redução dos direitos de importação aplicáveis às mercadorias quando transportadas em navios de bandeira nacional. Por exemplo, no princípio deste ano o Uruguai isentou de um direito de importação extraordinário de 5 por cento as mercadorias transportadas em navios nacionais. No Peru, as mercadorias isentas de direitos de importação só podem ser transportadas em navios nacionais, quando os há disponíveis.

A ideia geral, nas preferências, é reservar para os navios de bandeira nacional uma parte do comércio entre dois países através de legislação unilateral, de acordo bilaterais de comércio entre os governos ou através de negociações entre as linhas nacionais e as «conferences». Os esquemas usados podem ser do tipo 50 por cento / 50 por cento ou, mais moderadamente, do tipo 45 por cento / 45 por cento e 40 por cento / 40 por cento, deixando os 10 por cento ou 20 por cento restantes do tráfego para «cross traders» ou «third flag countries».

No domínio das preferências, grande parte dos países sul-americanos dispõe de legislação reservando para a bandeira nacional as cargas sob contrôle do Governo, organismos oficiais, empresas do Estado e empresas de economia mista. Além disso, determinada proporção dos tráfegos de importação e exportação é reservada aos navios de bandeira nacional (1).

A tendência crescente dos países para usarem preferências e práticas discriminatórias foi reconhecida na reunião dos ministros dos Transportes que se realizou em Tóquio em Fevereiro deste ano. Estavam representados na reunião onze países europeus (2) e o Japão. Os ministros concordaram em tomar «contramedidas» nos casos em que «não se possa chegar a uma solução equitativa com um Governo que adopte preferências de bandeira». Pode perguntar-se, contudo que espécies de «contramedidas» poderão ser efectivamente usadas, quando há tão grande diversidade de interesse em causa e nenhum país se pode considerar completamente isento do «pecado» de proteger a marinha mercante à sua maneira.

(2) Países europeus de tradição marítima

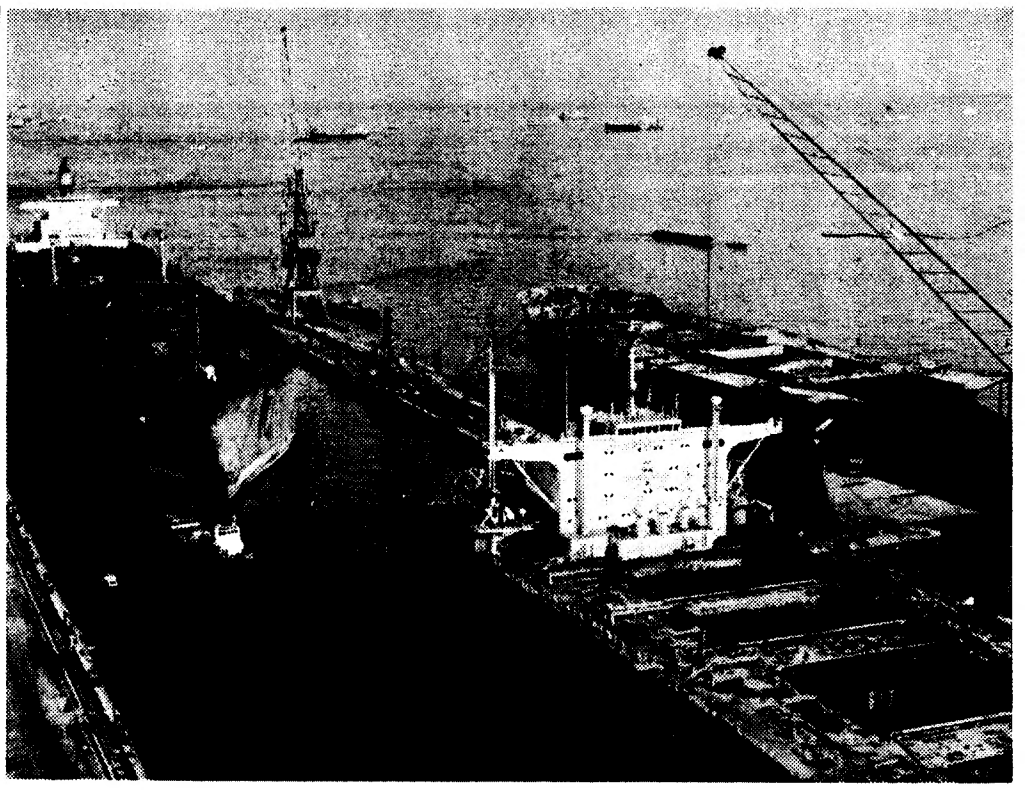
Para a maior parte dos países europeus, uma marinha de comércio poderosa estava relacionada com o facto de serem também grandes potências coloniais (p. e. a Inglaterra, a Holanda e a França) e, portanto, uma frota mercante era uma parte essencial do seu aparelho político. Alternativamente, em países de tradição marítima mas sem territórios ultramarinos e com poucos recursos naturais, a navegação de comércio tornou-se um suporte da sua economia. Pode-se encontrar um bom exemplo desta segunda alternativa na Noruega, onde a marinha de comércio tem um papel importante na economia do país.

Com respeito aos países europeus em geral, podemos dizer que tinham e ainda têm, posições de comando na marinha de comércio e que a sua influência política e económica diminuiria se perdessem essas posições. Além disso, a navegação é uma actividade que, não sendo altamente rentável, exerce uma influência benéfica nas suas economias. Estes países também sabem que, devido ao desenvolvimento tecnológico, a indústria se tornará muito mais capital-intensiva do que é hoje, e que exigirá as mais altas qualificações técnicas e de gestão. Por isso, é um tipo de actividade que, a longo prazo, tenderá naturalmente a caír na esfera das nações altamente industrializadas; não é uma actividade que tenda a perder vantagens comparativas em relação aos países em vias de desenvolvimento, como, por exemplo, a indústria têxtil. A marinha de comércio tem, assim, um futuro nos países altamente industrializados e, por isso, não é de admirar que estes países desejem proteger a sua marinha mercante de modo a manterem as suas posições.

Mas, como é evidente, a protecção à marinha mercante nestes países é mais sofisticada do que nos países em vias de desenvolvimento; os subsídios e sistemas especiais no domínio dos impostos são de regra. No R. U., por exemplo, esteve em vigor até ao fim do ano passado o esquema de «investment grant» (doação de investimento) segundo o qual os armadores poderiam obter do Estado 20 por cento do custo das unidades que mandassem construír, independentemente do país em que fossem construídas (3)

A intenção do esquema, como é evidente, era a rápida modernização da frota da Grã-Bretanha.

Esquemas especiais com ênfase na possibilidade de uma amortização acelerada, empréstimos a taxas de juro mais baixas do que as praticadas no mercado, isenção fiscal dos lucros reinvestidos na actividade e prémios de demolição são outros exemplos de auxílio prestado pelo Estado em alguns destes países. Considera-se que a isenção fiscal dos lucros reinvestidos na frota



Entrada do «ESSO CAMBRIA», de 253 000 t. p., na **Doca Alfredo da Silva**. A fotografia mostra também os dois corpos em que foi cortado o «UNIVERSE PATRIOT», de 157 000 t. p..

Empresa de Navegação Madeirense, Lda.

Carreiras semanais (regulares) entre LISBOA-FUNCHAL

SAÍDAS EM JANEIRO

N/M «MADEIRENSE» A SAIR EM 2, 16 E 30 DE JANEIRO
N/M «FUNCHALENSE» A SAIR EM 9 E 23 DE JANEIRO

Estes navios são novos e encontram-se apetrechados com todos os requisitos modernos para servirem bem os seus estimados clientes

Para cargas e passageiros trata-se:

EM LISBOA
Rua de São Julião, n.º 5, 1.º-Dt.º
Telef. 87 01 21/2

NO FUNCHAL
Rua da Prata, n.º 61, 1.º
Telef. 2 16 15

LISNAVE

Inaugurando a
DOCA ALFREDO DA SILVA
para navios de um milhão de toneladas de porte,
a Lisnave orgulha-se de, mais uma vez,
continuar na vanguarda das realizações
a que as tradições navais de Portugal obrigam.

QUARTO ANIVERSÁRIO DO ESTALEIRO NAVAL DA MARGUEIRA 1971 CENTENÁRIO DO INDUSTRIAL ALFREDO DA SILVA

CONSTRUÇÃO NAVAL

mercante tem sido um dos factores mais importantes no desenvolvimento da marinha de comércio norueguesa.

(3) O caso dos E.U.A.

Parece-nos que os legisladores nos E.U.A. ao delinearem as suas políticas de marinha mercante se baseiam nos seguintes pontos fundamentais:

1.º Uma frota mercante de dimensão adequada à influência política e económica dos E.U.A. é essencial à segurança e defesa da nação.

2.º Uma frota mercante de bandeira americana, a menos que tenha vantagens tecnológicas sobre as frotas das outras nações, não pode ser explorada na maioria dos tráfegos numa base competitiva devido a custos mais elevados do que nos outros países.

3.º Porque seria um grande encargo em termos financeiros subsidiar a totalidade da frota americana é necessário promover a exploração de navios não subsidiados e, portanto, devem ser promulgadas leis concedendo preferências aos navios nacionais.

4.º Há possibilidade de, a longo prazo, os avanços tecnológicos darem aos E.U.A. a oportunidade de obter de novo uma posição dominante na marinha de comércio e, portanto, é imperativo evitar o fortalecimento das marinhas de comércio dos países de tradição marítima a um ponto tal que essas aspirações fiquem irremediàvelmente comprometidas.

São estas, parece-nos, as razões básicas e os objectivos visados pela política americana. A política protectora da marinha mercante nos E.U.A. compreende na actualidade:

a) Reserva para a bandeira nacional do tráfego costeiro, o qual inclui não só o tráfego entre as costas Leste e Oeste através do canal do Panamá mas também os tráfegos entre o «mainland» e o Alasca, Hawai e as ilhas dos E.U.A. nas Caraíbas.

b) Preferências - de acordo com as provisões da lei, o mínimo de 50 por cento (peso) das cargas controladas pelo Governo devem ser carregadas em navios de bandeira americana, se tais navios estiverem disponíveis, «a taxas de frete leais e razoáveis». Além disso todas as exportações americanas financiadas pelo Export-Import Bank devem ser carregadas em navios dos E.U.A. A administração marítima tem poderes para conceder «dispensas» (waivers) com respeito às cargas do Export-Import Bank até 50 por cento, a favor das marinhas mercantes das nações importadoras.

c) Subsídios de exploração - estes subsídios são pagos aos exportadores americanos que operam linhas regulares no tráfego internacional dos E.U.A. em rotas que são consideradas «essenciais» ao interesse nacional. Para obter estes subsídios de exploração os navios devem ser construídos nos E.U.A. e tripulados por cidadãos americanos.

d) Subsídios de construção - estes subsídios são principalmente concedidos a navios a empregar nas linhas regulares «aprovadas». Os subsídios deste tipo são dados de modo a colocar os custos de construção nos E. U. A. aos níveis prevalecentes nos outros países. O objectivo deste auxílio é òbviamente manter a indústria de construção naval do país activa, não só por razões de segurança mas também com o objectivo de manter os estaleiros americanos a par dos desenvolvimentos tecnológicos no sector.

e) Contrôle das «conferences» - de acordo com a legislação em vigor, as «conferences» que operam de e para portos dos E.U.A. são obrigadas a submeter os respectivos acordos à aprovação da Federal Maritime Corporation (F.M.C.). A F.M.C. proibe o sistema de descontos diferidos e tem poderes para aprovar todos os acordos entre as «conferences» e os seus clientes. As «conferences» que operam de e para portos americanos, de acordo com os regulamentos em vigor, devem ser «abertas» a todos os operadores qualificados que desejem delas ser membros.

A política das «cargo preferences» será muito provàvelmente acentuada dentro de pouco tempo por uma nova lei neste momento ainda em estudo que expande este tipo de medida a todas as cargas governamentais e estabelece as respectivas prioridades em relação aos navios em que devem ser embarcadas.

Pode pensar-se que a política de regulamentação seguida em relação às «conferences» resulta da hostilidade dos E. U. A. a um sistema que não é controlado por interesses americanos e que poderia ser um obstáculo às aspirações desta nação de vir a ter no futuro posição dominante na marinha de comércio.

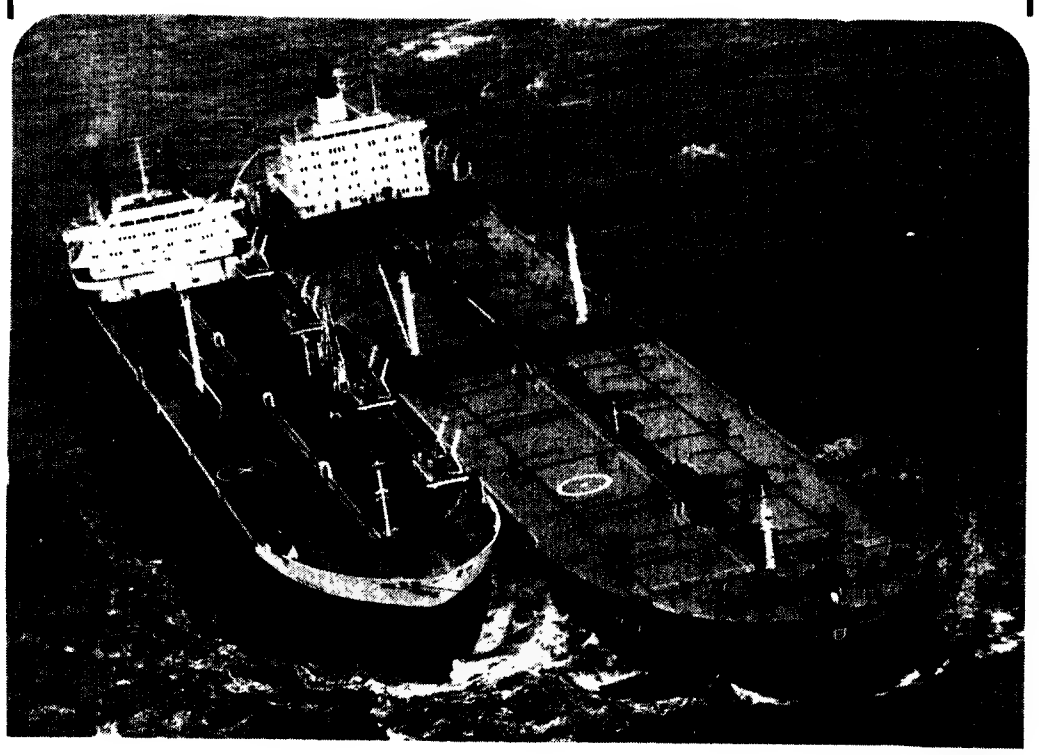
(in «Boletim da Junta Nacional da Marinha Mercante»)

(1) No Apêndice 4 do «Rochdale Report - Committee of Inquiry into Shipping Report, May 1970» são listados 10 países sul-americanos e oito outros países (não contando com os E.U.A.) que estabelecem reservas de carga a favor da bandeira nacional.

(2) Os países europeus representados são: Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Itália, Noruega, R.F. Alemã, Reino Unido e Suécia.

(3) Quando o esquema foi introduzido as doações eram de 25 por cento do capital investido. Deve notar-se que o esquema dos «investment grants» era aplicável também a outras indústrias.

Transferência de carga nos petroleiros



O super-petroleiro «Raila» (de 218.000 toneladas) transfere parte da sua carga para o «Shell-Darina», numa operação que se vem tornando corrente para permitir a entrada de gigantescos navios em portos de fundo baixo. A operação (que decorre com os navios deslizando à velocidade de dois nós) requer bastante cuidado de manobra: é necessário colocar entre as duas embarcações defesas especiais e amarrá-las firmemente. Só depois se inicia a transferência, com mangueiras de 27 metros de comprimento e 50 centímetros de diâmetro, que permitem um débito de 6.000 toneladas/hora

passaportes
paneuropa
Rossio 11 Telef. 563401 Lisboa

EM CORUCHE O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO CAFÉ-RESTAURANTE LUSITANO.

Luso Eléctrica

MARINHA

EQUIPAMENTO GERAL PARA NAVIOS DESTINADO A:

CONSTRUÇÃO
CONVÉS
ILUMINAÇÃO
NAVEGAÇÃO
PROTECÇÃO E SEGURANÇA
PROPULSÃO
REPARAÇÃO
SOBRESSALENTES
SERVIÇO AUXILIAR

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

LISBOA ★ PORTO

ESTALEIROS NAVAIS DO MONDEGO
S. A. R. L.
FIGUEIRA DA FOZ
Telefone PPC 2 21 12 (3 linhas) End. Teleg. «ESNAMO»

Construção e reparação de navios

2 CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO PARA NAVIOS ATÉ 110 METROS DE COMPRIMENTO

PLANO DE QUERENAGEM PARA REPARAÇÕES DE NAVIOS ATÉ 600 TONELADAS DW

●

A MAIS MODERNA MAQUINARIA

●

A MAIOR EFICIÊNCIA NA PROJECÇÃO E NA CONSTRUÇÃO DOS NAVIOS

●

APETRECHAMENTO PARA EXTENSO EMPREGO DE SOLDADURA ELÉCTRICA NA CONSTRUÇÃO COM INSTALAÇÃO DE RAIOS X INDUSTRIAL PARA SUA VERIFICAÇÃO

●

110 NAVIOS CONSTRUÍDOS E EM CONSTRUÇÃO

ANTEPROJECTOS E ORÇAMENTOS GRÁTIS

Ondex
REPRESENTAÇÕES ELECTRÓNICAS LIMITADA

- Equipamento de telecomunicações para Exército, Marinha e Força Aérea
- Instrumentos de medida para laboratórios de rádio
- Estações de T. S. F. para navios
- Equipamentos de som
- Acessórios de rádio

★

ESCRITÓRIOS:
CAMPO DAS CEBOLAS, 40 (r/c., 1.º e 2.º)
Telefones: 86 15 11 - 86 47 88 - 86 47 89
LISBOA - 2

SERVIÇOS TÉCNICOS:
ARCO DE JESUS, N.º 5 — LISBOA - 2

LOUIS DE FUNÈS

Desde que a Sétima Arte existe, os filmes cómicos foram uma das mais constantes e brilhantes tradições dos estúdios franceses. Foi mesmo em Paris que o género nasceu, que se impôs com o clássico «L'Arroseur Arrosé», dos irmãos Lumière.

Também o primeiro dos grandes actores burlescos do cinema era francês: Max Linder. Foi ele que abriu o caminho a Charlie Chaplin, Laurel Hardy, Harry Langdon, Buster Keaton, Harold Lloyd.

De Max Linder a Raimu, de Dalio a Fernandel, de Noël-Noël a Francis Blanche e de Bourvil a Tati, os grandes cómicos formam legião. Entretanto, depois de desaparição do Bourvil e de Fernandel, podia-se temer (Tati só faz filmes de quatro em quatro anos) um eclipse do género.

Mas o temor não se justifica. No momento em que André Astoux, director do Centro Nacional de Cinematografia francesa, anuncia que pela primeira vez desde há muitos anos o cinema em França encontrou novos espectadores, ao invés de os perder como anteriormente, um novo «gigante» do cinema cómico se impõe e definitivamente, tanto em França como no mundo.

COTAÇÃO EM ALTA

Este «gigante» que ninguem mais pode contestar chama-se Louis de Funés. Quando ele aparece no elenco de um filme, o filme bate todos os recordes de público. O número dos seus admiradores, dos seus fiéis (agora são milhões) não cessa de crescer. Os seus espectáculos mais recentes provam e sublinham alta da sua «cotação» junto das plateias. Citemos, por exemplo, a série dos «Gendarme de Saint-Tropez», de Jean Girault, e a dos «Fantomas» de André Hunebelle, ou ainda «L'Homme Orchestre» de Serge Korber.

Ora, quem é Louis de Funés, o actor que hoje vale por cada filme mais de 350 milhões de antigos francos, muito mais do que o dobro cobrado por

FUNÈS NO BURACO

TÍTULO: «Um buraco no coreto» («Jo»)
REALIZAÇÃO: Jean Girault, 1970 (França);
INTÉRPRETES: Louis de Funés. Claude Gensac, Michel Galabru, Bernard Blier, Guy Trejan, Christiane Muller, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castelo Lopes.
ESTREIA: Cinemas Roma e Condes (20/12/1971)

1) **Antecedentes:** Em 1958, estreia-se na Broadway THE GAZEBO, uma peça de Alec Coopel que constituiu êxito assinalável. Mais de 250 representações e um contrato com a **Metro** que a adaptou ao cinema dois anos depois: SEM TAlento para matar (The Gazebo) foi realizado por Georges Marshall e interpretado por Glenn Ford e Debbie Reynolds. O sucesso cresce. Vários teatros em todo o mundo reclamam a sua presença. Em França, Claude Magnier adapta-a ao «espírito do lugar». Passará a chamar-se **Jo** e seu estilo de **boulevard** inconsequente continua a agradar. Anos depois, foi a vez dos palcos portugueses se deixarem contagiar pela comédia. Artur Ramos, no Teatro Villaret, traduz e encena (da versão francesa) **Jo**, que entre nós se chamou DESCULPE SE O MATEI. Raul Solnado protagoniza. À «graça francesa», os responsáveis acrescentam alguma da sua lavra. Estamos em 1965. Cinco anos depois, Louis de Funés reaviva a chama extinta, repondo em cinema a peça: UM BURACO NO CORETO (Jo). Hoje em dia podemos afirmar que entre todas as versões vistas (dois filmes, uma encenação), foram Artur Ramos e Raul Solnado, quem melhor logrou os intentos comerciais do empreendimento, não descurando uma certa dose de humor e alguma inteligência.

Funés: agora nós, senhores críticos

2) **Louis de Funès**: Apalhaçado e grotesco, Louis de Funès é cómico de que não gostamos. O que por si só não é razão que baste ao leitor. Vamos por isso pormenorizar um pouco. Funès interpreta predominantemente comédias de um estilo inconsequente: é o teatro de **boulevard** levado para o cinema. Ilustrado. Simplesmente. O pior teatro de **boulevard**. Sem qualquer profundidade, sem qualquer intuito crítico, sem outra intenção que não seja a gargalhada. Burguês pelo ambiente em que decorre, da burguesia nunca se afasta, que para ela existe. **Boulevard** que nem tenta o arranhão, **boulevard** que cobra **ticket** e dá de volta as gargalhadas correspondentes. Só. Pobre, portanto... Ainda que rico de bilheteira.

3) **Da gargalhada:** A prática da gargalhada vai dos Marx a Chaplin, de Tati a Cantinflas, de Totó a António Silva, de Jerry Lewis a Keaton, de Funès a Ciccio e Ingrassia. Cada qual escolhe (ou escolhem por eles) certos processos de construir o humor. Alguns limitam-se à exposição despudorada das suas fraquezas. Funès nunca cria nada. Limita-se a **estar**, quinchar, estrebuchar, saltar. correr, fazer caretas, etc. E o cómico mais primário de todos os que o cinema actual consente.

Veja-se o caso presente. O que faz rir o público? Algumas situações já vistas em muitos outros filmes e aqui repetidas (perseguições, **qui pro quos**, figuras típicas de uma só peça a vedeta, a bêbeda, a criada, o inspector, o escritor de sucesso, o **gangster**, o advogado, etc., **gags**). E mais? Caretas, pisadelas, cotoveladas, Funès de cuecas, Funès no cimento, Funès na arca...

Dir-me-ão que Bucha e Estica, os Marx ou Chaplin também assim criavam o seu humor e por vezes assim era. Mas, por detrás de um gesto, de um olhar, de um pastelão na cara estava algo mais: a irreverência, a ironia, a mordacidade. Por detrás de Funés está apenas a sua própria incapacidade. Por detrás de Funés existe o vácuo.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

6.º CONCERTO

(DE Dezembro de 97 2 45 h
Grupo B/ 0 anos
30 de Dezembro de 97 8 30 h
Grupo A/6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

Dirigida por ALVARO CASSUTTO
ANA BELA CHAVES viola

3.ª SINFONIA

Brahms
PERPETUUM (1.ª Audição)
ÁLVARO CASSUTTO
CONCERTO PARA VIOLA
BELA BARTOK

BILHETES DESDE 12$50

TEATRO
TODAS AS NOITES
ÀS 21.30 H.
Grupo D — 18 anos
(Excepto às 5.as-Feiras)

A SALVAÇÃO DO MUNDO
TRAGICOMÉDIA EM 3 ACTOS DE
JOSÉ RÉGIO

Encenação de **COSTA FERREIRA**
Cenários e Figurinos de **ARTUR CASAIS**
Elenco (por ordem de entrada em cena)

JOÃO LOURENÇO — CARLOS SANTOS
ÁLVARO BENAMOR — FERNANDA FIGUEIREDO
JOAQUIM ROSA — ANDRADE E SILVA
ROLANDO ALVES — GILBERTO GONÇALVES
HUGO CASAIS — COSTA FERREIRA
EUNICE MUÑOZ — DÁRIO DE BARROS
M.ª DE JESUS ARANDA — MARIA JOÃO GALOPE
LUIZ MACHADO — JORGE DE SOUSA COSTA
CARLOS CABRAL
BAPTISTA FERNANDES — PAULO SARAIVA
MÁRIO SARGEDAS — CARLOS BARRELA
BRANCO ALVES — CARLOS ALBERTO
VICTOR DE SOUSA — RUI ROCHA

BILHETES DESDE 15$00

NOS DIAS 24, 29 E 31 DE DEZEMBRO NÃO SE REALIZARÁ ESTE ESPECTÁCULO

TEATRO INFANTIL COMPANHIA DE TEATRO DO GERIFALTO

Sábado e Domingo às 15,30 — Grupo A/6 anos

AS BABUCHAS DE ABU KASSEM DE STRINDBERG — Crianças até 10 anos — 50 por cento de desconto

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

explica as dez regras da arte de fabricar o riso

Com Yves Montand em «A Loucura das Grandezas», Funès convence até os críticos

Brigitte Bardot? Os anglo-saxões chamar-lh-iam um **self-made man.** Nascido em Courbevoie, na noite em que era declarada a Primeira Guerra Mundial, começou a ganhar a vida como pianista de cabaré. Desmobilizado depois da Segunda Guerra Mundial, obteve um pequeno papel no teatro, primeira vocação que não esquecerá jamais. Sua formação durou vinte anos, entre pequenos papéis no teatro e no cinema.

Depois, um dia, aconteceu «Pouic-Pouic», comédia de Jean Girault. O actor secundário tornava-se vedeta. Desde então não mais sairia do cimo dos cartazes, onde o seu nome é impresso em caracteres cada vez maiores.

Hoje, Funés, cuja participação criadora é exaltada por todos os seus directores, de Girault a Gerard Dury, é o número um do cinema francês. Mais uma vez, o público antecipou-se à critica, que só agora

Primeiros filmes serviram de experiência

começa a descobrir que talvez Funés não seja tão desinteressante assim.

OS GRANDES ÊXITOS

Seus últimos filmes foram: «Sur un arbre perché», de Serge Korber, tendo como **partenaire** seu filho Olivier e também a filha de um dos seus pares, Geraldine Chaplin; «Um Buraco no Coreto» («Jo), de Jean Girault, actualmente em exibição em Lisboa; e finalmente, o filme que o reconciliou com os críticos mais exigentes, « Folie des Grandeurs», paródia de «Ruy Blas» sob a batuta mágica de Gerard Oury e em que contracena com Yves Montand.

DEZ MANDAMENTOS

Este embaixador de riso, do riso analisado por Bergson e ilustrado por Moliére, que recebeu o Prémio Georges Courteline e acaba de receber a Medalha da Cidade de Paris, este humaníssimo monstro sagrado acedeu dar-nos os dez mandamentos da arte de fazer rir segundo Louis de Funés:

1) Eu escolho o que me faz rir a mim próprio, porque se uma idéia, uma situação, me fazem rir, tenho a certeza de que o público rirá tanto como eu.

2) Acho que a parte de colaboração do actor ao filme em que participa é bastante importante para justificar a minha posição actual. Além disso, adoro a disciplina do meu ofício.

3) Preocupo-me constantemente com o público, e é talvez a isso que devo o meu sucesso. Dou muito aos espectadores e eles me devolvem em dobro.

4) Quem admiro? Sobretudo Laurel e Hardy, e mais recentemente Charlie Chaplin. Tenho todos os seus filmes em 8 mm. Cada vez que os repasso, o meu entusiasmo aumenta.

5) Para desenvolver idéias, levanto-me muito cedo, às 6 horas. Creio que é a essa hora que se pensa mais tranquila e eficazmente.

6) Cultivo o meu jardim, um parque que transformei em reserva natural de aves. O meu livro de cabeceira é «Le Journal», de Jules Renard, pois ele só evoca as imagens calmas da natureza.

7) Se eu tivesse conselhos a dar a um jovem comediante, seriam estes: repetir exactamente o que eu fiz, entrar pela porta estreita, fazer figuração, consumir o tempo que seja necessário, e começar pelo teatro, muito mais difícil do que o cinema e que nos ensina a travar o grande combate, a progredir incessantemente.

8) Por outro lado, o ofício exige uma linha de vida muito estricta. Convém, antes de mais nada, levar uma existência extremamente séria. Não fumar, não beber alcóol, seguir um regime desportivo, dormir apenas as horas necessárias, o que exclui, evidentemente, todas as fantasias nocturnas.

9) Importante, também, procurar os bons roteiros, o que é bastante duro e difícil, e saber não ultrapassar a cadência certa de trabalho.

10) Por fim: não esquecer nunca que restam sempre mil coisas por aprender.

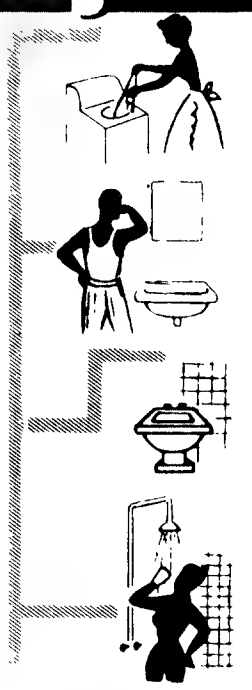
Assim é Louis de Funés, que hoje vive para a família (é casado com uma descendente de Guy de Maupassant e só tem um desgosto: outrora adorava andar pelas ruas a ver vitrinas; agora os caçadores de autógrafos não lhe consentem mais esse «relax».

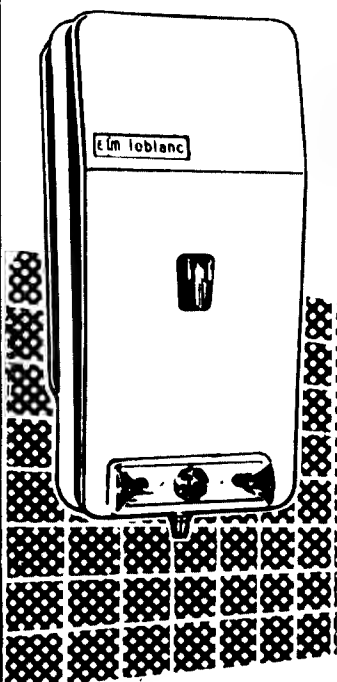
ÁGUA QUENTE BARATA!

Para o banho, para a cozinha, para duches, para lavagens, etc., a toda a hora, em qualquer local e em qualquer quantidade, eis o que lhe proporciona o famoso ESQUENTADOR francês

E.L.M.

Apresenta o NOVO modelo de 6 litros multigás





E.lm

funciona com qualquer tipo de gás, serve para águas com ou sem pressão e é dotado de

SEGURANÇA TOTAL AUTOMÁTICA

que evita todo o perigo de intoxicação e de explosão

À venda em todo o país nas casas da especialidade

Representantes exclusivos:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L

SECÇÃO ELECTRODOMÉSTICA

RUA DOS DOURADORES, 43 — TELEF. 361763 — LISBOA

RUA DE S.to ANTÓNIO, 208 — TELEF. 25581 — PORTO

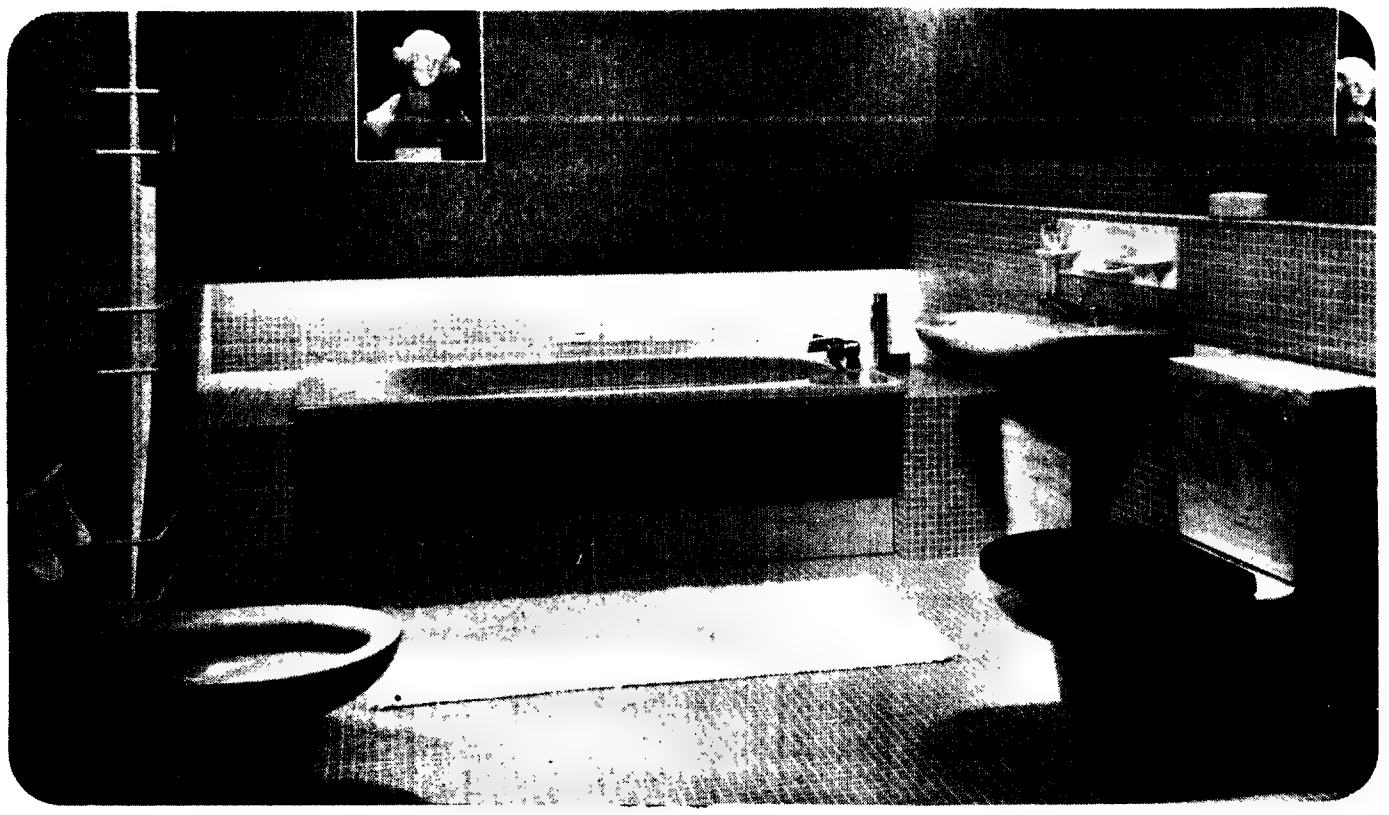
MULHER

diário

. Não são só os jornais, alguns jornais, melhor, algumas das suas secções. Não são só os livros, claro que alguns livros, felizmente raros. A doença está em nós, portugueses, em muitos de nós, quero dizer. É que quando escrevemos, quando mandamos, por exemplo, anúncio necrológico ou outro para a imprensa, deixamo-nos apanhar sem luta pelo adjectivo-caçador que emerge da nossa memória, onde esteve, por assim dizer, de emboscada. Claro que há adjectivos e adjectivos. Estes a que me refiro são, porém os perigosos como tudo, os prontos-a-vestir mas em segunda ou em milesima mão, e que, gastos de tanto uso e abuso, já na verdade não se podem ver.

Eis alguns exemplos frequentes, primeiro os do ritual da morte, depois outros: o saudoso extinto, a família enlutada, a mãe extremosa, a esposa dedicada, o inditoso operário, o piedoso acto, o doloroso dever, a eterna saudade ou o eterno descanso, o ente querido, a chorada esposa, a ilustre família, o belo talento, o cavalheiro respeitável, o nobre exemplo, a diabólica tentação, a síntese magnifíca, as merecidas férias, o repouso compensador, a delicada sensibilidade, o tema aliciante, o talento multifacetado, a prosa despretensiosa, a excepcional craveira, os momentos cruciais, a veneranda professora, a justa (ou expressiva ou merecida) homenagem, a nobre figura, o conceituado industrial, a progressiva cidade (ou vila). Nunca mais acabávamos se nos propusessemos fazer uma lista relativamente completa destes adjectivos de todos os dias.

Emília Bravo



O LUXO NO QUARTO DE BANHO

Este quarto de banho de luxo, desenhado pelo arquitecto inglês Leslie Gooday, foi recentemente apresentado em Londres pela firma Ideal-Standard. A louça sanitária é de porcelana, a imitar mármore, e o painel de revestimento da parede do fundo, bem como a tampa da sanita, têm um acabamento tipo pele.

A referida firma tem vindo a lançar no mercado vários modelos de quartos de banho singularmente luxuosos com vista a preencher as exigências de uma clientela crescente: é a sociedade (inglesa) da abundância...

Na exposição londrina do Olympia, onde os modelos da Ideal-Standard fizeram furor, estiveram representados 630 fabricantes, dos quais cerca de 100 não britânicos. Deve acrescentar-se que o sector inglês de materiais e componentes industriais deste ramo totalizou no ano passado 86,7 milhões de libras de exportações. No primeiro semestre deste ano a produção do mesmo sector registou entretanto um aumento de 35 por cento em relação a igual período de 1970.

SABA

A MARCA ALEMÃ Nº 1

Rádio · TV · Gravadores · Estéreo · Hi Fi

representantes exclusivos

ESTABELECIMENTOS M. SIMOES JR., S A R L

RUA DOS DOURADORES, 43 - TEL. 361763 - LISBOA

RUA SANTO ANTÓNIO, 208 - TEL. 25581 - PORTO

HOTEL EMBAIXADOR

TRADICIONAL «RÉVEILLON»

COM UM MAGNÍFICO «SHOW»

SAMANTHA JONES

TORENO • HELENA TAVARES

BALLET DE LEON GRIEG

Música constante por três conjuntos, um dos quais privativo do «Terraço das Estrelas».

PREÇOS: Restaurante e boite — Ceia, com reserva de mesa, 350$00. (Taxas e impostos não incluídos). No Rés-do-chão — Entrada 150$00 (com direito a 50$00 de bebidas, acrescidos das taxas regulamentares)

NO DIA DE NATAL

Jantares com ementa especial ao preço de 150$00.
(Taxas e impostos não incluídos)
(Grupo D/M/14 anos)

Tem 25 contos?
Tem 50 contos?
Tem 150 contos?
Tem 500 contos?
Tem 1.000 contos?

ADQUIRA EM COMPROPRIEDADE

APARTAMENTOS DE J. PIMENTA, S. A. R. L.

e obterá um magnífico rendimento

PAÇO DE ARCOS — ESPARGAL

Apartamentos junto ao mar

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S.A.R.L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 Telef. 45843/47843

QUELUZ — Edifício Sede: R. António Enes, 25. Telef. 952021/2

Locais de construção e venda de propriedades

Cascais — Paço de Arcos — Lisboa — Reboleira

UM BRINQUEDO SEMPRE COM NOVAS E INTERESSANTES VARIAÇÕES

MÄRKLIN

18071

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S.A.R.L.

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

ATRIUM

PARA VOS SERVIR

MINI-SNACK

Rua da Prata, 45-47

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

HORÓSCOPO DA MODA

__ Este tipo de penteado está em moda: cabelos curtos e bem ripados. É fácil executar... e dura muito.

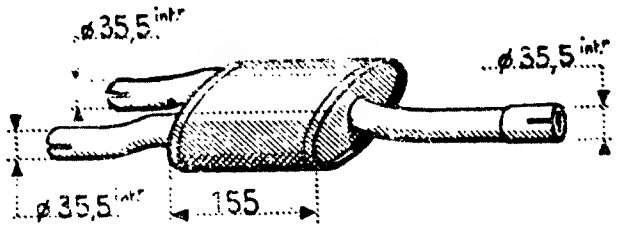
__ Este vestido de noite é de «chiffon» levando uma faixa de seda, franzida. Algo de especial, para ocasiões especiais.

MODERNÍSSIMO...

Este conjunto de três peças para passeio é oferecido às elegantes inglesas pela casa «Pringle of Scotland». Compõe-se de um casaco sem mangas, debruado a branco, «hot pants» em boca de sino e camisola de gola alta, tudo isto em lã de cordeiro ou cachemira. Não o dizemos por pirraça, mas fica melhor às mulheres de cabelo loiro.

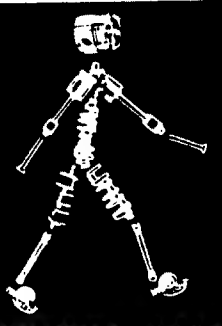
CHÁ DE HAMBURGO
LEGÍTIMO
Estimulante digestivo
BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA
Benefícios nas perturbações das vias urinárias
A VENDA NAS FARMACIAS

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE
BORTEX



O nosso fabrico está garantido, por processos modernos todos mecanizados assim como a montagem rápida a preços excepcionais
Consulte-nos e verá
SEDE: Rua Marquês de Fronteira, 110 P P C 651945-650763 -680788
FABRICA: Rua Vitor Carlos, 10-12—PONTINHA—Telef 990051
SECÇÃO DE MONTAGEM DE ESCAPES: Rua do Arco de Carvalhão 75-A — LISBOA

ASSISTÊNCIA OFICIAL
FIAT



Assistência rápida, incluindo as revisões grátis: abrangidas pela garantia
FENIX
R. Palmira, 62-A — Tel. 844169

O CONTO DE DOMINGO

O encontro

JOSÉ EDSON GOMES

A revelação do corpo trouxe-me um nó para a garganta: no meio da sala e totalmente recoberto por um lençol branco, estaria o corpo de minha mãe.

Ouvi o cessar dos murmúrios e senti a quantidade de olhares fixos em mim. Era ela, tive a certeza apesar do imenso pano branco que a cobria.

Nos rostos dos beatos de vozes calmas, interrogações se consumavam em surpresa. Eu andara por mundos diversos e penetrava agora num inteiramente novo e místico, construído de morte e velhice.

Olhei o homem cabisbaixo ao lado do corpo, sem lembrar-lhe o rosto de antes, de qualquer tempo do meu passado; e perguntei, procurando falar o menos profanamente possível:

- O senhor saberia dizer-me quando ela morreu?

- Ontem à noite, respondeu.

No seu rosto - de profundíssimas rugas - havia uns olhos cansados, mas de reveladora beleza. E uma velha de corpo enorme, feia, de penugens no rosto, concluiu: E não estava com doença visível. Fui eu quem a viu morta de repente. Aproximou-se, retirou a parte da coberta que envolvia o rosto do cadáver e o olhou profundamente. Depois de algum tempo afastou-se, pisando com rigidez o chão firme do necrotério, antes de sentar-se outra vez. Estendeu em seguida a mão, até curvar-se, e tocando a fímbria do lençol, como se o fizesse com extrema unção, disse: Mas não sei de que morreu, naturalmente.

O velho ergueu a vista. As rugas tinham-se suavizado e os olhos reflectiam tons de efectiva masculinidade. Era, sem dúvida, mais velho do que parecia:

- Creio que foi do coração.

Uma das velhas, que estivera rezando sem interrupção, suspendeu o corolário de palavras, para dizer com equilibrada força:

- Só poderia ser do coração, para morrer de repente.

Eu continuava ainda em contrição, embora a dor da perda de minha mãe se tivesse atenuado com o diálogo.

- Talvez tenha morrido devagar, objectei.

- Pois é uma conclusão. Mas ora, meu filho, se nós vimos as coisas que antecederam a morte. Eu estive com ela.

- De que falaram?

. - Do tempo. De coisas leves.

O corpo continuava na sala e pela última vez em julgamento. Parecia, entretanto, uma ausência. Não procurei ver-lhe o rosto. Permaneci sem nenhuma vontade de retirar-me e foi quando, do fundo da sala, me veio a presença da jovem: ao lado de um velho corpo imóvel, rodeada de velhos corpos rudes, aquela beleza tornava-se insólita.

Vimo-nos intensamente.

Depois, ela baixou a olhos para as próprias mãos e permaneceu assim.

- Poderíamos conversar?

Ergueu-se com desembaraço:

- Poderíamos conversar lá fora.

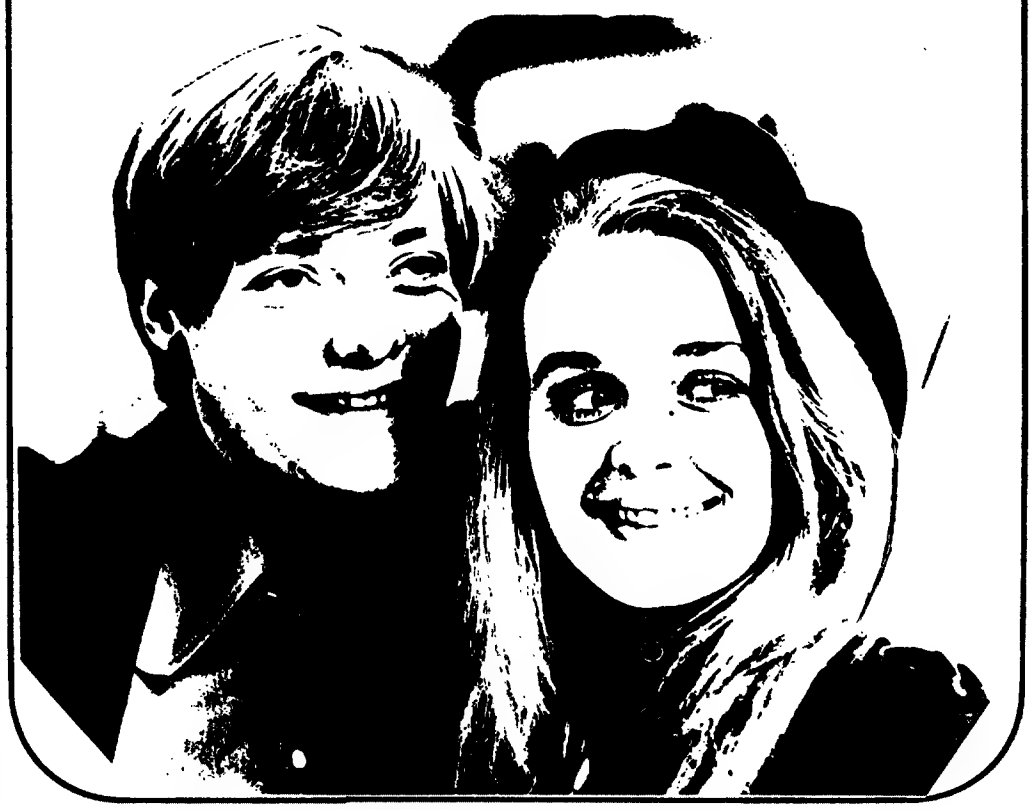
Olhei o corpo de minha mãe, antes de responder: Não. Poderíamos conversar aqui. Eu gostaria de pedir-lhe que se case comigo.

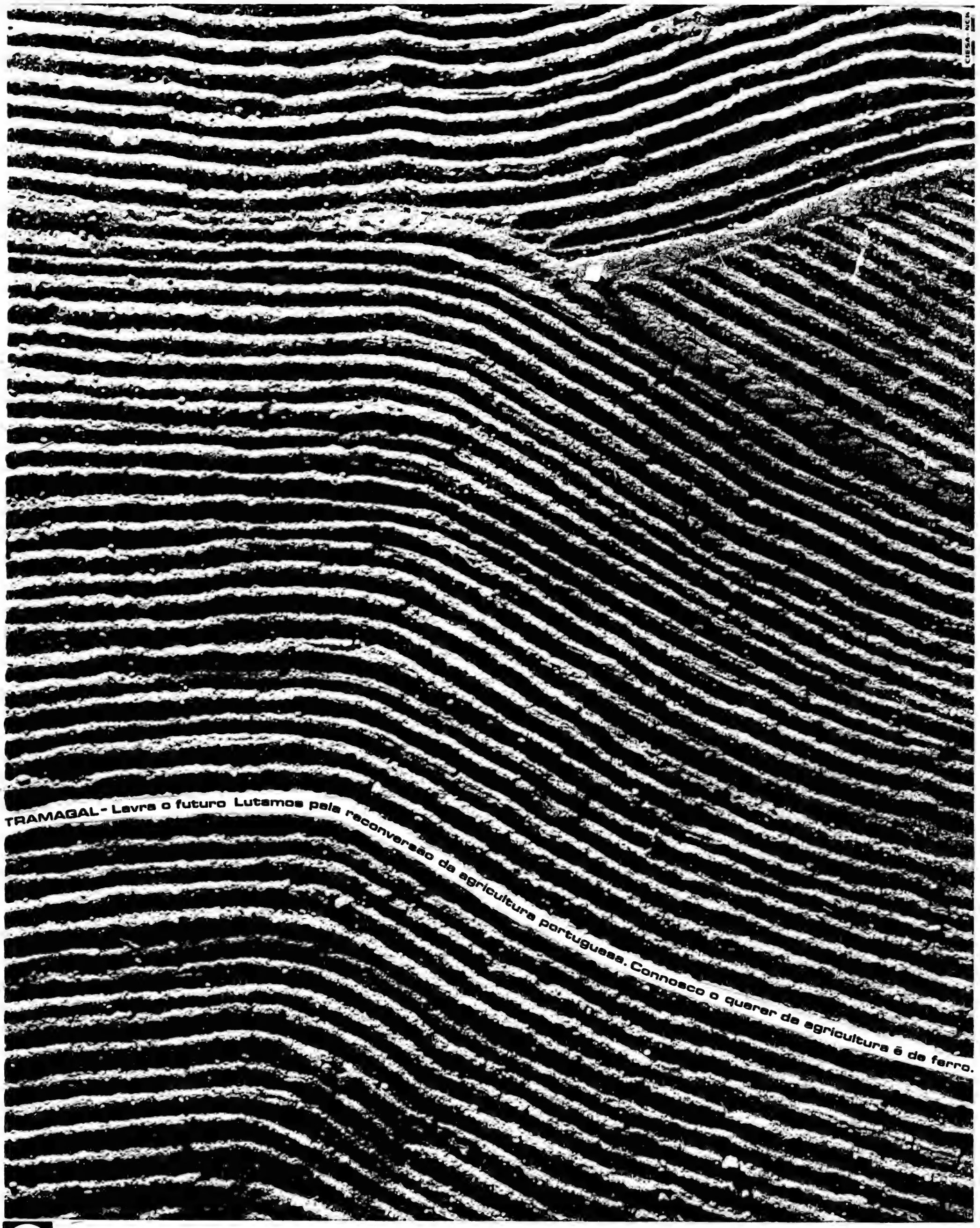
Sorriu. Olhou-me sem surpresa, mas sem haver também nos olhos qualquer credulidade.

- Poderia aceitar? Insisti.

Não recusou nem se mostrou aflita. Os circunstantes haviam deixado de murmurar e olhavam-nos ansiosos, com ar de escândalo nos rostos, como se tivéssemos dito algo de menos próprio que seus extensos corolários.

Ela olhou o corpo envolvido pelo branco lençol e não respondeu.

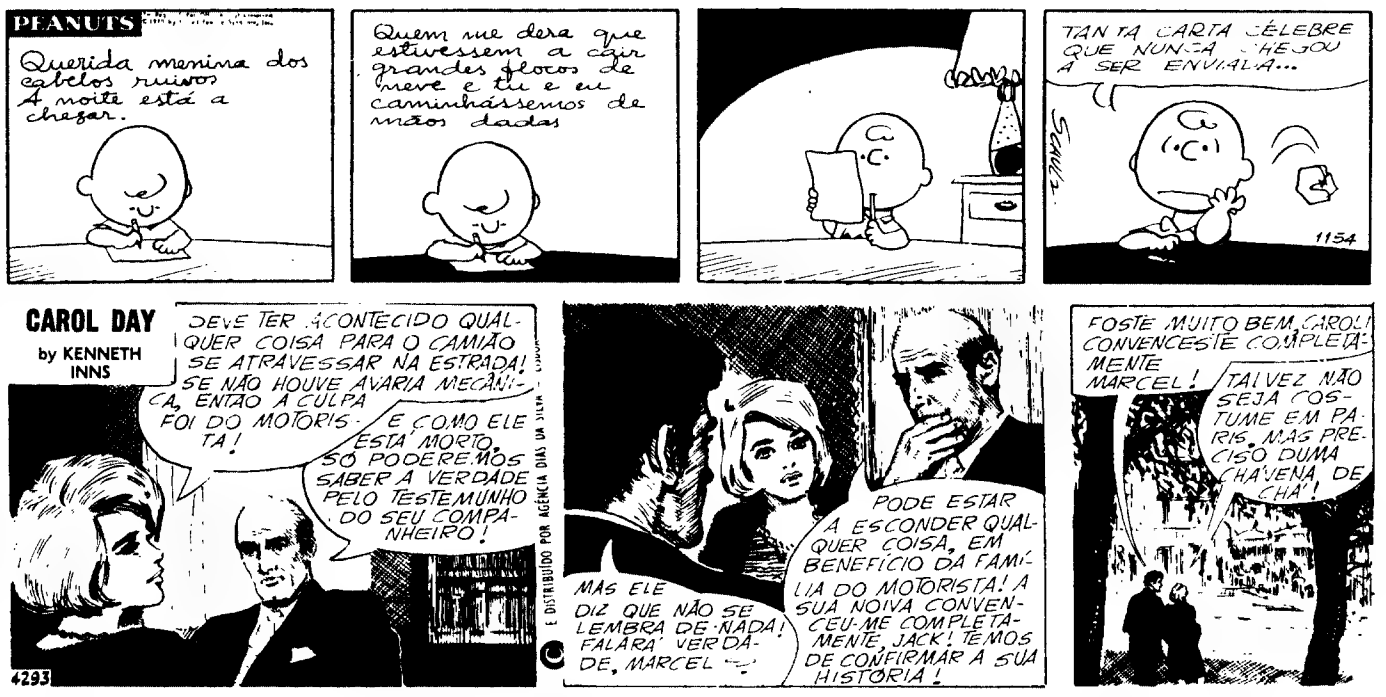


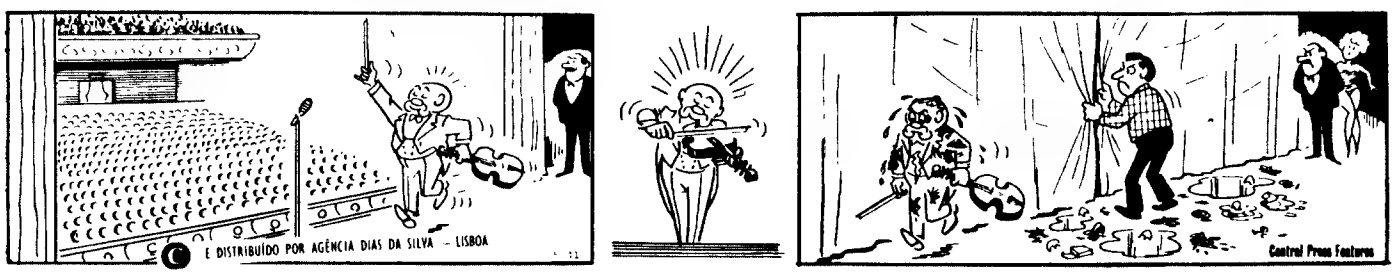


TRAMAGAL Metalúrgica Duarte Ferreira, S.A.R.L.

Glória a Deus nas alturas...

E paz na Terra aos homens de boa vontade», diz a fórmula cristã da quadra natalícia. Ela faz avultar ainda mais o carácter antipedagógico destes brinquedos de guerra que vemos nas casas da especialidade, manuseados por mãos ingénuas que se limitam a sopesar aquilo que aos olhos parece um claro deslumbramento.





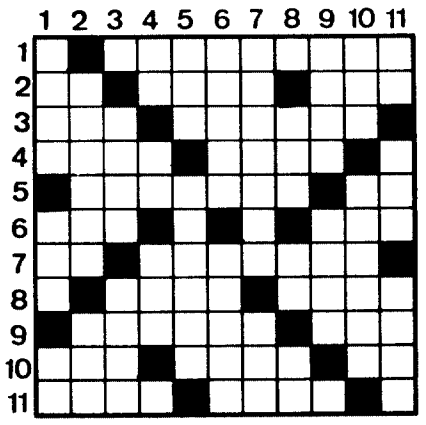
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 9957

HORIZONTAIS:

1 Dilatavam.
2 Antes do meio dia. Rio da Polónia. Ergo.
3 Chefe etíope. Misturo.
4 Homem de baixa estatura. Despacha
5 Deram voltas a (pop.). Artigo definido
6 Cabelos brancos. Mau cheiro.
7 Grande ribeira da Asia Russa. Pisaria.
8 Cidade de Itália. Rã (pop.).
9 Defuntos. Rio da Suiça.
10 Progenitor. Pegas. Dois mil em romano.
11 Após. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.



VERTICAIS:

1 Um dos estados do Brasil Colorido. Platina (s.q.)
2 Arremessam Oceano
3 Sadios. Qualquer corpo flutuante.
4 O lado do vento Rio da Russia. Grande quantidade.
5 Nome de mulher. Desvia.
6 Nadar (fig.). Zeloso.
7 Estampara. Vigorosas.
8 Consentimento. Rádio (s.q.). Abreviatura de Santíssimo.
9 Mira Encoleriza.
10 Ferro temperado. Tornaram oco.
11 Pedra de moinho. Emprega. Equipo.

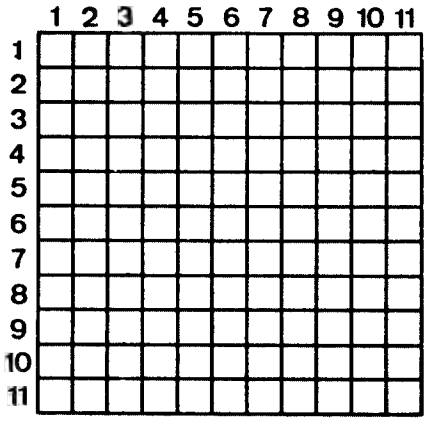
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6115

HORIZONTAIS:

1 Cidade da Bélgica. Cidade de França. Pequena bigorna de aço sem hastes.
2 Amante Louco.
3 Cidade do Peru. Perfume.
4 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Filtra. Fileira.
5 Folha de ferro estanhada. Choco.
6 Toma fôlego.
7 Viração Rio de França. Batráquio.
8 Repouse. Serra de Portugal.
9 Sulco da palma da mão. Vais para fora
10 Cólera. Pequena barra de oiro que serve de moeda entre os japoneses Ave pernalta.
11 Oferecemos. Patife.



VERTICAIS:

1 Cidade da Alemanha. Cidade de Espanha.
2 Plantio de amieiros. Saíra frequentemente à rua
3 Entrada. Escarneçam
4 Galio (s.q.). Obstinação
5 Tempo do verbo haver. Tecido de algodão ou linho muito transparente Artigo definido.
6 Nome de Buda na China. Utensílio doméstico Rubídio (s.q.)
7 Pedra de moinho. Procedera. Antes do meio-dia
8 Letra grega. Verbais.
9 Devastara (fig.). Vassourar o forno depois de aquecido.
10 Meto em atoleiro. Bruma.
11 Tempo do verbo ser. Praça forte da Alemanha à beira do Danubio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9956

HORIZONTAIS:

1 Am. Rasca Am.
2 Notar. Ocara.
3 Omite. Ramos
4 Obras. Aras
5 Or. Ar.
6 Vãs. ANO. Opa
7 Ir. Bruta. Ri.
8 Apeai. Arfar.
9 SECO. Cota.
10 Sio Seu. Mor
11 Essas. Acesa.

VERTICAIS:

1 ANO. Aviasse.
2 Momo. Arpeis.
3 Tiros. Ecos.
4 Ratar. Bao
5 Arês. Ari. SS.
6 ONU. DE.
7 Cora. Ota Ua
8 Acará. Arc
9 Amaro. FOME.
10 Aros. Pratos
11 Más. Pairara.

Provérbio: ANO SECO ANO DE FOME.

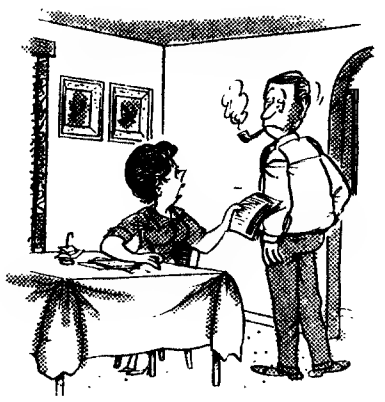
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6114

HORIZONTAIS:

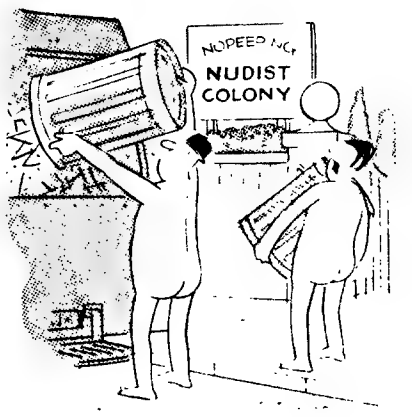
1 Emden. Dalat.
2 Loira. Afira.
3 Erra. Aaro.
4 Ta. Ter. Sé.
5 Ge. Errem. Mu.
6 Riana. Iates.
7 Arrependida.
8 Oó. Olá. Rã.
9 Mês. Rui.
10 Edam. Atol.
11 Coser. Fiara.

VERTICAIS:

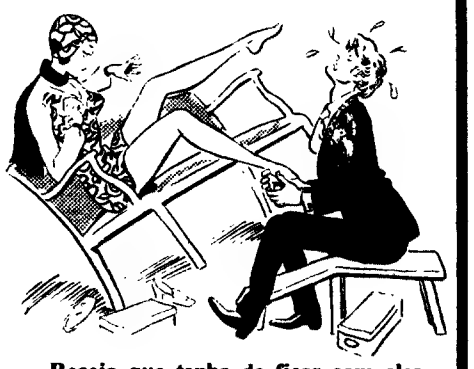
1 Ele. Grã. Mec.
2 Morteiro. Dó.
3 Dirá. Aromas.
4 Era. Ene. Eme.
5 Na. Trapos.
6 Ser. El.
7 Dá. Reinar.
8 Afã. Mad. Uai!
(Lias Tirita.
10 Arremeda. Or
11 Tão. Usa. Clã.



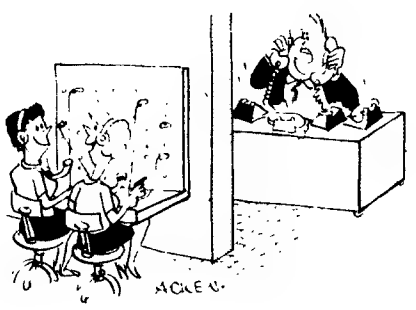
Segundo os meus cálculos, acho que vamos sobreviver perfeitamente desde que retiremos certos pequenos luxos, como comida e vestuário.



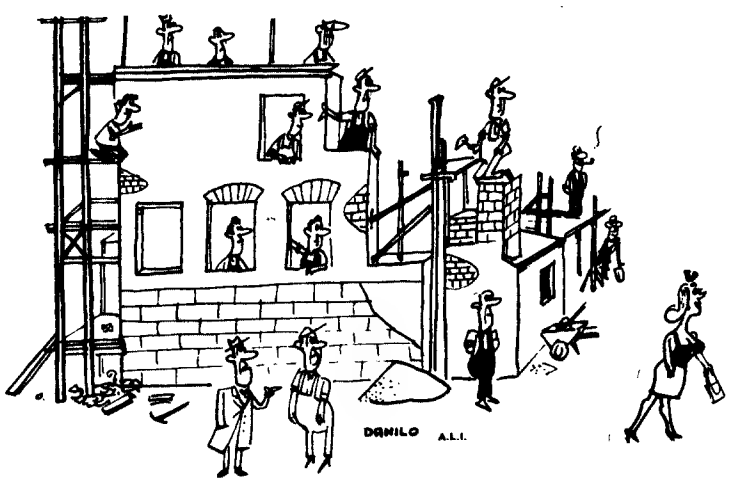
«Espero que eles não insistam em que venhamos cá fora despejar os baldes do lixo!»



— Receio que tenha de ficar com eles, minha senhora! Não consigo tirá-los...



— Está descompondo-se a si próprio...



Cada vez que esta rapariga passa por aqui, perco um total de 5 horas de trabalho.

QUEM SÃO OS MECENAS DO NOSSO FUTEBOL?

Murros directos no estômago dos adeptos mais conscientes e menos adormecidos são frequentes nas assembleias gerais dos grandes clubes. Ainda há meia dúzia de dias, em reunião belenense, exprimiu-se público agradecimento a Manuel Bulhosa, sem cuja colaboração não teria sido possível pagar vencimentos a futebolistas e ocorrer (falou-se mesmo em 800 contos) a prementes encargos com pessoal do clube «azul», gente que muitas vezes vive de credo na boca, de olhos ansiosamente colados às bilheteiras de uma providencial meia-dúzia de jogos do campeonato maior.

Os briosos jogadores do Boavista ficaram três meses sem receber.

Adolfo Vieira de Brito.

Manuel Bulhosa.

O PÃO DA MENTIRA

E há mais. Muito mais. Veja-se o que se passou (ou ocorre ainda) pelas hostes boavisteiras. Meirim pode ter muitos defeitos, mas de quando em vez tem a sua razão. E colocou o dedo na ferida: quem não tem competência não se estabelece. Há clubes que não podem suportar os encargos com a manutenção de uma equipa de futebol profissional e, não obstante, lançam-se atrevidamente nessa insensata aventura: daí que, com maior ou menor frequência, os pagamentos de «luvas», ordenados ou prémios, tanto a jogadores como a treinadores, fiquem para trás de outros compromissos ainda mais urgentes. E todos sabemos como a esmagadora maioria dos dirigentes desportivos está enfeudada ao sortilégio do futebol, em detrimento de qualquer outro pensamento seja para que modalidade for.

— **Como querem que os meus rapazes triunfem nos jogos?** — interrogava Meirim, ante a angústia de um punhado de homens que labutava no seu míster e não recebia da entidade patronal (a tempo e horas) o salário do seu trabalho.

Por outro lado, o eng.º José Maria Gonçalves, presidente do Tirsense, vem a lume com afirmações como esta:

— **O Tirsense também tem os seus problemas financeiros, mas não está assim tão mal como se diz por aí. A situação do clube não é, de modo algum, alarmante: muito embora também não seja desafogada.**

E acrescenta, decerto radiante:

— **Há muitos e bons tirsenses!**

Lúcio da Silva.

Pinto de Magalhães.

Meirim fez a corajosa denúncia: o rei (o nosso futebol) vai nu.

AS PARALELAS

Os casos do Boavista e do Tirsense servem, aqui, apenas como espelhos de situações absolutamente análogas que se verificam também em outras coordenadas. No Boavista, a morte inesperada de Manuel Marau provocou uma assembleia geral: a viúva do dirigente desaparecido queria saber quem é que lhe vai devolver uma parte do dinheirinho adiantado pelo marido ao clube, sem contar com a responsabilidade futura das assinaturas colocadas em letras bancárias que serviram, em muitas emergências, para tapar buracos na administração dos «axadrezados». Quanto ao Tirsense (é o próprio presidente quem o confessa nas colunas do «Mundo Desportivo») as coisas afinal também estão muito tremidas: e o desanuviamento da má situação financeira assenta em bases hipotéticas, utópicas, que podem ou não resultar. Diz o industrial de Santo Tirso, que é também presidente do clube local:

— **A nossa direcção só começou a pagar dívidas a partir de fins de Maio. Até aí, o comendador Abílio de Oliveira, pessoa que ofereceu à colectividade muito dinheiro (como é sobejamente conhecido) havia liquidado tudo. Quando aquele conceituado dirigente saiu, sòmente existia responsabilidade para com os atletas e uma entidade bancária, no montante de 765 contos: que foi liquidada, também, pelo comendador Abílio de Oliveira na data do respectivo vencimento. Aliás, nós só aceitámos ser eleitos sem esse compromisso.**

Pode acrescentar-se que os dois dirigentes que avalizaram uma letra também no valor de 765 contos foram accionados bancàriamente, com o prejuízo (moral, sobretudo) que se calcula e avalia. É que esse dinheiro ainda não foi pago, estando a direcção do Tirsense disposta a solicitar uma assembleia geral para pedir aos associados que abram mais um bocado os cordões à bolsa.

Boavista e Tirsense: casos e problemas semelhantes. No Boavista, os ordenados de Novembro estão a ser pagos aos soluços um mês depois de vencidos. No Tirsense, as mensalidades dos futebolistas referentes ao mês passado estão agora a ser liquidadas. Isso e uma prestação por conta das «luvas»: graças à divina e providencial visita do Sporting que, se hoje fizer bom tempo, levará muita gente ao campo «Abel Figueiredo».

OS CLÃS

E que, amigos, o futebol profissional português é uma autêntica e indesmentível mentira. Não há receitas, mesmo em cinco-seis avos dos jogos entre clubes primo-divisionários, capazes de sustentarem uma representação futebolística com aspirações vincadas. Se é verdade que o **peso** dos associados clubistas apenas existe porque está acorrentado ao futebol do seu emblema, não é menos certo que as cotizações normais (mesmo já com os vários suportes inventados sob o genérico dos «Dias do Clube») não chegam para equilibrar as balanças do deve-haver nos chamados «grandes baluartes desportivos» do nosso país.

Pegue-se no Sporting onde, para além do inegável **pulso** e senso administrativo do presidente Brás Medeiros há frequentemente necessidade de socorro a cofres que se abrem para adiantar verbas que, na maioria dos casos, não regressam à base. Vão longe os tempos em que a família Ribeiro Ferreira (ou o clã Graça) tinha de acorrer a todos os lados, para garantir a continuidade da equipa dos «violinos»: que nem por sombras custava um décimo do que é necessário agora dispender para reunir um grupo de muito menor craveira e botá-lo num campeonato de futebol. Vão longe essas épocas. Mas, se os homens (as cores e os nomes) mudaram, as necessidades (ampliadas) são parecidas. Basta ver a lista de empréstimos ou donativos feitos ao Sporting, em tempos mais ou menos recentes, por individualidades de peso na balança financeira: Manuel Vinhas, Mário Cunha, Amado de Aguilar, Casal Ribeiro, José Lúcio da Silva. O próprio trio de dirigentes principais (Brás Medeiros, Pereira da Silva e Abraão Sorin) não têm escapado a essas **flechadas**.

No Porto, não levantaremos nenhum boato se garantirmos que foi graças à generosidade do banqueiro Afonso Pinto de Magalhães que se tornou possível respirar hoje vida equilibrada e sem problemas financeiros. O que ocorreu após a época de Nascimento Cordeiro não é mais do que cinza na história dos «azuis-brancos»: mas pode voltar a ser actual.

E, se falarmos no Benfica, também não se esgrime com armas desconhecidas: foi por obra e graça das fortunas pessoais de Maurício e Adolfo Vieira de Brito (muitas vezes pela emulação pessoal entre os dois irmãos) que o clube construiu e manteve uma turma de futebol que deu os mais altos voos da sua história. Tal e qual como sucedeu agora, em que o presidente Borges Coutinho abre frequentemente a carteira para daí retirar os vultuosos prémios que impulsionam Simões e seus companheiros para as gritantes cavalgadas aos terreiros adversários.

Como se infere, apenas graças à abnegação (e devoção) de um punhado de «carolas» tem sido possível ao futebol português substituir dentro das fictícias fronteiras de grandeza a que habituou milhares de associados clubistas, que sòmente ligam o seu nome às agremiações porque, contra umas dezenas de escudos, têm espectáculo gratuito e lugar sentado aos domingos e dias santificados. E, se isto se passa no campo dos clubes, a crise é ainda de maiores proporções em relação à actividade federativa: que só vai esperneando por obra e graça de sucessivas doações do Totobola, espécie de Fundação Gulbenkian dos maus administradores das coisas desportivas.

PÉS NO CHÃO

Ao folhear-se a lista dos clubes portugueses que andam envolvidos em cotejos futebolísticos dentro dos três escalões máximos, há pano para mangas no evocar de recor-

Continua na pág. seguinte

Texto de NEVES DE SOUSA

QUEM SÃO OS MECENAS DO NOSSO FUTEBOL?

Continuação da página anterior

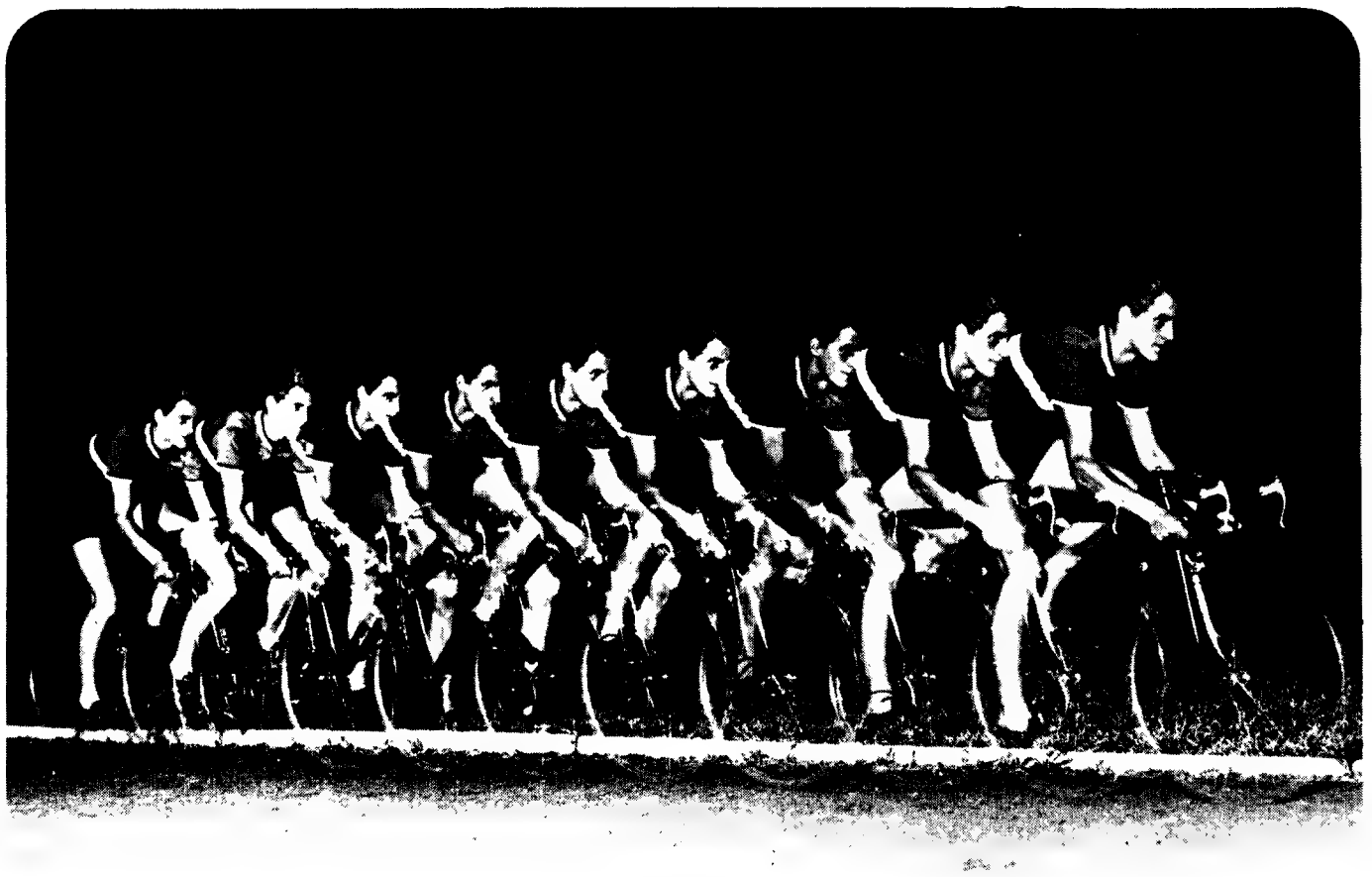
dações. Estoril, Lusitano de Vila Real, Luso do Barreiro, Juventude de Evora, Leça, Oliveirense, Académico de Viseu, Ovarense, Feirense, «O Elvas», Olhanense, Covilhã, o próprio Casa Pia estão agora mais próximos da sua justa capacidade, do seu exacto horizonte.

Para além destes, fugindo ao fausto de arlequins em bailes de cortesãs, há muitos outros grémios clubistas que não voltaram a acertar o passo por antigas grandezas: caso do Coruchense, por exemplo. Como, caídos na vala comum da segunda divisão, sufocados por um universo de dívidas, estão os lusitanistas de Évora, para quem secou a fonte dos milhões, a árvore das boas patacas. E também já por lá vai o tempo das vacas gordas que sorriu ao Famalicão e ao Olhanense, ao Salgueiros e ao União de Coimbra, à Sanjoanense e ao Sporting da Covilhã, ao Portimonense como ao Sporting de Braga. Ou, até, ao próprio Varzim: que, meia dúzia de meses após ter resvalado do escalão superior, logo se encontra a braços com a crise. Sem direcção e, o que é pior, sem ninguém que queira ser seu dirigente. Porque, para lá das radiantes máscaras que apregoam alegrias sem fim e terras de promissão logo ao virar da esquina, acaba por surgir a nudez crua e forte da verdade dos números e das realidades.

A OUTRA FACE

Voltando à história de clubes portugueses que sempre se mantiveram em plano saliente na vanguarda do futebol português, vamos redescobrir vultos como os dos benfiquistas José Ferreira Queimado, Fernando Martins, António Ferreira e Romão Martins, os belenenses Henrique Tenreiro, Francisco Mega, Salustiano Lopes e Acácio Rosa, do portista Sebastião Ferreira Mendes: homens que deixaram amarrado ao seu clube algo mais do que o simples nome. Gente que serviu os seus clubes sem deles se servir.

Mas, há o reverso da medalha. Um dos meios mais eficientes para qualquer anónimo se tornar figura conhecida é conseguir um lugar na lista de corpos gerentes de um clube bem projectado junto do público. À custa disso conseguem-se, por vezes, coisas mirabolantes: nomes implantados em lápidas ou à entrada de campos de jogos, bbusto (quase) perpetuados em mármore, palmadinhas nas costas, aplausos aos montões logo no início de assembleias gerais, diplomas de sócios beneméritos, facilidade de fazer negócios extra-desportivos ou aparecer nas colunas dos principais jornais. Até a possibilidade de tratar por tu, de cima para baixo e sem a menor veneração, os «ídolos» da bola: a quem ontem não se chegava nem com carta de apresentação. Essa, porém, é outra fauna: que, por capricho, necessidade, coragem ou paixão, fez de muitos clubes desportivos portugueses uma espécie de quintais das suas vastas propriedades comerciais. Ou uma amante cara; e ingrata.



O CICLISTA QUE VALE POR NOVE

A moderna técnica fotográfica torna possível que um único ciclista surja nove vezes na mesma fotografia, separando parcialmente movimentos deveras complicados. Um aparelho construido por uma firma alemã impressiona nove vezes o negativo por intermédio de um «flash» electrónico que funciona com um comando temporário igual para as nove fases custando a façanha um preço irrisório.

PROMÁQUINA — **Técnica de Máquinas e Equipamentos Industriais, Lda.**

orgulha-se de durante o primeiro ano da sua actividade ter contribuído para o desenvolvimento nacional, colaborando no apetrechamento da INDÚSTRIA PORTUGUESA, a quem forneceu, durante 1971, Máquinas-Ferramentas da sua representada STROJIMPORT S. A. de Praga — Checoslováquia. Entre os fornecimentos que nos honramos de ter efectuado, destacamos:

BABCOCK & WILCOX PORTUGUESA, S.A.R.L.
Mandriladora Fresadora Horizontal de Montante Móvel e Mesa Fixa, tipo «HP 100» com 4.000 mm de curso longitudinal.

COMETNA — Companhia Metalúrgica Nacional, S.A.R.L.
Torno Vertical de Dois Montantes, tipo «SK 25 B» com um prato de 2.400 mm de diametro.
Torno Vertical de Dois Montantes, tipo «SK 16» com um prato de 1.600 mm de diametro.

EFACEC — Empresa Fabril de Máquinas Eléctricas, S.A.R.L.
Mandriladora Fresadora Horizontal de Mesa Rotativa, tipo «W 100».

FAMEL — Fábrica de Produtos Metálicos, Lda.
Máquina de Talhar Engrenagens, tipo «OHO 20».

FUNDIÇÕES DO ROSSIO DE ABRANTES, S.A.R.L.
Mandriladora Fresadora Horizontal de Mesa Rotativa, tipo «WH 80».
Torno Vertical de Um Montante, tipo «SKJ 10» com um prato de 1.000 mm de diametro.

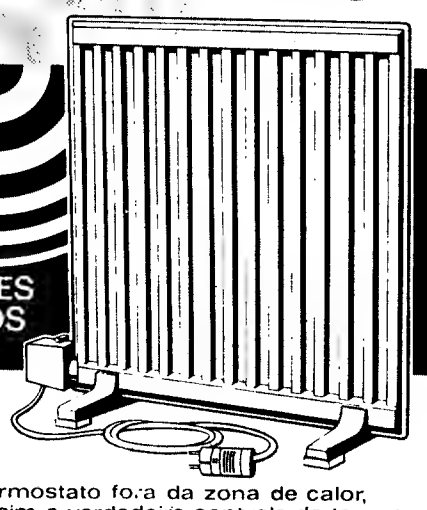
JACINTO RAMOS & IRMÃO
Mandriladora Fresadora Horizontal de Mesa Rotativa, tipo «W 100».

SOREFAME — Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S.A.R.L.
Mandriladora Fresadora Horizontal de Mesa Rotativa, tipo «WH 13» com um Sistema de Visualização de de Cotas «SIEMENS».
Mandriladora Fresadora Horizontal de Montante Móvel e Mesa Fixa, tipo «WD 130» com 6.400 mm de curso longitudinal.
Mandriladora Fresadora Horizontal de Montante Móvel e Mesa Fixa, tipo «WD 130» com 8.000 mm de curso longitudinal.
Plaina de Dois Montantes, tipo «HD 12 B» com 6.000 mm de curso.
Torno Vertical de Dois Montantes, tipo «SK 25 B» com um prato de 2.400 mm de diametro.

TEGOPI — Teixeira Gomes & Pinho, Lda.
Mesa Rotativa, tipo «ISO 12» com capacidade para suportar peças de 12 toneladas.

PROMÁQUINA Rua Francisco Franco, 1 — LISBOA (5) — **Telefones: 716324 - 716793**

Termel



RADIADORES ELECTRICOS A ÓLEO

Unicos com termostato fora da zona de calor, permitindo assim o verdadeiro controle da temperatura ambiente.

O AQUECIMENTO MAIS CONFORTAVEL E MAIS SEGURO

com Termel Termina o frio em sua casa!

Os radiadores TERMEL são fabricados na FINLÂNDIA onde o frio é realmente frio.

DIRIJA-SE HOJE MESMO AO SEU FORNECEDOR DE ELECTRODOMESTICOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
Estabelecim. M. Simões Jr, S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS
Rua dos Douradores, 43 tel. 361763 LISBOA
Rua de St. Antônio, 200 tel. 25581 PORTO

CURSO DE ELECTRICIDADE E ELECTRONICA

Eestinado à sua Formação à melhoria da sua vida profissional, ao aumento do seu bem estar.

Essencialmente prático e apoiado em Laboratório.

Horários diurnos e pós-laborais

Início do próximo curso: 17/1/72

Informações e Inscrições:

INSTITUTO DE ESTUDOS MECANOGRÁFICOS

Rua Castilho, 61-4.º — Lisboa — Tel. 561060.

ATRIVM

PARA VOS SERVIR

RESTAURANTE DE LUXO

Serviço de Bar das 15h e 30m às 24h

Rua de S. Julião

HORUS

RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

Para o período de 26 de Dezembro a 1 de Janeiro

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR — A situação amorosa, a vida familiar e social, podem sofrer alterações prejudiciais motivadas pela sua efervescência cuja causa principal gira à volta dos assuntos materiais. Tenha calma e não desespere com os acontecimentos.

DINHEIRO — Disposição um tanto precipitada ou nervosa que poderá concorrer para causar prejuízos financeiros. Os resultados conseguidos nesta altura não satisfazem.

PROFISSÃO — A vida profissional não terá interesse. As ideias e projectos que a sua imaginação anda a magicar em relação a mudança de ambiente ou deslocação para o além-mar não encontram nesta ocasião o momento propício para esse efeito. Perigos de questões inesperados com associados, pessoas das suas relações, colegas ou superiores.

SAÚDE — Cuidado com acidentes de trânsito. Não ande abstracto em artérias de movimento.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR — Tempo equilibrado nos assuntos domésticos, problemas sentimentais e nas relações familiares e sociais. Dedique-se com mais interesse e atenção aos seus. Neste período terá a ideia de pressentimentos certos. Propício aos projectos de casamento e sua celebração.

DINHEIRO — Está numa boa fase para conseguir bons proventos, para o que é indispensável que faça uso de toda a sua inteligência e demonstre com factos os seus conhecimentos.

PROFISSÃO — Bom tempo para a profissão e indicado ao seu desenvolvimento. Aproveite as ideias para criações novas e seguir um rumo diferente de actividade. Reformas que podem conduzir a bons resultados que virão melhorar a sua posição social.

SAÚDE — Cautela com pequenos acidentes ou ferimentos no trabalho, ou mesmo ainda em simples distracções. Tendência a reumatismo.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR — Período prazenteiro na vida amorosa. Propício para efectuar visitas a parentes e amigos. Indicado também a passeios. As hesitações na corrente semana podem afectar a felicidade. Há perigo de percalços durante os passeios ou divertimentos.

DINHEIRO — Bom para conseguir resultados monetários através de diligências junto dos familiares. Cuidado com as despesas excesivas pois há tendência nesta altura a gastos extraordinários.

PROFISSÃO — Tempo em que pode conseguir protecções que dêem o seu apoio às suas actividades profissionais. Benéfico para se estabelecer ou iniciar-se por conta própria. As sociedades feitas durante este período são bem sucedidas.

SAÚDE — Disposição alegre e saudável. Os bons aspectos astrais revigoram o organismo.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR — A sorte não vos favorece neste campo. Há diminuição nas boas influências transactas. Defenda-se e prepare-se para enfrentar desilusões. As amizades procederão com frieza e reserva.

DINHEIRO — Financeiramente a semana apresenta-se sem interesse; conseguirá menos do que espera. As suas iniciativas serão contrariadas, mas não force os acontecimentos, e procure equilibrar o orçamento.

PROFISSÃO — Aborrecimentos na situação profissional. As coisas não lhe correrão como deseja. Possibilidades de fracassos nas suas «démarches». A ocasião não é oportuna para resolver e tentar tratar de assuntos importantes: resigne-se e espere melhores dias.

SAÚDE — No aspecto físico observa-se um certo desfalecimento. Há tendência a indisposições, embora não sejam de carácter alarmante.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR — Acontecimentos agradáveis no lar, vida familiar harmoniosa e sem choques. Encontrará, mais fàcilmente do que pensa, a solução que procura. Portanto, no campo sentimental, contará com novos elementos capazes de lhe proporcionarem um mais perfeito equilíbrio.

DINHEIRO — Uma actividade resoluta e sistemática proporcionar-lhe-à interessantes resultados. Bom para a conclusão de negócios materiais ou profissionais em suspenso.

PROFISSÃO — As suas ocupações profissionais tendem a absorvê-lo mais do que o costume. Na verdade, há indícios de grande actividade profissional, sobretudo para aqueles que exercem uma profissão artística ou intelectual.

SAÚDE — As suas condições físicas serão normais, durante o presente período, mas será conveniente que procure repousar o suficiente.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR — Excelentes perspectivas no que se refere ao lar, aos assuntos sentimentais, assim como às eventuais alterações a introduzir nesse domínio. Terá, igualmente, o ensejo de criar novas e úteis relações.

DINHEIRO — Não confie nas promessas que lhe serão feitas a propósito duma diligência financeira. Obterá ganhos que serão o resultado de diversas actividades ou do domínio intelectual. Um assunto pecuniário em suspenso resolve-se agora de maneira absolutamente satisfatória.

PROFISSÃO — Tudo parece correr favoràvelmente no quadro dos seus assuntos profissionais, mas seria conveniente fazer o possível para que os resultados sejam sólidos e duradoiros.

SAÚDE — Tudo correrá bem durante esta semana, no que se refere ao seu estado de saúde.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR — O domínio afectivo parece trazer-lhe numerosas satisfações. Vida mundana igualmente muito em relevo, intensa. Aproveite a oportunidade, mas não se entusiasme demasiado. Clara melhoria das suas possibilidades sentimentais e amorosas.

DINHEIRO — Bom período para as iniciativas, especialmente para aquelas que se referem às finanças. Poderá estabelecer novas relações comerciais e fazer prosperar os seus negócios graças a uma hábil publicidade.

PROFISSÃO — Excelente período; a sorte está no seu lado, especialmente sob o ponto de vista material e profissional. Receberá uma proposta muito favorável neste campo; examine-a cuidadosamente antes de tomar uma decisão.

SAÚDE — Não observamos influências contrárias durante esta semana, no que diz respeito ao seu estado de saúde.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR — Evite as discussões com parentes e sobretudo com as pessoas idosas, no campo familiar. Ideias e iniciativas pouco felizes no capítulo sentimental e afectivo. Não introduza alterações neste domínio antes de verificar se vale a pena, tendo em conta os desejos das pessoas interessadas.

DINHEIRO — Vantagens substanciais obtidas graças a uma colaboração ou associação. No entanto não procure apressar a conclusão do negócio. As iniciativas relativas aos assuntos pecuniários parecem favorecidas, e darão resultados satisfatórios apesar dum pequeno atraso.

PROFISSÃO — Os planos agora estabelecidos terão um desenvolvimento favorável no futuro; no entanto são prováveis alguns contratempos pelo que terá de dar provas de paciência.

SAÚDE — Será aconselhável que use de todas as precauções, pois são possíveis algumas alterações de saúde, durante esta semana.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR — Uma amizade tende a estabilizar-se na harmonia que lhe convém. Concentre os seus esforços na realização dos seus projectos afectivos e sentimentais. Observando as coisas de maneira objectiva conseguirá ver claro e fazer uma escolha judiciosa.

DINHEIRO — Depois dum desenvolvimento um pouco lento, os negócios retomam a sua expansão e conseguirá obter o que deseja. Fará progressos apreciáveis no quadro pecuniário; a sua maneira actual de ver as coisas valer-lhe-á muitos sucessos.

PROFISSÃO — Aproveite a sua eficiência profissional actual para obter uma solução rápida para um projecto de trabalho a que atribui grande importância. As viagens gozam de influências favoráveis.

SAÚDE — Período pouco favorável no que se refere ao seu estado de saúde, sendo sobretudo de recear algumas perturbações no estômago ou no funcionamento dos rins.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR — A adversidade toca-lhe à porta neste período. Os interesses sentimentais, o convívio doméstico e as relações sociais não serão famosos. Só com muita calma e espírito paciente poderá sair incólume da má influência.

DINHEIRO — Os seus interesses financeiros serão contrariados. Para conseguir realizar algo terá de usar de muita perspicácia, pois a semana monetàriamente é falsa.

PROFISSÃO — Para resolver a sua vida profissional necessitará mais de sagacidade e subtileza do que de sabedoria e inteligência. Não poupe os seus esforços, porque só com muita coragem e vontade poderá livrar-se de trabalhos.

SAÚDE — Se se conformar com as vicissitudes do período, a saúde não será afectada. De contrário o sistema nervoso será abalado.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR — A semana é excelente para pôr as coisas nos seus devidos lugares. Os assuntos familiares podem chegar a bom termo. Todo e qualquer ressentimento anterior com referência à pessoa amada encontrará neste momento a harmonia desejada.

DINHEIRO — Período afortunado. A boa disposição concorrerá com a sua quota parte para o êxito monetário. Boas perspectivas financeiras e propostas interessantes darão incremento aos negócios.

PROFISSÃO — Trate de estabelecer contactos para uma actividade mais vasta. Bons prenúncios profissionais e facilidades no trabalho serão as consequências da posição áurea que atravessa.

SAÚDE — No capítulo físico as coisas correrão bem. Os nativos deste signo que se encontrem doentes, sentirão alívios.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR — Os astros mostram-se benévolos quanto à sua correspondência particular, íntima, facilitando a realização de muitos dos seus desejos. Isso deverá dar-vos contentamento. Os que têm interesses românticos poderão estabelecer novas amizades.

DINHEIRO — Uma influência de advertência em relação a este capítulo, mostra que surgirão aborrecimentos indesejáveis de actos impulsivos ou temerários. Tenha isso em consideração, quando tratar de problemas de dinheiro.

PROFISSÃO — Faça apenas aquilo que se considera capaz de levar a cabo. Isto é, não queira realizar tarefas superiores às suas forças. Também, procure levar até ao fim qualquer trabalho que inicie e só então, deverá encetar outro.

SAÚDE — Sob o ponto de vista físico a semana apresenta-se favorável.

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em ..... de Dezembro de 1971

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Peugeot 304	2			
Torralta	5			
Miraflores Lux	6			
Empresa Insulana de Navegação	10			
Ford	12			
Siurbe	14			
Lotus	15			
Editéc	18			
Centro do Livro Brasileiro	19			
T.A.P.	19			
Vista Alegre	20			
Candy	21			
Dimplex	21			
Volvo	22			
Tia Maria	23			
Utilmóvel	24			
Buta-Thermax	24			
Castor	26			
J. Pimenta	26			
Morris	27			
3 K Gibo Portuguesa	32			
Volkswagen-Guérin	Sete			
Busch	Sete			
Valentim de Carvalho	Dezassete			

DL CONTA CORRENTE

Três carros

Directamente para a juventude que, mais do que nunca, se apaixona pelos novos modelos de automóveis e, de cor e salteado, conhece as suas características, as suas possibilidades, toda a gama de qualidades que distinguem as várias marcas em saliência nos mercados especializados, a «Conta-Corrente» faculta a conquista de três carros sensacionais, de notáveis «performances»: um «Citroen Ami 8» (que está **integrado** na magnífica vivenda construída por Baraona e Baraona, Lda. e mobilada por Móveis Baía), um «Audi 75 Variant», e, ainda, o importante «Triumph Spittfire» que é **saborosa** distinção do jornal «Motor» para o melhor classificado dos seus leitores que, simultâneamente, seja também leitor do «Diário de Lisboa», e, lògicamente, participante na iniciativa com que comemoramos os primeiros cinquenta anos de vida deste jornal.

Um «Citroen Ami 8» (já o acentuámos, mas nunca será demais relembrá-lo) constitui parte integrante do **bolo** que reservamos para o leitor que triunfe no «sprint» para a vivenda construída por Baraona e Baraona, Lda., na aprazível e cosmopolita zona de Cascais: o ponto fulcral das atenções de milhares de pessoas.

O «Audi 75 Variant» e o «Triumph Spittfire»destinam-se a outros dois leitores que, através da «Conta-Corrente», amealhem um pecúlio pontual que os coloque nos postos mais cobiçados. Daí que possamos, com bastante orgulho, chamar a atenção da juventude interessada no automobilismo para o facto da «Conta-Corrente» ter na sua **montra** de prémios três dos carros mais belos e mais pretendidos do Mundo: sem dúvida um poderoso aliciante a cativar os sonhos de conquista de três afortunados.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

16.ª SEcção de Actividade «Comércio e Géneros Alimentícios»

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA PARA ELEIÇÃO DA COMISSÃO DIRECTIVA E REPRESENTANTES À ASSEMBLEIA GERAL DO SINDICATO PARA O TRIÉNIO DE 1972/1974

RECTIFICAÇÃO

Rectifica-se a data da realização desta Assembleia Geral Ordinária, a qual se realiza em 7 de Fevereiro de 1972, à mesma hora (21.00) e no mesmo local Rua do Alecrim, n.º 46-1.º em Lisboa, e não como por lapso se noticiou em 28 de Janeiro de 1972.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1971

A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Rua Braamcamp, n.º 9-2.º LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA PARA APROVAÇÃO DOS ORÇAMENTOS SUPLEMENTARES PARA 1971 E ORDINÁRIO PARA1972

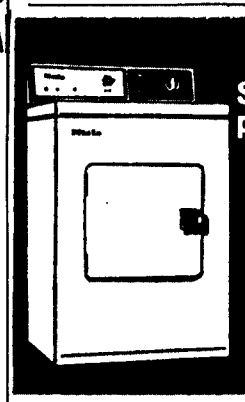
COMUNICAÇÃO

Em virtude de na 3.ª sessão desta Assembleia Geral realizada em 22/12/71 não se ter completado a apreciação na especialidade - o Orçamento para 1972, comunica-se que a mesma prosseguirá os seus trabalhos para continuação da apreciação do referido Orçamento no próximo dia 27 do corrente, às 21,30 horas prefixas, as instalações da Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, em Lisboa.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1971

O PRESIDENTE DE MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

(a) **Jaime Franco**


Se v.exª lava automàticamente porque não seca automàticamente?

Míele

Primeiro secador electrónico

AGENTE OFICIAL

J. F. S. Romeiras Palma
R. da Escola Politécnica, 27
Tel. 370806 Lisboa.

salomé
la contrahecha
sandro core
rancho do calvário
l/á's band
musica para dançar
sarailino

FIM DO ANO
ALGARVE
TORRALTA
TROIA
FIM DO ANO

jair rodrigues
originais do samba
grupo as cigarras
albatroz harazen
musica para dançar
dia 2 palhaços -
armando, lisboa & companhia
no dia 1 jantar de Ano Novo
com o mesmo programa

GRUPO C - 14 anos

"Quebra-Nozes na Gulbenkian"

No Grande Auditório da Fundação Gulbenkian o bailado «Quebra-Nozes», libreto de Marius Petipa adaptado do célebre conto de Hoffman, com música de Tchaikowsky, prossegue a sua carreira com novos espectáculos hoje às 15 e 30 e 21 e 30, e nos dias 27, 28, 29 e 30. Actuam nos principais papeis Isabel Santa Rosa, Margery Lambert, Joahne O' Hara, Armando Jorge e Patrick Hurde. Os artistas convidados Liliana Cosi e Rudolf Bryans dançam nos dias 26 (espectáculo da noite), 27 e 28.

O «Quebra-Nozes», que constituiu um êxito na sua apresentação, sob a direcção do Mestre Anton Dolin, é dançado na sua versão integral, sendo de destacar ainda a presença de alunos do curso de Iniciação ao Bailado da Fundação Gulbenkian, presença que é um dos momentos mais aliciantes do primeiro acto. Lisboa repete assim as grandes capitais mundiais, onde habitualmente o «Quebra Nozes» é apresentado nesta época do ano, para delícia de crianças e adultos.

Na bilheteira da Fundação Gulbenkian prossegue, a partir de hoje, desde as 13 horas, a venda de bilhetes para todos estes espectáculos, com desconto de 50 por cento para estudantes.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Rua Braamcamp, n.º 9 - 2.º LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

DA 16.ª Secção de Actividades

«COMERCIO DE GENEROS ALIMENTÍCIOS»

CONVOCAÇÃO

Nos termos do parágrafo do art.º 57.º e de harmonia com o n.º 2 do art.º 59.º e parágrafo único do art.º 32.º dos Estatutos, convocam-se os sócios do Sindicato nesta Secção, a reunirem-se em Assembleia Geral no próximo dia 4 de Janeiro de 1972, às 21 horas, nas instalações do Sindicato, sitas na Rua do Alecrim n.º 46-1.º, nesta cidade, com a seguinte.

ORDEM DE TRABALHOS

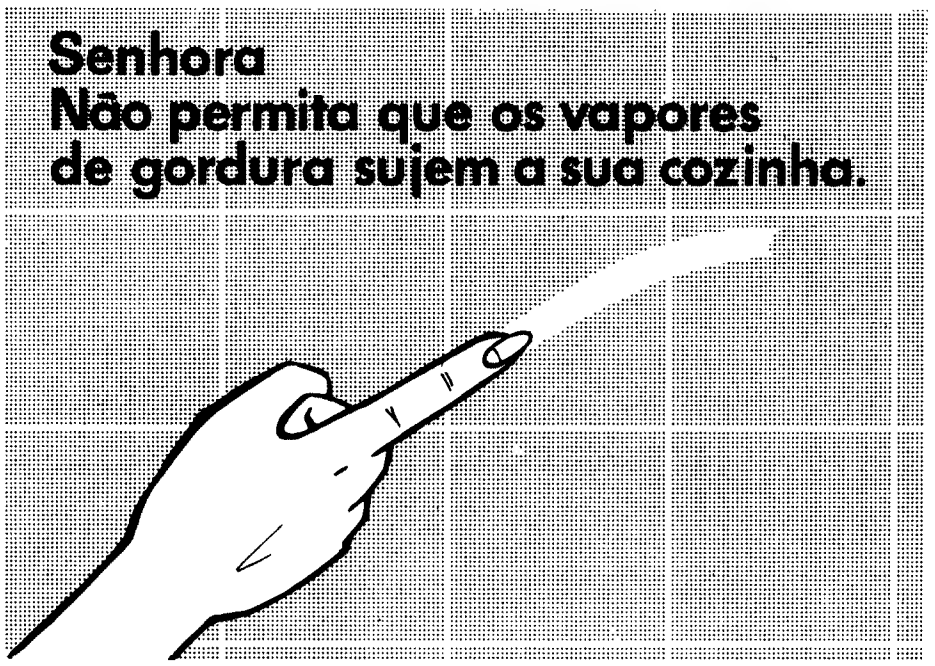
Preparação da lista de candidaturas para os cargos directivos da Secção de Actividade.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1971

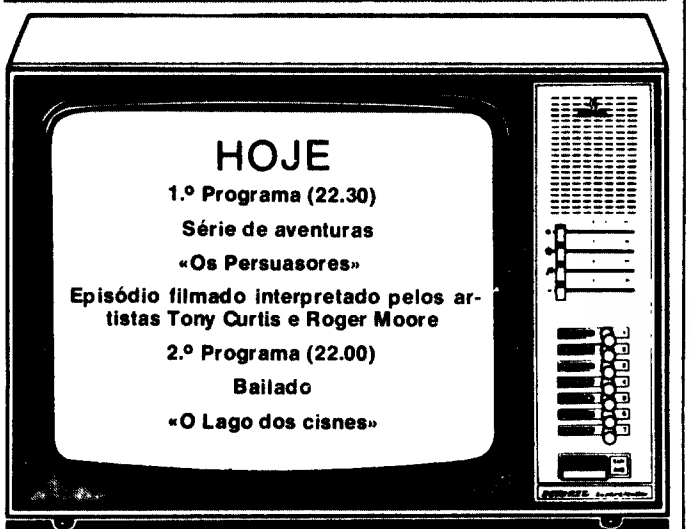
A COMISSÃO DIRECTIVA

Senhora
Não permita que os vapores de gordura sujem a sua cozinha.



S&P
IMPORTADOR
ELMA, L.DA
PORTO-LISBOA

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Série juvenil - Pippi das Meias Altas
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV educativa
15.05 Tarde de cinema «As sete namoradas»
16.30 TV infantil
17.20 Ao serviço da nação
17.45 TV rural
18.15 Domingo desportivo - 1.ª edição
18.30 Ensaio
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.40 Uma história de Natal
20.10 TV 7
21.00 Série de comédia «Olho vivo»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Serenata de Coimbra
22.30 Série de aventuras «Os Persuasores»
23.30 Domingo Desportivo - 2.ª edição
23.50 Marcha do Mundo
00.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Dó Lá Si
21.00 Série filmada «Amor e mau génio»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Bailado - O Lago dos Cisnes
23.50 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Pippi das Meias Altas
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.20 Logo á noite
14.30 Fecho

2.º Período

19.00 Abertura e TV educativa
19.25 Filme infantil «Pirilampos»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Povo que canta
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Série de aventuras «Nanou»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Canal 13
23.30 Marcha do mundo
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Filme de série «Pippi das Meias Altas
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 50 anos de história
23.20 Fecho.

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciaria	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado excepto a Sul do Tejo ou estava muito nublado; o vento era fraco e chovia ou caiam aguaceiros no Algarve; e havia nevoeiro em alguns locais a norte do Tejo.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	7.º
PENHAS DOUR.	1.º
COIMBRA	9.º
PORTALEGRE	8.º
LISBOA	10.º
FARO	12.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

FONTE BOA

Máxima 20º

ELVAS

Mínima 3,8º

Temperaturas no Estoril

Agua do mar	13,8.º
Atmosfera	12.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.54	3,6 m	4.06	1,5 m
23.37	3,5 m	16.53	1,4 m
DIA 27			
		5.21	1,4 m
12.10	3,6 m	17.58	1,3 m
DIA 28			
0.46	3,6 m	6.36	1,3 m
13.25	3,6 m	19.04	1,2 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de Céu geralmente muito nublado diminuindo a nublusidade a partir de amanhã, possibilidade de aguaceiros dispersos e nevoeiro em alguns locais do Norte e Centro.

AMANHÃ

Nascer às 8.54
Ocaso às 18.21

Dia 31	Dia 8	Dia 16	Dia 23

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Tarde Desportiva Rádio Desporto — Futebol. Relato, informações e comentários dos jogos da 13.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
17.45 Actualidades desportivas
18.05 Girândola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Pequena história do teatro musicado e Portugal
22.00 Teatro das comédias: «Os sinos de Kresburg», um original de Judith Navarro
22.35 Música Portuguesa
23.05 Sol e Toiros
23.30 Ritmos em contraste
24.00 Fecho

2.º Programa

17.00 Perspectivas da obra de Mozart
18.00 Concerto de Domingo (1.ª Parte) — intercâmbio musical — FESTIVAL DE Viena de 1971
18.57 Intervalo: Canções de Walter Courvoiser, pelo contralto Lucienne Devallier
19.09 Concerto de Domingo — (2.ª Parte) Intercâmbio musical
19.40 Sonata em ré maior, para violoncelo e cravo (J. S. Bach)
20.00 Diário sonoro
20.20 A orquestra de câmara de Stuttgart
20.30 As grandes figuras do mundo português, p/ Dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de piano, por Sérgio Varela Cid
21.30 Que quer ouvir? (Programa elaborado p/ Margarida Brandão)
23.00 A voz do Ocidente
01.15 Fecho

Emissão em MF2

14.30 Música Sinfónica — «Metamorfoses» (Strauss)
15.00 A ópera «Dido e Eneias» (Purcell)
16.00 Concerto para violoncelo e orquestra (Hindemith)
16.30 Música de tecla
17.00 Fecho

Programa Estereofónico — MF2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música de câmara
23.03 1.ª missa do Natal (de autor anónimo)
23.56 Música sinfónica
00.42 Fugas de Pachelbel — Jean Leduc (orgão)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

14.55 Tarde Desportiva
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.00 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.02 Formula 1
19.30 Rádio Jornal
20.07 A Orquestra de domingo
20.15 Comentador desportivo
20.30 Semana 7
20.45 A estrela da noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grande roda
00.02 «P. B. X»
02.00 A noite é nossa
05.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-gô.
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

14.55 Tarde Desportiva
17.02 Auto-rádio
17.45 Orquestras e canções
18.01 Música e desporto
18.30 Som-Actualidade
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.10 Norte dia a dia
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.00 Noticiário
23.04 Clube da juventude

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA
RÁDIO PENINSULAR
das 7 ás 8 das 10 ás 1½ e das 22 ás 2
RÁDIO VOZ DE LISBOA
das 14.30 ás 17
CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
das 8 ás 10 e das 17 ás 19.30
RÁDIO GRAÇA
das 12 ás 14.30 e das 19.30 ás 22.

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288); **Boa Hora,** R. dos Quartéis, 25-27 (Tel. 637777).

ALFAMA:
Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940).

ALMIRANTE REIS:
Góis, Rua dos Anjos, 12-C (Tel. 840101).

ALVALADE:
Neterápia, Campo Grande, 138 (Tel 774682); **Alvalade,** Av da Igreja, 18-A (Tel. 712070); **PAris,** Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (Tel 710131); **Gasparinho,** Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Tel. 710465); **Ideal,** Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803)

AREEIRO:
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (Tel. 724941), **Onilda,** Aven. João XXI, 13-A (Tel. 726848).

ARROIOS:
Oriental, de Lisboa, R. de Arroios, 215 (Tel. 45079).

AVENIDAS NOVAS:
Cosmos, Av João Crisóstomo, 44 - C (Tel. 40592); **Universal,** Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158).

BAIRRO ACTORES:
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 8242152).

BAIRRO ALTO:
Labor, R. Diário de Notícias, 81 (Tel. 323428).

BAIRRO AMÉRICA:
Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (Tel. 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS:
Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel 310172).

BAIXA:
Morão, Rua da Assunção, 17 (Tel. 321289); **Estácio,** Rossio, 63 (Telefs. 327067-324224).

BENFICA:
Benfica, Estrada de Benfica, 678 (Tel 702532); **Sousa,** Estrada de Benfica, 429 (Tel 780027)

CAMPOLIDE:
Central de Campolide, Rua General Taborda, 17 (Tel. 680304).

CAMPO DE OURIQUE:
Porfirio, Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349); **Ivone,** Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760).

CAMPO GRANDE:
(Ver Alvalade e Lumiar).

CAMPO PEQUENO:
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776)

CARNIDE:
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO:
Dávi, R. Conde Redondo, 68 (Tel. 54342)

ESTRELA:
Martins, Calçada da Estrela, 167 (Tel. 660823), **Paivas e Parente,** Rua de Santo António, 98 (Tel 665196)

GRAÇA:
Morão, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700)

INTENDENTE:
Intendente, Largo do Intendente Pina Manique, 50 (Tel 47838).

LUMIAR:
S. Tomé, Estrada do Desvio, 12-C (Tel 790704), **Alameda,** Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)

MARVILA:
Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612).

OLIVAIS:
S. Paulo, Rua 2 Lote 823 (à Estrada de Moscavide) (Olivais-Sul) (Tel 310711), **Higiene,** Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivais-Sul) (Tel. 310026).

PENHA DE FRANÇA:
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III (Tel. 843439)

PICHELEIRA:
Marluz, Calç. da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395).

RATO:
Soares, Av. Alvares Cabral, 1 (Tel. 684282).

REGO:
Prates e Mota, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728).

RESTELO:
Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D (Tel. 610256), **Tanara,** Rua Rodrigo Reinel, 3-A (na encosta do Restelo) (Tel. 611814)

SALDANHA:
(Ver Avenidas Novas).

SANTO AMARO:
Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-3 (Tel 637020)

SANTOS-O-VELHO:
Fontoura de Carvalho, R Santos-o-Velho, 12 (Tel 662075).

S. PAULO:
Central, Rua de S PAulo, 108 (Tel. 320389)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Sagres, Av. Luís Bivar, 69 (Tel. 47213); **Correia de Almeida,** Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B (Tel. 47385).

XABREGAS:
Romana, Rua B, 7 (à R Marquês de Olhão) (Tel 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Combatentes, Av. Com. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS:
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE:
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)

S. PEDRO ESTORIL:
S. Pedro, (Tel. 263052)

MONTE ESTORIL:
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)

CASCAIS:
Misericórdia, R. do Regimento 19-41 (Tel. 280141)
Cascais, R. Conde de Monte Real-Bairro Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

DAMAIA:
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)

AMADORA:
Melo, P. D. João I Lote 146 Bº Janeiro (Tel. 932756)

Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210)
Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740)
Jardim, Av. Conde de Oeiras Loja X-1-Reboleira (Tel. 938424)

QUELUZ:
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045)
Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM:
Garcia, Av dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS:
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, (Tel. 984056)

SINTRA:
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)

COLARES:
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30(Tel. 224020)

ALMADA:
Central, R. de Olivença, 11 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO:
Higiénica, R. D. Manuel I, 1 (Tel. 2273017)

COVA DA PIEDADE:
Império, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA:
Silva Rocha, P. da República, 16 (tel.239029)

MONTIJO:
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL:
Soromenho, P. Machado Santos (Tel. 23743)
Alice, P. do Quebedo (Tel 23743)

SEIXAL:
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel 2218580)

PORTO

Alírio de Barros, Sucr. Rua Costa Cabral, 240; **Boavista**, Rua da Boavista, 601; **Botelho,** Rua da Alegria, 863; **Central,** Rua de S Antônio, 203; **Contumil,** Rua de Contumil, 540; **Corujeira,** Rua S R. da Lameira, 1473; **Garantia,** Rua Fernandes Tomas, 696; **Lemos & Filhos, Lda.,** Praça de Carlos Alberto, 31; **Maia,** Rua do Campo Alegre, 192; **Peninsular,** Rua Chã, 100-102, **Pinheiro Manso,** Rua S. João de Brito, 25-29 **Sá,** Rua do Vale Formoso, 181; **Serpa Pinto,** Rua de Serpa Pinto, 645; **Foz,** Rua Sra da Luz, 382 - Foz

COIMBRA

M. Nazaré, Av João das Regras, 132 (tel. 23033), **Figueiredo,** Rua da Sofia, 107 - 109 (tel 22837), **Correia,** Rua Visconde da Luz, 46 (tel 22834)

cinemas

MUNDIAL (Telef. 538743)
15.15-18.30-21.45
(Grupo D M. 18 anos)
Charles Bronson, Ursula Andress Alain Delon, Toshiro Mifune, Capucine. SOL VERMELHO um filme de Terence Young. Technicolor. Metro-Estação Picoas.

BERNA (Tel. 776098)
18.30 e 2 .45 (M. .4 anos)
2.ª Semana de êxito. Bekim Felmiu, John Huston e Chuck Connors numa das mais sugestivas e empolgantes histórias do ano! O CAMINHO DA AVENTURA. Panavision-Technicolor

SATÉLITE (Tel 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B. - 10 anos)
CHARLIE E SNOOPY (bes. An Col)
Pais, sabemos que gostam imenso de nós mas... tragam tambem os vossos filhos

ESTÚDIO (Telef 555134/5)
15.30 - 18.30
O ultimo e mais espectacular filme de desenhos animados de Walter Disney OS ARISTOGATOS

VOX (Telef. 720808)
15.15-18 30-21.45
(Grupo D. 18 anos)
14.ª Semana LOVE STORY, C/Ali Mac Graw e James Olsen

IMPERIAL (Telef. 821933)
15.00 - 21.00
Grupo C - M. (14 anos)
O PREÇO DO AMOR e A PARTILHA

SÃO JORGE (Telef 54153)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D 18 anos)
4.ª semana. Últimos dias! A 7.ª Mulher de Henrique VIII Uma comédia maliciosa.

ROYAL (Telef. 865037)
15.00-21.00 (Grupo D . 18 anos)
A DOCE VIDA DE CASTA SUSANA e A LOLA SOLITÁRIA.

RESTELO (Telef. 60375)
ás 21 h (M. 6 anos)
«A canção da Noruega»
atenção. o espectáculo de hoje começa ás 21 h.

EUROPA (Tel 661016)
15.15 - 21.30 (M 6 anos)
«Os aristogatos O maior divertimento da epoca»
Versão portuguesa
amanhã o mesmo programa hoje não se efectua a sessão das 21.30 h.

LYZ (Telef. 48560)
15.00 - 21.00
Grupo D - M. (18 anos)
A 7.ª MULHER DE HENRIQUE VIII e COLTS PARA OS 7 MAGNÍFICOS

APOLO 70 (Telef. 763319)
14.30-16.45-19.00
(Grupo C 14 anos)
OS CONTOS DE BEATRICE POTTER
De Reginalds ills, com o Royal Ballet
21.45. Em 12.ª Semana a obra de Sergei Eisentein IVAN, O TERRÍVEL (Grupo C 14 anos).

CONDES (Tel. 322523)
Às 14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo B) DICK SMART 2.007 c/ Richard Willer e Margaret Lee (Grupo B. 10 anos)

MONUMENTAL (Tel. 555131)
Às 15.15 e 21.30 h.
(Grupo B - M. 10 anos)
2.ª Semana. MUITO OBRIGADO, SENHOR Serooge c/ Albert Finney, Alec Guiness e Edith Evans.

ESTÚDIO 444 (Telef. 779095)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D. 18 anos)
Uma história de mulheres de luxo!
A MULHER E O DESEJO (Sapho)
Em eastmacolor c/ Mariana Vlady, Ressauld Verlon

ROMA (Telef. 727778)
15.30-18.30-21.45
(Grupo B. 10 anos)
A super comédia com Louis de Funés UM BURACO NO CORREIO
Eastmacolor
Reveillon: Bilhetes à venda programa em distribuição.

CASINO ESTORIL (Telef. 26462)
17.00 - 21.30
«A tulipa negra (M. 10 anos)
c/ Alain Delon, Virna Lisi.

POLITEAMA (Telef 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45 h
(Grupo B - M. 10 anos)
Richard Burton na grandiosa e emocionante epopeia «OS VETERANOS DE TOBRUK» Technicolor. Hoje às 18.30 - Sessão clássica com «SWEET.

IMPÉRIO (Telef. 555134/5
15.15-18.30-21.45
(Grupo B - M. 10 anos)
2.ª Semana. O filme divertimento das festas Jean Paul Belmondo e Marlene Jozert OS NOIVOS DA REVOLUÇÃO (Les Maries de L'an II

TIVOLI (Telef. 50595)
15.00-18.15 (a. p. red) e 21.30
(Grupo B 10 anos)
Um espectáculo sumptuoso inspirado num conto célebre de Perrault A PRINCESA PELE DE BURRO c/ Catherine Deneuve, Jacques Perrin e Jean Marais

EDEN (Telef. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - M 0 anos)
O prato forte de todo o publico o inimitável Cantinflas O CATEDRATICO c/ Maria Lopez

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 (P. Red.) - 21.30
(Grupo B - M. 14 anos)
A maravilhosa comédia musical NUM MUNDO NOVO c/ Karina e a extraordinária atracção A PANDILHA». Eastmancolor.

ALVALADE (Telef. 717480)
15.15-18.15- 21.30
O ultimo e mais espectacular filme de desenhos animados de Walter Disney Technicolor. OS ARISTOGATOS

AVIZ (Telef. 47173)
15.30-18.30-21.45
(Grupo B M. 10 anos)
Uma história que diverte pequenos e grandes
«O rapaz da voz de ouro
c/ Heinz Reinche-Ralf Wocter
Eastmancolor

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

VILLARET
21.15
«O aniversario da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
O Zé aperta o cinto»

A B C
20.45-23.00
(18 anos)
«Saidas da casca»

VARIEDADES
20.45 - 23.00
(18 anos)
Empresta me o teu apartamento.

CAPITÓLIO
21.45
(18 anos)
«A Querida Mama

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«A Dama das Camélias»
A Dama das Camelias

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Tango»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Um sonho»

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIS
21.30 (18 anos)
«A salvação do mundo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
Companhia Internacional de circo

LISBOA/Cinemas

ARCO IRIS
21.30 (10 anos)
«O Filho de El Cid»

PARIS
21.00 (6 anos)
«A Canção da Noruega»

CINEARTE
22.00 (10 anos)
«Chigum, Senhor do Oeste»

MAYER
21.00 (10 anos)
«Sportams»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«A Batalha de Inglaterra»

OLIMPIA
18.00 (10 anos)
«0 000 dolares por um pistoleiro»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Rosas brancas para minha irmã negra»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (10 anos)
«Dick Smart»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (10 anos)
«Charao»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (18 anos)
«Coisas da vida»

Palácio
21.30 (18 anos)
«O Segredo»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Ontem, hoje e amanhã»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (18 anos)
«Convite ao pecado»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«Os Condenados»

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Trágica vitória»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Homens em fúria»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Laurence da Arábia»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Um caso de consciência»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«O Estranho Jony Kane»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Vagabundos Selvagens»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (18 anos) «Morte em Veneza»

BARREIRO
Cine Barreirense
21.00 (18 anos)
«Benefício da dúvida»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (17 anos)
«Um lugar para amar»

PORTO/Teatros

CIRCO
21.30 (6 anos)
«Circo Mariano. Av. Fernão Magalhães

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Circo Russo»

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00 (18 anos)
Uma cama para toda a gente

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (14 anos)
«Os Fidalgos da Casa Mourisca»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«O inimigo público»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos) «A Doce Vida de Casta Susana»

ESTÚDIO
21.30 (6 anos)
«Charlie Snoopy»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Uma certa forma de amar»

TRINDADE
21.30 (10 anos)
«Muito obrigado Sr Seroge»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«Sem um adeus»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Ingenuamente escandalosas»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Tarzan no Rio Grande»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os amores de uma loira»

BATALHA
21.45 (10 anos)
«Cantiflas o Catedratico»

RIVOLI
21.45 (10 anos)
«Os noivos da revolução»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Gigantes em duelo»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Shane»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«5 filhos do Diabo»

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Uma gatinha em Paris»

CASEBRE
Cantam Carlos Barra, Arminda da Conceição, Zélia Lopes, Lisete Castelo e Suzana.
Os 5 Típicos de de Vila Franca de Xira
CONSUMO MINIMO 60$00
Rua da Barroca, 133
Tel. 36 97 60

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

TIMPANAS Cantam Trio Odemira, João Fernando, Emilio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo 61$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24 Telefs. 676655 e 872431.**

«A SERENATA» Cantam: Cidália Moreira, António Rocha e Amélia Proença. Grupo Folclórico Cantares de Portugal **Rua Diário de Notícias, 122, Telefs. 32359 e 324381.**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas. Musica constante **Calçada Marquês de Abrantes 64-66 Telf. 667264.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR (Conjunto Oliver. **Av. Duque de Loulé, 73 Telf. 530171.**

ARREDA Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda: Elenco José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio Encerra às 3.ªs feiras: Consumo mínimo 62$00. (Taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3 - Cascais. Telf. 283864.**

D. QUIXOTE BAR NOITE com Carlos Villaret e Tony Vieira. Aberto, até às 5 da madrugada. Encerra aos domingos **Rua da Trindade, 9 Telf. 327109.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telfs. 26451-264526-264596-264621-264946.**

BATACLAM Bar. Discoteca, Bar aberto das 19.00 às 03.30. Disc. Aberto das 22.00 às 03.30. Noites de Paris em Lisboa. Encerrado ao domingo **Rua Ramalho Ortigão. 39-A Telf. 560430.**

TAMILA Marão e s/ conjunto. Matinées todos os dias. Encerrado aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69 Telf. 534117.**

HIPOPOTAMO Conj. Helder Reis. Encerra aos domingos **Av. Ant. Augusto de Aguiar. 5-A. Telef. 48384.**

VIELA Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo 60$00 **Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tomé, 86 ABC: Alfama. Lisboa. Telef. 861633.**

TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria de Lourdes. Colaboração de João Braga. Tocam Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos Consumo mínimo 90$00. **Beco dos Curtumes, 10. Telef. 860816.**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos. Tocam Liberto Conde e Américo Silva. Fandango pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira Encerra às segundas-feiras Consumo mínimo 70$00 **Rua do Norte, 91 Telefs. 30095 e 28713.**

ADEGA MESQUITA Cantan: Fernando Pinto. Francisco Martins e Alcindo Carvalho. Tocam Jaime Santos e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias. 107. Telef. 328307.**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa Música constante Encerra às 03.30 horas **Av. Marechal Carmona, Telef. 790177.**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

CASQUILHO

AGENTE OFICIAL

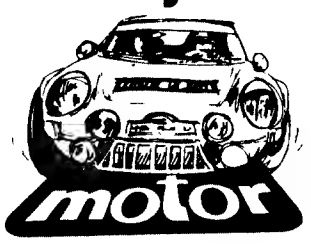
MAZDA

visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa

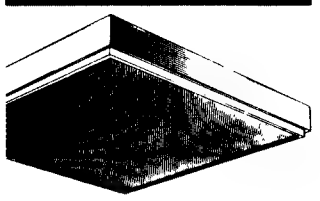
Madame Soleil diz que é ciência

Até Pompidou já "vê" os astros

Leia o jornal



ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE



EQUIPAMENTO DOMÉSTICO

E PARA ESCRITÓRIOS

JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

Quer tenha ou não sido predito pelas estrelas, a astrologia está a ter nova e larga aceitação entre europeus, que anteriormente se teriam rido da ideia de que os corpos celestes influênciam as vidas humanas.

O estudo das estrelas como guia de comportamento e de personalidade está, mais do que nunca, a ser objecto de atenção desde que a revolução científica o impediu de emparceirar com os ramos intelectualmente respeitáveis da erudição. Ao passo que, ainda há bem pouco tempo, se destinava exclusivamente às pessoas pouco cultas e às senhoras idosas que nada mais tinham que fazer, a astrologia tornou-se de repente matéria digna das gentes educadas e até mesmo de debate universitário.

Milhares de franceses, alemães e outros europeus cultos consultam regularmente o astrólogo ou estudam o seu próprio horóscopo.

Vocês, os americanos, vão aos psiquiatras, observou um calmo director de uma empresa parisiense. **Eu consulto o astrólogo. É mais saudável, esclarecedor e menos dispendioso.**

O presidente da França, Georges Pompidou, admitiu sem hesitação, no decurso de uma recente conferência de Imprensa, que acompanha às profecias do mais célebre astrólogo do seu país, Madame Soleil, com grande interesse. Uma fonte digna de crédito revelou que pelo menos um conhecido político francês consulta o seu astrólogo antes de proferir importantes discursos em público.

Madame Soleil, uma vidente de meia idade, baixa, roliça e de ar decidido, e um símbolo da grande vaga de popularidade de uma prática oculta que costumava esconder-se em quartos das traseiras modestamente mobilados, perto das estações de caminho-de-ferro. Ela tem a seu cargo um programa radiofónico diário que conta com cinco milhões de ouvintes, ou seja 10 por cento da população francesa.

TRÊS RAZÕES

A sua actividade é o resultado de uma tendência que se tem estado a manifestar invariàvelmente de há uma década para cá. Um professor da Universidade de Paris, Michel Garquelin, atribui o facto a três motivos principais: o colapso da fé religiosa, uma perda simultânea de confiança na razão pura como guia para a acção e o interesse cada vez maior, particularmente entre os jovens, pelos cultos místicos orientais.

Cada um destes acontecimentos contribuiu para que a astrologia esteja actualmente a ser investigada de maneira inteiramente nova e imparcial, disse. **O misticismo oriental, por exemplo, jamais deixou de respeitar a astrologia.**

A convicção de que os corpos celestes exercem influência no comportamento humano é das mais antigas do Homem. Aproximadamente até meados do século XVII emparceirou fàcilmente com aquilo que desde então passou a denominar-se Ciências Naturais. Todavia, a partir de Isaac Newton o rápido desenvolvimento das Ciências Naturais, aliado à sua pretensão de possuir a única chave da **verdade**, condenou a astrologia 300 anos de estagnação, pelo menos no mundo ocidental.

De acordo, porém, com uma autoridade suíça em astrologia, Henri Bordaz, **as ciências ocultas não são necessàriamente falsas. São incompletas, tão incompletas como a ciência da Química a seria se o seu desenvolvimento tivesse terminado em 1650.**

Bordaz afirma que o estudo e o desenvolvimento sérios da astrologia foram abortados pela vitória da ciência newtoniana. Contudo, acrescenta, o prato da balança principiou a inclinar-se para o outro lado porque as limitações das Ciências Físicas são cada vez mais aparentes. **Não respondem a todas as perguntas**, afirmou.

PROVAS

O interesse crescente dos meios intelectuais traduz-se-nos projectos de pesquisa actualmente em curso em pelo menos quatro universidades da França, Alemanha Ocidental e Suiço. Entre os alunos e professores que outrora troçavam abertamente da astrologia, esta tornou-se tema de série discussão, se não mesmo de total aceitação.

Garquelin está convencido de que existem pelo menos algumas provas em apoio das suposições básicas da astrologia de que elas próprias remontam a quatro mil anos de história. Afirma que a **hereditariedade planetária** exerce influência sobre a conduta humana. O que significa, portanto, que os corpos celestes desempenham determinado papel nas nossas vidas, diz ele.

Não sabemos qual é realmente esse papel, prosseguiu. **Mas o conceito não é a noção totalmente bizarra em que a tradição racional pretendia fazer-nos acreditar. Cabe agora aos cientistas aplicar as suas técnicas ao problema com o propósito de determinar a verdadeira relação. Isto nunca foi feito ou mesmo tentado na passada década, porque a astrologia era denunciada pelas pessoas educadas como uma fraude. A mudança de atitude significa que é possível que isso agora aconteça.**

O crescente interesse popular é demonstrado pelo número cada vez maior de livros sobre astrologia que vêm sendo publicados. Uma nova obra, «Tudo o que um astrólogo deve saber», por Júlia e Derek Parker, astrólogos «consultores», recebeu encomendas de 250 mil exemplares antes da sua publicação.

Este casal inglês declarou que o momento mais propício para o seu livro aparecer era um sábado de Setembro, precisamente às 12 e 49. A sra. Parker explicou que a **combinação planetária**, quer para o marido, quer para ela, era extremamente favorável e que **o Sol e a Lua se encontravam em posições particularmente positivas que não coincidirão outra vez antes de decorrerem 19 anos**. A casa editora seguiu o conselho e, a avaliar pelas vendas, não se deve ter arrependido.

OBRECOL

OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA.

Rua Joaquim António de Aguiar, 41-4.º - Dto. LISBOA-1

CONSTRUÇÃO-CIVIL

OBRAS-PÚBLICAS

CONSTRUÇÕES-INDUSTRIAIS

Telefs. 5 83 62 - 53 09 22

A MOSCA PICA

NOTA DE ABERTURA

Semana sem grandes acontecimentos. Estreou-se uma peça brasileira acerca da qual a crítica foi, felizmente, unânime. Dizemos «felizmente» porque tivemos o prazer de verificar que todos resistiram à tentação de discordar para «mostrar de inteligente» (será assim que se diz?). Conhecemos um caso em que sustentando vários indivíduos que dois e dois eram quatro e querendo um presente revelar-se «diferente», sustentou que dois e dois eram sete. O que a MOSCA lamenta não é pròpriamente que a peça tenha sido considerada pior que má — o que a MOSCA lamenta é que esta peça tenha sido tomada por representativa do teatro brasileiro (que a MOSCA não conhece) e que a companhia em questão tenha sido tomada por «embaixatriz» do teatro brasileiro. Para começar, isto do teatro não é pròpriamente futebol e as companhias que se passeiam pelo mundo não são, nem deixam de ser, selecções nacionais...

Insistimos neste ponto porque um crítico — e não temos a menor pretensão de criticar a crítica — chegou ao ponto de lamentar que **os dois países irmãos tenham permitido a vinda desta companhia que desilude lamentàvelmente quem alimentou a esperança de um autêntico intercâmbio teatral luso-brasileiro**. Não comentamos o facto deste crítico ter alimentado a esperança que alimentou Não saberá este crítico o que teria acontecido se os governos da Bélgica e da França tivessem chegado a acordo sobre a dignidade das peças de Molière ou se os governos do Brasil e de Portugal tivessem chegado a acordo sobre a «dignidade cultural» das peças do Judeu? Entenderá este crítico que uma estatística aldrabada por motivos «de prestígio» vale mais do que uma estatística verdadeira, embora aqui e além pouco prestigiante? Saberá este crítico alguma coisa do que é o teatro e do papel que o teatro desempenha na vida social? Não seria preferível que este crítico se dedicasse a outra actividade? (Sugerimos o fabrico de bolos-de-arroz e pastéis de massa tenra com recheio de geleia de marmelo). Até quando é que teremos de aturar pessoas que defendem, com a mão esquerda critérios que negam com a mão direita? Em que júri não quererá este crítico entrar? Pois que os deuses nos livrem de tais júris e de tais críticos, que o teatro bem precisa de quem prefira patear a reprovar.

Que isto não seja tomado, repetimos, como crítica ao direito de criticar — o que pretendemos é que ninguém assuma o direito de nos tirar esse direito ou de o embrulhar em tais patacoadas que acabemos por concedê-lo a meia dúzia de bem-falantes.

A MOSCA prefere patear esta companhia brasileira ou outra qualquer, de qualquer outra nacionalidade

Que este crítico continue alimentando as suas esperanças privadas e que nos deixe em paz, é o desejo da MOSCA nesta quadra natalícia que atravessamos e que só pode ser propícia a nascimentos desde que os mesmos não sejam registados e avaliados

Ainda a respeito de teatro, um abraço da MOSCA para a Luzia Maria Martins que vai, finalmente, e após tantos anos duma luta que não hesitamos em classificar de heróica, ver o seu barracão substituído por um teatro funcional. Não é este suplemento muito dado a conceder medalhas, mas se as tivesse para dar, abria uma excepção para esta mulher que nunca fez concessões a ninguém e que luta há anos contra a indiferença dum público deseducado e contra as consequências que provêm da sua integridade artística e pessoal. Para a Luzia Maria Martins, os parabéns duma MOSCA que é, aos olhos de toda a gente, um suplemento crítico mas que não deixa, por isso, de criticar a mentalidade que preside a certos espíritos críticos e de louvar quem merece louvor.

Já que estamos em maré de elogiar, outra medalha, esta para o Ferreira de Castro, que soube ver não apenas o perigo da rocha submersa (que a expressão passe por estarmos no Natal) mas também o de tomar por mar tranquilo o descansar da vaga na maré alta (que literatice repugnante...)

«Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és», reza um provérbio antigo que parece estar bem presente na mente deste escritor português que não hesita em dizer o que pensa, mesmo quando a maré parece propícia a levar a embarcação a portos rendosos e calmos. Isto de ser íntegro é cada vez mais difícil e requere cada vez mais inteligência. Os parabéns da MOSCA para o Ferreira de Castro.

Gostaríamos de proporcionar aos leitores da MOSCA um suplemento especial de Natal — um suplemento com anedotas, provérbios, receitas e tudo o mais que se consome, nesta época, na sociedade de àquem-consumo em que vivemos. Infelizmente, porém, tudo o que chegou à mesa da nossa redacção é pouco natalício. A reclamação que nos chegou, assinada por mais de cem leitores deste suplemento, por exemplo, não se enquadra no espírito do establishment celeste nesta altura do ano, mas que poderíamos nós fazer senão publicá-lo, dado que andamos mais ocupados em festejar o natal escocês do que em escrever?

Que os leitores nos perdoem, pois, esta falta, que reconhecemos, e que a atribuam ao clima natalício. Bem vistas as coisas, porque diabo é que a gente havia de sacrificar o nosso Natal para os leitores gozarem a MOSCA por quinze tostões, ao fazerem a digestão do peru de ontem?

M. L. C.

O CAPUCHINHO VERMELHO

Estava na montra duma loja da Baixa — se não era a Loja das Meias era outra igual — o capuchinho vermelho que deu origem a esta história. Estava na montra duma loja da Baixa e atraia diàriamente os olhos de mais de cem meninas dessas que andam com os olhos nas montras da Baixa por não terem outro sítio onde os pôr. Era vermelho, vermelho, vermelho. Era macio à vista, macio à vista, macio à vista. Era moderno, moderno, moderno. Só tinha um defeito: o talão do preço. É que este capuchinho vermelho fora importado não sabemos ao certo de onde, fora ganhando, com transportes e alfândegas, acréscimos e acréscimos de preços. Este capuchinho vermelho que no seu país de origem não custaria certamente mais de 20$00, custava na loja da Baixa a que o destino o conduzira, nada mais nada menos do que 1.000$00, quantia que temos de considerar cara para uma menina dessas que andam com os olhos postos nas montras da Baixa, por mais rico que seja o amigo colocado na triste posição de lhes adquirir capuchinhos e outros decorativos objectos para ser visto com uma menina moderna, moderna, moderna. Pois este capuchinho foi parar às mãos da Glória, a Glória dos «parties» em apartamentos de «solteiros», a Glória descontraída e moderna, moderna, moderna, dos fins-de-semana no Algarve, a Glória que não falta a quanto «vernissage» se organiza por este país fora. Ao ver o capuchinho na montra da loja que se não tiver sido a das meias poderia tê-lo sido, a Glória quedou-se imóvel, imaginando-se ao lado do condutor dum MG descapotável, invejada por quantas Glórias menos afortunadas há nesta Lisboa das sete colinas e das setenta mil Glórias. Para começar, imaginou-se a saír do MG em frente do Tamariz — o céu em tecnicolor das Glórias — com o seu capuchinho vermelho, a sua carteirinha mandada fazer ao senhor Silva da sapataria segundo um modelo da Vogue e o seu acompanhante ao lado, muito apertadinho no seu «blazer» de corte inglês do Pestana e Brito. Caía a tarde e ao longe, muito ao longe, punha-se um sol vagamente avermelhado mas francamente outonal. Glória, à saída do M.G., teve um arrepio de frio e o jovem do «blazer» cintadinho do Pestana e Brito (se não era do Pestana e Brito era do Nascimento e qualquer coisa) colocou-lhe o braço à volta dos ombros num gesto terno e meigo aprendido num anúncio da pura lã. Sorriram. Voltaram a sorrir, agora com uma compreensão terna e meiga aprendida nos artigos dedicados pelo Reader's Digest à vida dos esposos e aos seus sentimentos. Compreendendo o sentimento que subitamente se lhes apossara da alma, meteram-se outra vez no M.G. e abandonaram aquele local que, apesar de elegante, não correspondia aquela ânsia madura de solidão e de verdade que acabavam de sentir. Foram beber um copo ao English Bar-aí, sim, podiam sentir-se «em unissono» com o sol avermelhado...Glória só acordou do sonho ao ver o preço do capuchinho da montra. Era caro, caríssimo. Tão caro que não sabia ao certo como adquirí-lo. Não podia sugerir ao Carlos que lho adquirisse, a título de prenda de Natal, porque já lhe sugerira a compra dum relógio, dum casaco e duma carteira. Não podia pedir ao João que lho adquirisse, a título de prenda de anos, porque fizera anos em Março e tudo levava a crer que só voltaria a fazê-los novamente em Março. Não podia pedir ao... A lista das pessoas a quem Glória não podia pedir o capuchinho era interminável. Restava-lhe, apenas, o Manuel, o Manuel do Opel G.T. o Manuel grandalhão a quem os amigos tinham posto o nome de «Manel da Noite» por ele passar as noites a rondar as por-

Continua na página seguinte

O CAPUCHINHO VERMELHO

Continuação da página anterior

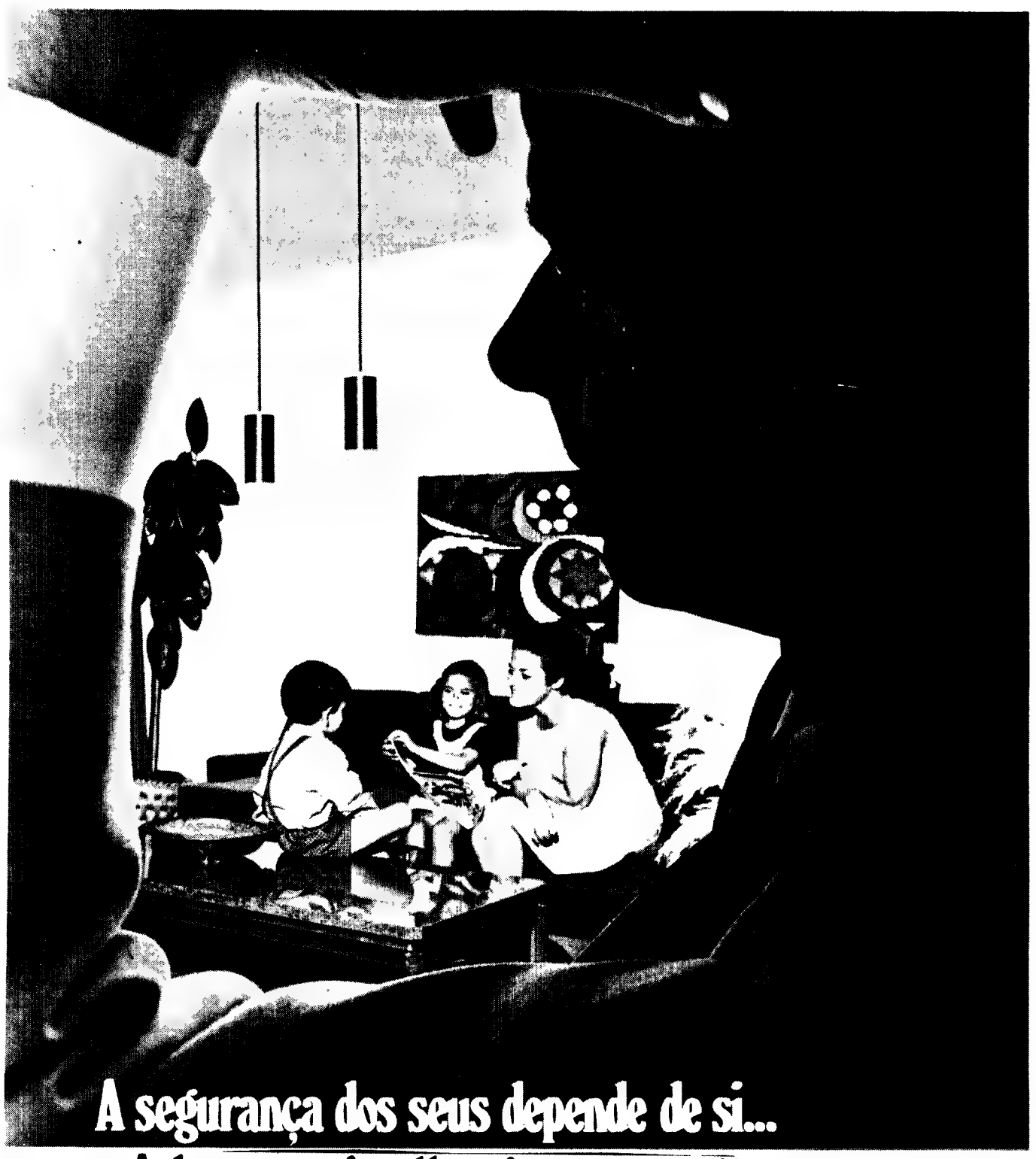
tas das boites, no seu Opel G. T. metalizado, de dente aguçado para as «miúdas», todo ele barriga a dar horas. Há mais de quinze dias que o «Manel da Noite» lhe andava com falinhas mansas a pediscar jantarinhos e a sugerir que talvez viessem a entender-se. Há mais de quinze dias que o «Manel da Noite» lhe andava a propor jantares no Convés e danças na Cova da Onça. Não havia a menor dúvida quem estava destinado a pagar-lhe o capuchinho era o «Manel da Noite».

Nesse mesmo dia, à tardinha, o capuchinho vermelho passeou pela primeira vez pelo telefone. E claro que isto é força de expressão até porque andando os telefones como eles agora andam, é difícil usá-los para mandar recados quanto mais para mandar capuchinhos vermelhos. O que queremos dizer é que a Glória aproveitou uma telefonadela do «Manel da Noite» para lhe insinuar que não podia ir jantar com ele porque tinha de ir comprar um capuchinho vermelho que vira numa montra e que ele ofereceu-se primeiro para ir com ela à loja e a batalha verbal foi longa depois para lhe oferecer o capuchinho vermelho se ela quisesse ir jantar com ele a um pequeno apartamento que acabava de mobilar para fins de semana e actividades congéneres lá para as bandas de Caneças.

Glória, portando-se de acordo com os códigos que regulam estas coisas, começou por se recusar alegando não conhecer suficientemente o «Manel da Noite» para ir jantar com ele a um apartamento longínquo, mas acabou por ceder ao tomar conhecimento de que o amigo era pessoa de bem, com crédito bancário, boas relações e um descapotável azul já pago. Como poderia ela, coitada, lutar contra argumentos destes, sabido como é que a carne é fraca e que a alma anseia por capuchinhos vermelhos?

Pondo a filosofia de parte - as Glórias e os Maneis da noite têm uma filosofia própria e intransmissível que não se aprende nos livros o certo é que as nove em ponto o «Manel da Noite» foi buscar a Glória à esquina da rua. Para quem não conheça as regras deste jogo esclarecemos que os Maneis da noite deste mundo vão sempre buscar as Glórias deste mundo a uma esquina e nunca a porta de casa para que as vizinhas as não vejam com um «Manel» diferente todas as noites. Não foi o nosso marquês de Pombal que disse ser tão séria uma mulher em sua casa que mesmo depois do sol posto nunca é vista pela porteira senão com o mesmo homem? Assenta muita reputação que anda por aí em trocas e balderocas de carros e de esquinas e muitas das donas de automóveis estacionados aqui e ali estão estacionadas em locais bem diferentes...

Sairam a Glória e o «Manel da noite» no espada azul, já pago, deste último cavalheiro que, para revelar as suas boas intenções e a inocência dos seus propósitos, foi até à auto-estrada a falar de fitas de cinema pois que com as fitas alheias disfarça cada um as suas. Discutiram ainda, mas isto depois de já passada a curva do Mónaco, coisas importantes no mundo dos «Maneis da noite» e das Glórias, nomeadamente assuntos referentes à vida duma tal Marta, ao provincianismo desta cidade de Lisboa em que ninguém pode ver um capuchinho vermelho lavado a uma vizinha sem suspeitar que alguém lho ofereceu no decorrer dum jantarinho íntimo e' outras coisas em voga nas circunstâncias apontadas. Como não podia deixar de ser, o «Manel da Noite» foi-se revelando minuto a minuto mais bem educado e, como também não podia deixar de ser, ao entrarem no Estoril descobriram que tinham um sem número de afinidades. Ela gostava de ir aos Stones? Ele adorava ir aos Stones. Ela gostava de cinema? Ele tinha uma loucura por cinema! Ela gostava de jantar fora? Ele nunca jantara senão fora! Ela gostava de ir até ao Piccolo beber um



a Atlas permite-lhe viver tranquilo

É essa, estamos certos, a maior segurança que deseja obter. E nós podemos oferecer-lha com absoluta solidez. Qualquer que seja o seu caso, temos para ele a solução apropriada, pondo à sua disposição um amplo plano de previdência em que cabem todos os seus objectivos.
Consulte-nos. Garantimos-lhe a sua maior aspiração: a certeza de poder progredir sem preocupações pelo que já construiu. A modalidade dos Seguros de Vida Atlas com Valor Progressivo permite-lhe ainda, pela actualização periódica do capital seguro, defender-se da depreciação da moeda e manter, assim, ao longo do tempo, o mesmo poder de compra.
Connosco, transforme o seu presente numa apólice de futuro.

ATLAS
COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.

Recorte e cole num postal
Estou interessado em receber informações sobre os Seguros de Vida ATLAS com Valor Progressivo
Nome
Morada
ATLAS - Companhia de Seguros, S.A.R.L.
Lisboa - Rua Andrade Corvo, 27
Porto - Rua de Ceuta, 11-1º
DL

LATINA

GRUNDIG

GRANDE CAMI

GRUNDI

TELEVISORES
RÁDIOS
GRAVADORES
AUTO-RÁDIOS

A.OLIVE

Avenida Almirante Reis, 91-A

SEM ENTRAD FIADOR

copo antes de jantar? ele chegava a ir até lá beber três copos!

. Em Cascais, muito bem educado, muito descontraído, muito moderno, o «Manel da noite» pôs-lhe uma mão sobre o joelho e ela, muito bem educada, muito descontraída, muito moderna, nem deu por isso.

Estas coisas tem as suas regras e seu ritmo próprio de forma que ninguém se poderá espantar ao saber que o passeio decorreu duma forma agradável e que a Glória nunca — nem por um só momento — esqueceu o capuchinho vermelho.

Julgamos inútil dizer que o apartamento do «Manel da Noite» era uma autêntica maravilha. Bastará, para que todos o compreendam, dizer que tinha bar, espelhos, sofás, cadeironas, cómodas, som estereofónico e todos os matadoros usados pelos Maneis da noite dotados de dinheiro. A grande maravilha, a grande «modernidade» do apartamento, porém, era uma miniatura de cabaret mandada construir pelo proprietário na cave. Glória ficou deslumbrada. Nunca vira uma coisa assim nem mesmo nas revistas americanas.

O jantar, cuidadosamente preparado, contribuiu para dar ao encontro um ambiente moderno, progressivo, descontraído e agradável. Depois de jantar, porém, é que foram elas!

. O «Manel da noite», hábil em assuntos de Glórias e capuchinhos, ligou o «pick-up» e a sala foi invadida por uma música suave, muito suave, que deu voltas e voltas à cabeça da Glória que — digamo-lo de passagem — já bebera três «Whiskies», dois copos de vinho tinto e um licor adocicado próprio para as Glórias deste mundo.

Foi nesse momento que o «Manel da noite» se começou a revelar diferente do que fora até aí.

Para começar, desembrulhou o capuchinho vermelho e começou a dançar à volta dela dizendo-lhe que só lho dava se ela lhe desse um beijo. Reproduzimos a conversa, para que todos compreendam como as coisas se passaram.

MANEL DA NOITE — Só to dou se me deres um beijo...

GLORIA — Não te estou a reconhecer...

MANEL DA NOITE — O que é que eu tenho de diferente?

. GLORIA — Tens uns olhos muito grandes...

MANEL DA NOITE — É para te ver melhor, meu amor.

GLORIA — Tens uns ouvidos diferentes...

MANEL DA NOITE — É para melhor te ouvir e ouvir esta música deliciosa.

GLORIA — Mas... tinhas-me dito que...

MANEL DA NOITE — Isso foi há muito tempo...

GLORIA — Não te pareces nada, mas nada, com o Manel com quem eu vim jantar!

. MANEL DA NOITE — Mas sou o mesmíssimo.

GLORIA — E o meu capuchinho, quando é que me dás o meu capuchinho?

. Nesse preciso momento, o «Manel da noite» abriu a porta dum quarto que dava para a sala e, entrando nele, gritou: «Vem buscá-lo». Ficamos por aqui — estamos na época do natal e não nos ficaria bem dizer o que acontece às meninas que querem muito, muito muito ter um capuchinho vermelho.

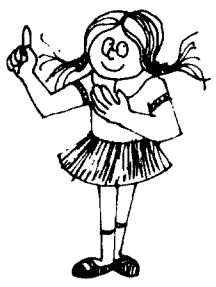
O que podemos afirmar é que não se ouviram tiros na floresta e que não apareceu nenhum caçador para salvar a Glória.

Cada um tem a glória que merece.

um lugar para si uma sociedade para todos

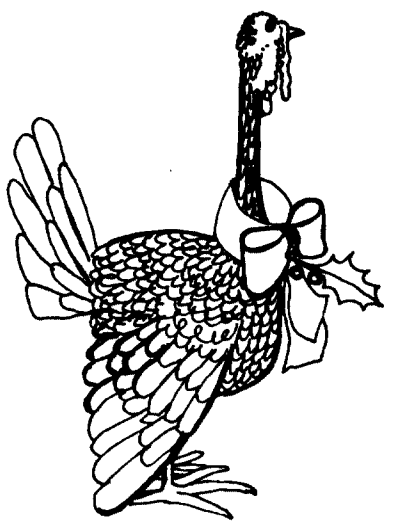
No roteiro do mundo existem lugares-chave que não podem ser esquecidos. No Algarve e em Troia, a TORRALTA está a construir centros de férias, com capacidade para milhares de pessoas, que serão lugares-chave no roteiro de férias e polos de atracção para o turismo internacional. Investir na TORRALTA é investir no futuro.

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS



O PERU MINGUANTE

Este ano o natal deu mais trabalho à gente do que é costume porque o meu pai resolveu lá porquê não sei que iamos comer peru porque natal sem peru não é natal e porque está velho e tem tanto direito como os outros a comer peru e mais isto e mais aquilo ora o que eu digo é que ele lá direito a comer peru tem o que não tem é dinheiro para o comprar sim porque para que é que serve ter direito a comer peru quando não há dinheiro para o comprar? se as pessoas fossem nessa dos direitos eu não tinha problemas de natal não senhor porque pegava numa data de caixas vazias e dava-as à família com letreiros a dizer que elas estavam cheias de direitos a presentes o que acontece é que as pessoas não vão nisso mas enfim o melhor é eu contar o que é que aconteceu para todos ficarem a saber e o que aconteceu foi que na quinta-feira o meu pai logo de manhã disse à minha Mãe que tinha resolvido fazer gazeta ao emprego para a ajudar com os preparativos do natal coitadinha da minha Mãe que é uma vítima dele quando ouviu esta notícia ia caindo da cama abaixo e só não caiu cama abaixo porque não estava na cama enfim às dez da manhã ele anunciou que iamos ter peru e bumba fomos todos para a rua comprar o dito que é o mesmo que dizer «o peru» mas é mais intelectual a minha Mãe coitadinha que é uma vítima dele tomou o caminho do talho mas ele levantou o braço ao ar e disse-lhe «Para aí antes que se estrague o arranjinho» e vai explicou que os perus a valer os verdadeiros perus de Natal não se compram nos talhos e que onde eles se compram é nos supermercados e mais isto e mais aquilo como se a gente não soubesse que ele não queria ir ao talho porque ainda lhe deve a galinha do Natal do ano passado mas enfim fomos ao supermercado e vai ele aproximou-se do sítio dos perus das galinhas e dos coelhos e palpou dez perus com ar de quem entende de perus quando a verdade é que não põe o dente num peru desde que fomos passar o Natal à terra vai para cinco anos quem o visse palavra que ficava a pensar que ele era entendido em perús enfim a menina já começava era um que lá estava e que custava 240$00 porque pesava cinco quilos o diabo do bicho cinco quilos de peru é muito quilo de peru mas a verdade é que o meu pai não quis ouvir a minha Mãe e começou a dizer que quando se come peru come-se mesmo peru e que o dinheiro do peru não saia do dinheiro da casa o que é o mesmo que dizer que lhe tinham dado uma gratificação e mais isto e mais aquilo e vai para ela não falar mais no assunto rapou duma nota de quinhentos escudos e mostrou-lha a gritar que aquele pilim era todo para o natal o que a calou logo ai não pois pudera quinhentos escudos inteirinhos num só natal é de calar qualquer pessoa e passamos para a secção dos doces onde comprou por 12$50 três garrafas de Gaeiras que é um beriol bem bom por 72$00 uma garrafa de vinho do Porto por 45$00 uma garrafa de brande que é uma bebida que arranha a garganta por 50$00 e um pão de ló por 30$00 e a minha Mãe sempre a dizer que era preciso comprar batatas para o peru e o meu pai na teima a dizer «festa é festa» e por ser festa a comprar um ananasão por 40$00 um pacote de frutas



cristalizadas por 35$00 uma garrafa de vermouth para abrir o estomago por 45$00 e no fim para rematar um queijo por 90$00 estava-se mesmo a ver o que ia acontecer sim porque nestas coisas de toda a gente ver o que está para acontecer menos os pais chegamos à porta e a conta era de 695$50 e ele só tinha 500$00 ena pai aqui d'el rei que o tinhamos obrigado a comprar um perusão quando para uma família do tamanho da nossa o que era preciso era um peru decente mas não um perusão e que não sabiamos quanto o dinheiro custa a ganhar e mais isto e mais aquilo e vai foi lá dentro trocar o perú por um outro mais pequeno que custava 168$00 por só ter três quilos e meio é claro que a poupança de 72$00 não chegou para o que era preciso porque ainda ficamos com 87$50 a mais e isto com ele a fazer contas e dizer à minha mãe para não sair dali e as pessoas na bicha a reclamarem enfim o costume sempre que os pais se metem nas coisas da vida eu disse-lhe para ir lá dentro entregar o beriol e as passas mas ele desatou aos gritos para eu me calar porque não sabia o que estava a dizer e que se eu não me calasse ainda me arrependia e mais isto e mais aquilo e que o beriol é que não entregava nem à bala de maneira que foi lá dentro outra vez trocar o peru por outro mais pequeno e veio com um de três quilos por cento e quarenta e quatro escudos que devia ser raquítico coitadito que peito nem vê-lo aposto que era cruza de galinha com passarinho de jardim público de maneira que ainda ficamos com 63$50 contra nós ele não teve outro remédio senão desistir de outra coisa porque se o peru encolhia mais ficava pintaínho e só dava para uma pessoa pois se julgam que desistiu do beriol enganam-se porque ele nessas coisas sabe muito bem o que lhe convém do que ele desistiu foi do queijo de maneira que ainda ficou a ganhar olaré se ficou porque o queijo custava 90$00 e como ele só devia 63$50 empochou 26$50 à custa da família o que é uma grandecíssima indecência olá se é e quem ficou a perder fui eu porque do queijo ainda eu comia enquanto que no beriol nem metia o dedo enfim indecencias que hão-de acabar um dia quando as mulheres e as crianças forem iguais aos homens mas isto ainda não é nada não senhor não é nada a tragédia foi no dia de natal quando a família se juntou toda para papar o peru a primeira a chegar foi a minha tia Amélia toda contente ai não quem é que não gosta de peru de borla só quem é tolo e ela de tola não tem nada que já arrumou dois maridos e vive com duas pensões à socapa a segundo a chegar foi a minha prima Eponina coitada que se chama Eponina sem ter culpa nenhuma porque não foi ela que escolheu o nome foi o pai essa chegou a andar de lado toda encostada à parede a falar de Nosso Senhor Jesus Cristo e da «necessidade de a gente compreender o significado do dia de Natal o terceiro a chegar foi o meu primo Manel do Opel que agora tem um Mercedes esse para provar que ninguém lhe leva a palma em matéria de entender o significado do dia de natal ainda estava à porta e já estava a perguntar quantas garrafas de beriol é que o meu pai tinha comprado o quarto foi o meu primo Xico dos chouriços coitadito tão simpático que trazia umas alheiras embrulhadas em papel de jornal o quinto foi o meu primo Valério que mandou a mulher para Manteigas só para vir comer o nosso peru e eu a vê-los entrar e ver o nosso peru a minguar a minguar a minguar aquilo com tanta a gente para o comer não era pinto não era nada se chegava mais um ficava ovo nessa altura o meu pai descobriu que o beriol não chegava para todos e foi para a cozinha misturá-lo com o beriol da taberna lá que o truque dá com o beriol sei eu que estou farta de o ver fazer isso agora com o peru é que não dá mesmo porque por mais esperto que se seja e o meu pai lá esperto é se não fosse eu também não era não se consegue enxertar uma galinha comprada à pressa no lugar num peru comprado no supermercado de maneira que se está mesmo a ver o que aconteceu quando fomos para a mesa sim porque se está a ver que o meu pai esperto como um alho foi para a cabeceira e começou a dividir o pinto quero eu dizer o perú pelos presentes eu não sou de coisas conto já como é que ele dividiu o pinto quero eu dizer o perú o peito foi para a minha avó que é pessoa de respeito e para a minha prima Eponina que sabe muito de natais e de religiões a parte a seguir ao peito que é uma que tem carne preta e carne branca à mistura foi para os meus primos porque os homens são homens enquanto as crianças e as mulheres não forem iguais a eles o rabo do peru é aquela parte mole que tem um gosto esquisito foi para a minha prima Amélia que tem dentes postiços e não pode mastigar as pernas foram para as minhas outras primas e o recheio que era bem bom quem o papou foi a minha Mãe e o meu Pai porque são a minha Mãe e o meu Pai e eu? querem saber o que é que eu comi? pois nem pus o dente no tal peru do natal e quando o meu pai me viu disse que não fazia mal porque a minha mãe no dia seguinte fazia canjinha com os ossos para mim ora abóbora para o natal e mais para o pinto do natal o que eu quero dizer é abóbora para o natal e mais para o peru do natal

Guidinha

DICKENS um livro um filme

José Vaz Pereira

Opina na pág. 8

DL

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Linhas de força na poesia de Nemésio

Retrato de VITORINO NEMÉSIO, óleo de Abel Manta (1966) Museu Regional de Angra

Cada qual procede sempre como se soubesse para que vive, até porque não dá conta dos seus mais importantes motivos e opções. É vivendo que nos revelamos, ou des-velamos. E, pelo menos a nível humano, nunca se vive em primeira mão. O dom da fala, oral ou muda (que é o de pensar), faz da nossa vida uma história cuja unilinearidade irreversível se evidência graças precisamente às recorrências, às analogias, às metáforas carregadas de alusão retrospectiva que pontuam essa aparente linha única irreversível, e que por isso, e afinal, a contestam a par e passo que a traçam.

Por **ÓSCAR LOPES**

Ora a poesia aparece-nos como uma das maneiras de **vida em segunda mão,** portanto de vida largando os seus véus. Tudo se passa como se, de repente, e a uma melhor escuta, se distinguissem já vários metrónomos, cada qual com o seu bater diferente e acusando um vaivém compassado de sílabas, articulações durativas ou intensivas (e isto, em português, até se reduz a **número,** sinónimo clássico de **ritmo)** e ainda de unidades intonacionais, imagens, motivos. No entanto nós não lemos a poesia tal como ela se faz, nem mesmo tal como ela se perfaz na leitura contente do seu acabamento. Lê-la é já, por suposto, **viver em terceira mão,** a não ser que se prescinda mesmo de vida verdadeira. Das duas uma: ou faz o leitor poesia sua, á sua conta e risco; ou então vive a poesia primária (e vida secundária) desdobrando as recorrências intuitivas em leis e objectos, as relações analógicas numa tipologia analítica de relações, e a metáfora naqueleoutro e mais regrado sistema de tropos que constitui o discurso do pensar reflexivo, o discurso que se flecte para trás sobre a sua própria (relativa) espontaneidade poética ou então costumeira.

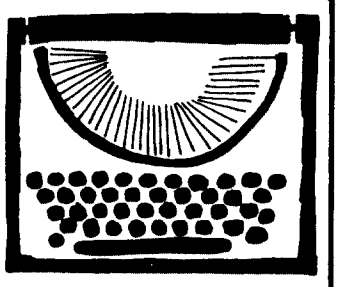
Tenho o vezo, que alguns amigos consideram doentio, de me interessar sobretudo pelos bons poetas **lato sensu** que de caras, se diria terem um pensar muito diferente. Isso talvez resulte de circunstâncias portuguesas, demasiado propícias a confusões entre planos diversos do viver e do pensar. Para quem, como eu, não acredite na identidade de autêntico pensar entre duas pessoas (Que sufocação, só de imaginá-lo!), salvo pelo que tange á acção necessária e mais ou menos imediata, falar acerca de uma poesia cujo ideário facial se não partilha é quase um alívio, pelos equívocos a que nos poupa. Mas, mais do que isso, há poucas alegrias maiores do que aparecer-nos de súbito, uma coisa de que se gosta a fundo e com todas as razões aparentes para não gostar (o amor também surge assim quase sempre, como se sabe), pois se arredarmos a mezinha fácil da dupla verdade (verdade poética, verdade prosaica, com estilo e intenção má), isso constitui justamente uma daquelas experiências em que a vida se nos revela mais fundo, e em que portanto a gente se refaz de algum modo. Ora o repto que a poesia de Vitorino Nemésio me lança acrescenta a esta larga incoincidência fácil o facto de ter-se ela própria, em dada altura, dobrado sobre si mesma, constituindo-se em hermenêutica daquilo que já fora, o que acarreta para o crítico a dificuldade suplementar de reinterpretar uma interpretação autorizada e de reviver uma revivescência já, relativamente, em terceiro grau.

Este primeiro artigo será quase só de **tour de l'horizon** e de arrumação preparatória. E, assim, ponhamos de parte os dois primeiros volumes de verso, que o autor viria a considerar **precipitados:** o **Canto Matinal,** 1916, publicado em Angra do Heroísmo pelos quinze anos de idade, e **Nave Etérea,** 1962, celebração da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, cujos decassílabos visionam a história idealizada de um Portugal personificado que é, sensivelmente, o do Astrologus junqueiriano da **Pátria,** já com alguma justeza pessoal de imagem ou epíteto, e rematando por uma exaltação, tão típica do nosso saudosismo republicano, a um vago e cristão igualitarismo agrário. Este breve apontamento tem no entanto a sua importância, pois, como verificaremos, Nemésio cava fundo, e a seu modo, o grande tema pascoalino da Saudade, e outros dos seus temas ou motivos centrais (o tema, em vários tons modulado, da inibição erótica ou aventurosa, ou de uma temporã prudência de velho, e o motivo obsessivo dos **ossos)** traem aquele senso de menos atrevimento participante e de menos ossatura de asserção cujas raízes estão neste romance, de título só por si muito significativo: **A Varanda de Pilatos.**

Os volumes de versos até agora publicados de Nemésio agrupam-se claramente em dois ciclos que se intersectam mormente em **Nem Toda a Noite a Vida,** impresso em Dezembro de 1952, o mais heterogéneo dos seus livros. No primeiro desses ciclos, a razão da existência, ou o pólo dos valores, é demandado através das saudades de uma infância que se desenha lá longe, nas Ilhas, dentro de um aro de ondas salgadas, gaivotas, espuma, e que assume vários rostos mas sobretudo o do Pai e o de um primeiro amor auto-inibido. O tema central percorre a bem dizer toda a sua ficção em prosa e tem a melhor consumação em verso em **O Bicho Harmonioso,** 1938, livro que é de longe o da minha preferência, que não da do autor. Encontramo-lo ainda dominante em **La Voyelle Promise,** 1935 e em **Eu, Comovido a Oeste,** 1940. (Surpreende, hoje que a poesia de Nemésio, expressão mais acabada do **segundo modernismo** de 30 já a caminho de um **terceiro modernismo** de 40, fosse tão tardjamente reconhecida. Em 1950, segundo os dizeres da tábua bibliográfica de **Festa Redonda,** acerca de **Eu, Comovido a Oeste,** «o autor tem os livros em casa, para dar aos amigos.»). Podemos considerar como sua expressão menor um conjunto de composições em metro e dialecto popular açoriano que preenche **Festa Redonda,** 1950, e daí transborda para parte das Xácaras e Cantigas incluídas em **Nem Toda a Noite a Vida.** Registemos de passagem, que **La Voyelle Promise** é o melhor produto de um dom

Continua na página seguinte

OPERAÇÃO crítica



CRÍTICA é uma nova revista literária. Já aqui se tentou falar da importância do seu aparecimento e também da qualidade e do interesse deste seu número primeiro. Seria fácil apontar-lhe agora também os erros alguns dos quais serão talvez (ainda) uma certa incaracterização, uma certa ausência de unidade, o abuso do texto demasiado circunstancial, uma capacidade interventiva que ainda pouco se faz notar.

E preciso no entanto entender que se trata de um primeiro número. Que haverá ainda hesitações, problemas diversos a resolver, decerto que pouca abundância de textos. Para além disso, a elaboração e a preparação aqui do primeiro número de uma revista literária terá com certeza de se autolimitar por certo número de cuidados dos quais dependerão a sua continuidade e a capacidade interventiva que no futuro venha a manifestar.

Melhor será portanto guardarmos as críticas para mais tarde para quando a revista puder já definir-se deixando entrever o que a motiva e estrutura a sua actuação.

Para já cumprindo a função informativa que entendemos deve ser a nossa própria motivação compete-nos apoiar e fazer notar o seu aparecimento.

CRÍTICA é uma revista que nasce uma revista que era precisa. Para quê e como nos diz o depoimento conjunto de Eduarda Dionísio e Jorge Silva Melo que seguidamente se transcreve:

Toda a gente sabe que quase toda a crítica em Portugal ou está vendida ou tende para um ensaísmo que a trai. Com isso a crítica esquece ou desrespeita um vasto público, aqueles que, não tendo uma cultura artística especializada, se INTERESSAM. Esse público tem o direito de ser informado CRITICAMENTE (sobre o que se passa, o que se esquece, o que se poderia passar). Daqui, do nosso senso **e do nosso** gosto, **surgiu o jornal: um jornal que pretende acompanhar criticamente o movimento cultural que existe (visando uma consciência crítica pretende-se uma separação daquilo que perpectua o** statu quo **daquilo que o rejeita).**

Por isso nos interessa aqui mais uma crítica de acontecimentos concretos livros, filmes, espectáculos... do que uma teorização, se bem que, evidentemente, uma teoria informe sempre qualquer actividade crítica.

Pelas mesmas razões queremos escrever claramente **(o que nem sempre é fácil). Para um público que, abandonado ou desrespeitado, acabou por desistir.**

Pareceu-nos que um jornal, mais do que uma revista serviria isto: um jornal de paginação clara **que se pretende** útil **apenas.**

Linhas de força na poesia de Nemésio

Continuação da pág. anterior

de mimetismo linguístico de que Nemésio nos dá muitas provas dialogais, epistolográficas e outras na sua ficção em prosa: poderíamos ler estes poemas em francês como expressão de uma **dramatis persona**, quase um heterónimo estilístico, correspondente a um dado estereótipo étnico do «português», mais especificamente do «varão açoriano», moreno, salgado, canhestro, passadista, valente, instintivamente sensual e terno, tal como deseja e imagina projectar-se numa retina francesa, ou melhor, numa França que, indisfarçàvelmente, é uma **France femelle.** Como subprodutos em todo o caso engenhosos deste mimetismo idiomático é que nós classificaríamos outros produtos de Nemésio, nomeadamente quatro partes de **Nem Toda a Noite a Vida,** ou sejam, várias outras **Cantigas** regionalistas, os **Nove Romances da Bahia** (com edição de luxo á parte e em número de **Doze), Al Paso de Castilha,** e até mesmo, pelas suas degustações literárias, o pitoresco das notas de viagem da secção **Expresso Bruges-Coimbra.** É óbvia a contiguidade disto com os seus volumes de viagem, e até com uma pequena parte da sua poesia religiosa, quando a veia lírica borbulha menos e adivinhamos um ressabido artista a deliciar-se com umas formulazinhas fradescas antigas, a sua erudiçãozinha etimológica, a velha arte vicentina ou sermonária de dançar ao vira com o bilinguísmo latino eclesiástico e português.

O segundo ciclo poético de Nemésio caracteriza-se pela orientação ao Deus católico tradicional daquilo mesmo que, dentro do primeiro ciclo expunha as suas feições mais visíveis numa cortante saudade da infância ou adolescência. Como se sabe, é uma transmutação semelhante que se assiste no célebre tratamento camoniamo do salmo **Super flumina Babylonis.** O longo poema **Áspera Vida,** contido em **Nem Toda a Noite a Vida,** é aquele em que melhor se consuma á nossa vista uma mutação semelhante, mas devemos reconhecer que os dois ciclos se iluminam reciprocamente. Tal como acontece com o naturalismo sensual e o neo-platonismo agustiniano ambos renascentistas, de Camões (para aproveitar a aproximação já feita), estes dois ciclos da poesia de Nemésio só ganham em serem considerados em todo o espaço das tensões que constituem, sem qualquer amputação e com o mínimo de redução em qualquer modelo mental de hermenêutica. Toda a religiosidade dos últimos versos de Nemésio palpita em germe até nas cenas mais irreverentes de certos contos e do seu primeiro romance; e nós vamos presenciando sucessivas fases de esmaecimento das cores da paisagem infantil, até á brancura, a osso nu, do final. nós sabemos já pela psicologia da audição musical que um simples fio melódico se ouve polifónicamente: ao seu início sobrepomos sempre a antecipação de um desenvolvimento possível, ou já conhecido, e o desfecho embebe-se necessàriamente para fazer sentido numa espécie cânonefmental com o início. Quando digo preferir **O Bicho Harmonioso** fique pois subentendido que, no entanto, ele me parece mais rico sobre um fundo em que, por exemplo, se recorta **O Verbo e a Morte.**

Mas voltemos á evolução geral, embora não unilinear da poesia de Nemésio. Assim, embora contendo composições contemporâneas de **La Voyelle Promise** e de **O Bicho Harmonioso,** e suficientemente próximo destas recolhas para que o autor o reunisse com eles no seu primeiro volume conjunto de **Poesia (1935-40),** a verdade é que o livro **Eu, Comovido a Oeste** acentua o peso e ideia da morte, doravante obsessiva: ela está em primeiro plano em cerca de metade dos poemas constitutivos. Em seguida, o lirismo religioso segue por dois trilhos, ambos representados em **Nem Toda a Noite a Vida:** ora uma mais directa e, por assim dizer, pessoal meditação sobre o tempo, os seus irreversíveis e o seu eterno, e os últimos fins do homem, que predomina em **O Verbo e a Morte,** 1959; ora, como em **O Pão e a Culpa,** 1955, temos ainda uma espécie de **mimesis,** aqui a da candura da religiosidade popular ou infantil, que vai até á tradução ou paráfrase de textos da tradição sacra.

Isolemos aqui um pouco o **Canto de Véspera,** 1966, só para poder apontar uma corda de sarcasmo ou humor mais vivo que também arripia outras obras anteriores (como certos sonetos de **Nem Toda a Noite a Vida)** mas que aí traem uma talvez última e involuntária resistência da vida vivida na carne **contra** (parecendo que não) o aceno de outra melhor e prometida vida. Quanto a **O Cavalo Encantando,** 1963, não passa aparentemente de uma **poesia experimental** (não dista muito, com efeito, de certas **experiências** associativas de Herberto Hélder) de exploração multimoda a metáforas de cavalo, arreios e efemérides da arte de bem cavalgar toda a sela, mas, como veremos, isso não passa de um processo neo-barroco levado muito mais longe e todavia já ocorrente noutros poemas, sobretudo religiosos, e o tema de fundo continua sendo o das saudades da infância integrados com relances rurais de outro meio (aparentemente ribatejano), ressaibos literários e incidências de reflexão evangélica ou de arte poética.

A oposição relativa como já estamos vendo, entre dois ciclos temáticos manifesta-se quer no estrato, por assim dizer, literàriamente concreto do estilo, quer no estrato da filosofia em geral e da filosofia da **poesis.** Há certas oscilações de significação metafórica situadas numa curiosa zona de transição entre estes dois estratos e que, por isso, contêm indícios de especialíssima importância. Assim, a palavra «osso», uma das predilecções verbais e imaginátivas de Nemésio, corre todo o trajecto entre dois pólos opostos, cada qual no seu ciclo. Num desses pólos, que sobretudo se detecta nos livros reunidos em **Poesia (1935-40),** os ossos (do poeta) erguem-se a símbolo mesmo dos limites pessoais de tempo, espaço e ensejos que se aceitam e até, e emotivamente, se reduzem á máxima dureza de contenção. O **Credo** correspondente reza assim: **Je crois que je venu tout juste à l'heure exacte et que je ne pourrais rien espérer de l'avenir ou du passé,/ sauf la perte de mon profil (...) C'est pourquoi mes os durs (...) tiennent bon./ Creuse donc l'enfer- imprévisible,/ os dédaigné (...).** Mas já mesmo em **O Bicho Harmonioso** o **estar em osso,** ou **enxuto em ossos,** constitui um estado, não de plenitude possível assumida, e sim de privação quanto a tudo o que a saudade, a Ilha, o Pai e Ela acenam desde a infância. E, mais ainda, **a posição o oco cheio/ por cada um no seu limite** aceitam-se, é verdade, e até se corroboram, mas **até que um peso, que ainda não veio,/ faça que tudo se exceda e grite.** Se entrarmos de todo na esfera do segundo ciclo, o **osso** (ás vezes contrapolarmente oposto ao **ovo)** é a mineralização final da vida limitada **(Espero o quê? Meu osso!),** a matéria última em que, tubularmente revibra o nosso íntimo **órgão de medo.** (Estes admiráveis símbolos encontram-se ainda mais admiràvelmente adensados nos tercetos do soneto de pág. 70 de **O Verbo e a Morte)** O mal estaria precisamente no limite **(perco-me até onde «eu» diga),** a não ser que, e com inevitável ambiguidade, o mesmíssimo limite se assinale como tal, **feiro ponteiro de osso e pele e pêlo, já/ regulado do além que de cá segues,** ou se atinja a alegria mística de quem viu deslaçarem-se da carne os seus derradeiros desejos urgentes **(ardem-me os ossos brancos de alegria).** As breves transcrições feitas, e cujo espírito original respeitei quanto me é possível, bastam já talvez para lembrar ou sugerir o que há de imediatamente belo no texto. Da sua hermenêutica se verá adiante, assumindo-se para já como óbvio que a antinomia, no homem singular ou colectivo, do finito e do infinito — não é menos importante ao catolicismo do que, por exemplo, a um materialismo com interesse. Não pode haver melhor destino para uma poesia católica do que o ser lida como de todos, no que contém,não de seita, mas de **cathólou,** de abertura ao universal humano.

Nemesio, sucessor temático de Régio

Ora toda a melhor poesia religiosa se mostra ciente de ciladas e equívocos a que nunca se exime. Na tradição literária portuguesa, é Régio o antecessor temático de Nemésio que mais importa considerar a fim de descortinarmos alguma medida de autenticidade relativa. Podia, é certo, recuar-se a Junqueiro, e perguntar, por exemplo, até que ponto uma palavra tão dilecta e superdeterminada como «pão», consagrado símbolo místico de toda a origem e sustento da vida da alma, da poesia, não inchará por vezes, como no poema epónimo de **O Pão e a Culpa,** até ao alegorismo cansativo da **Oração ao Pão.** Mas Régio está sem dúvida muito mais á vista. Apesar de uma partitura extremamente sóbria, para concerto de câmara em metais, lá escapam algumas ressonâncias de estridência regiana, ora nas sondagens a **o meu poço,** ora nas psicomanias de um **meu remorso barato** ou de um **chorar por medida de versos,** ora em conexas exortações á impiedade do Anjo ou ao vibrar do **látego** de o outro.

Não se trata de meros passes de estilo, pois é precisamente ao nível microscópico da expressão que Nemésio aqui melhor se defende. Trata-se de todo um conceito, que se quer vivido e vívido, de religião. A caminho de melhor explicação disto que dizemos, veja-se o seguinte paradoxalmente, e sobretudo em poeta que veremos tão senhor da sua arte, esta casuística também regiana dos labirintos onde a casuística do misticismo se mete desemboca várias vezes em apologia do silêncio **(Silêncio é peso de Deus./ Levantar a voz começa/ a pôr o homem sózinho/ como morto numa essa).** E claro que toda a palavra autêntica se gera de uma dialéctica sua com um dado silêncio. Nem mesmo é exclusivo da palavra poética o nascer de um silêncio. Mas a questão que aqui irrompe vai mais fundo: é a questão do poder ser-se, ou não, superiormente humano (e, em espécie, catòlicamente autêntico) independentemente de uma **comunhão:** com os homens num Deus de caridade, e com Deus nos homens tais como são, e mesmo **estão.**

Baste um breve exemplo para evidenciar a areia movediça onde estamos nisto da imanência necessária de **outrem** a **nós** e de um **tu** singular e/ ou universal humano minusculado ao Tu maisculado de qualquer sua transcendência, religiosa e/ ou histórica. Este exemplo, onde vamos pela primeira vez aflorar um tema decisivo e que depois trataremos a partir da poesia de Nemésio é o seguinte: **Afogo-me no rápido perfume/ da onda que me soa pela janela.** São dois versos do belo poemeto de págs. 13-14 de **O Verbo e a Morte.** Nestes dois versos que querem exprimir a diluição pessoal no amor divino, no amor ao Amor, grita afinal uma contradição, não totalmente destrutiva mas sensível, que é a de quatro poemas da primeira pessoa do singular, incluindo duas formas pronominais. Eis uma pequena amostra de todo um inconsciente egotismo que Nemésio, por assim dizer, herdou **quand même** de Régio, e que não deixa de ser gramàticamente palpável, e até numerável, lá pelo facto de ter sido passado a um timbre estilístico muito velado.

A decantação do sentimento religioso pelos filtros da ingenuidade de gente humilde ou de calções (filtros que Nemésio sabe admiràvelmente impôr na sua conotação linguística) não basta para neutralizar tal egotismo. Antes o define, porque como Freud nos mostrou, as pulsões dinamizadoras do Ego surgem-nos sempre investidas em imagem: o Ego, meu limite e carácter, pressupõe objectos definidos. O ego de Nemésio define-se a partir de um encasulamento em dada saudade de cor regional, folclórica, doméstica, infantil, e o caminho de ascese religiosa que seguiu está muito mais determinada do que ele, aparentemente julga por esse ponto de partida. E até para a melhor valorização daquilo que o segundo ciclo poético de Nemésio efectivamente traz de novo e enriquecedor ao primeiro, convém não esquecer que há outros caminhos para uma boa ascese e um deles reconhecem-no teólogos da craveira de Rahner, é o próprio ateísmo como estágio de **teologia negativa** indispensável á abertura a um **Deus maior,** subjectivamente **maior.** E se esse caminho ficar inominado e sem dialecto de paróquia dogmática, que é sempre aliás datado, pode afinal ser a expressão mais comunicativa da caridade. Pois, para o crente, não vive a caridade de uma dialéctica do amor a Deus nos homens, e aos homens em Deus? Ah, a delicadeza infinita desta questão de usar ou não um nome próprio, e de inseri-lo ou não na história de nós todos (e, ainda mais, na biográfica)!

Conclui no próximo número

LICEU
CICLO PREPARATÓRIO
DIURNO - NOCTURNO
Sá de Miranda
Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef. Secret. 45310 Direcção 537532

JOSÉ DA CÂMARA LEME
QUANDO NASCI NA MINHA MORTE
Agreste de riso e pesado de ironia, um percurso interior pelos temas da obsessão e do vazio, uma experiência nova no romance português.
colecção
AUTORES PORTUGUESES
preço 40$00
LIVRARIA BERTRAND
Apartado 37 — Amadora

Passagem de Ano no ALGARVE (Albufeira)
O **Touring Club de Portugal** em colaboração com as Agências de Viagens:
AQUATUR — Rua Castilho, 201-B — Tel. 65 43 20
MARSANS LUSITANA — Av. Liberdade, 72-A — Tel. 32 31 42
WASTEELS-EXPRESSO — Av. António Augusto de Aguiar, 88-C — Tel. 4 21 85 e R. Caminhos de Ferro, 62-C — Tel. 86 85 88
Organizaram o seu «reveillon» na **Aldeia das Açoteias,** com transporte (avião ou caminho de ferro) ou só estadia.
PEÇA PROGRAMAS DETALHADOS

NOVIDADE LITERÁRIA:
PEDRAS À BEIRA DA ESTRADA
NOTAS E PERFIS
1929-1971
por JOAQUIM PAÇO D'ARCOS
«Trinta vidas ao longo duma vida»
Escritores, artistas, diplomatas, homens públicos julgados pelo autor de «A Floresta de Cimento» ao longo da sua extensa carreira literária.
Uma obra completamente independente da que, sob o mesmo título, «Pedras à Beira da Estrada — 1.º volume», o autor publicou em 1962 e em que reuniu nove conferências de temas literários.
GUIMARÃES EDITORES — R. da Misericódia, 68
LISBOA

Artes Visuais

Geometria didáctica

Miguel Yeco
Galeria Judite da Cruz

Por ROCHA DE SOUSA

Miguel Yeco nasceu em Lisboa a 4 de Novembro de 1945. Dedicou-se, no Brasil, às artes gráficas, tendo obtido nesse domínio um 1.º prémio. Tem sido bolseiro da Fundação Gulbenkian, desde 1968, em Paris. Participou nas exposições «3 Grands e Jeunes d'aujourd'hui» (Paris, 1971); «Dix ans d'art portugais à Paris/1971».

«A forma geométrica: ela é como o ser humano, ambígua, contraditória - eu vejo as suas mil caras, os seus mil recantos escondidos, os seus mil olhares. Bela como a lua-círculo, sinistra como as janelas-rectângulos das prisões, quadrado tântrico que extasia, quadrado árido indicando o caminho do deserto da monotonia, civilizações mágicas de misteriosas pirâmides triangulares, civilizações cinzentas de arranha-céus cúbicos normalizados, círculo da vida e da morte, círculos dos olhos de todas as mulheres do mundo, círculos das engrenagens das máquinas da asfixia, acumulação de hexágonos onde corre o mel, acumulação de cubos paisagens de assassínio e solidão, formas sérias dos planos para as estátuas aos mortos já mortos antes de morrer, quadrados nascidos do acaso e do tempo com as cores da vida antes da plastificação, linhas paralelas do transsiberiano e dos outros caminhos de ferro da aventura, linhas torturadas dos electro-encefalogramas da loucura, acumulação de rectângulos nas bibliotecas milenares, corte longitudinal num imenso sonho geométrico, sedimentação de quadrados, triângulos, círculos, elipses, losangos, ovais, ogivas, polígonos de mil formas em camadas sucessivas.»

(texto publicado no catálogo)

OS VERDES ANOS

O parágrafo que transcrevemos de um texto publicado no catálogo da exposição de Miguel Yeco não foi assinado. Não há sinal de aspas na publicação, pelo que presumimos que se trate de uma equivalência literária encontrada pelo pintor para exprimir as motivações da sua obra. O texto envolve um complicado número de correspondências entre as figuras geométricas e a paisagem do mundo em que vivemos. Ou seja: Miguel Yeco resolve a sua visão do mundo através de uma constante variação de estruturas geométricas, transformando-as em símbolos do crescimento urbano e tecnológico, estabelecendo do mesmo modo certos paralelismos com o desenvolvimento orgânico de formas naturais. Mas há no texto, por muito discutível que ele seja literàriamente, o sentido de uma aventura poética (ou o sentido lateral de uma proposição mística) que a obra pictórica não alcança. Diremos que o erro não se mede na pintura, porque esta funciona de facto a outro nível, mas antes na linha poética do próprio texto. A pintura situa-se aquém e além dele, incorrendo sobretudo numa reflexão e numa explicitação em torno das estruturas básicas do próprio plano, das figuras elementares que nele se podem inscrever como ponto de partida e de algumas manipulações capazes de promover o desdobramento do espaço e das figuras, provocando paralelamente a mobilidade da percepção e a dilatação de diferentes campos de leitura. O real quotidiano não aparece inscrito nesta investigação ou nela só se refere de uma forma extremamente oblíqua, sobretudo nos quadros em que parece ter havido uma preocupação de somar os resultados das experiências básicas (figura 1).

Miguel Yeco é um autor muito novo (26 anos) e a orientação do seu trabalho (aliás meticuloso e desenvolvido segundo uma certa preocupação didáctica) decorre de assimilações feitas sobre esquemas geométricos que apoiam o estudo da percepção e que motivam, numa fase mais avançada, a articulação de uma linguagem de fundo analítico, voltada em particular para a descoberta de novos códigos capazes de um funcionamento mais autónomo, informando-a e enformando-a numa via lateral ao mundo das aparências do real quotidiano. Na exposição do seu pensamento teórico, Miguel Yeco tropeça com frequência nos dados de uma emoção poética que o atinge provàvelmente no acto de **ver** as coisas e os seres, mas que está ausente das sua geometria pictural. O seu estudo tem necessàriamente uma densidade poética (porque isso é próprio de todo o comportamento da forma plástica), mas o itinerário traçado pela obra de Yeco situa-se no controle racional da emoção, no confronto de estruturas cujo significado se mede ao nível de movimentos perceptivos essenciais e da coordenação de malhas geométricas muito simples. Essas malhas correspondem sobretudo a sistemas ordenadores da superfície, capazes de dirigir o olhar, de fazer com que esse olhar se torne crítico, condicionando o modo de formar e o comportamento das figuras no plano.

UMA GEOMETRIA DIDÁCTICA

Se olharmos para a figura n.º 1 (reprodução de quatro séries de Miguel Yeco) poderemos verificar fàcilmente que o autor pretende desdobrar a forma tendo por **base** a mesma estrutura ou um sistema ordenador da superfície. No primeiro caso, assumindo a realidade estrutural do próprio plano (um quadrado), Yeco toma os pontos de tensão estabelecidos pelas medianas e inscreve na superfície um novo quadrado, ao qual se circunscreve um círculo, círculo esse que por sua vez se inscreve nos limites do plano. Esse é o sistema ordenador da superfície, a estrutura. Trata-se de uma realidade linear estática e simétrica. Jogando d e p o i s com os valores cromáticos, o autor sublinha a presença emblemática do segundo quadrado, que adquire então e paralelamente uma função dinâmica. Na alternativa seguinte, é o círculo que aparece sublinhado, passando o segundo quadrado (agora inscrito de preferência no círculo) a ter uma função ainda dinâmica mas subalterna. Este jogo, bàsicamente muito simples, é o bastante para agitar a nossa actividade perceptcional e mobilizar, pelo menos a dois níveis, a nossa capacidade de leitura. A disposição da cor numa mesma estrutura, adaptando-se a esta de duas maneiras, imprime diferentes significados à forma de raiz e muda portanto o sentido final da composição.

Os outros exemplos da figura 1 limitam-se a prolongar e a objectivar esta problemática. No segundo caso, o quadrado continua a estar inscrito no plano numa posição simétrica, acentuado pela distribuição cromática e não sofrendo a intervenção decisiva das linhas dinamizadoras que o atravessam e que cortam em diferentes direcções a superfície geral do quadro. Mas na alternativa seguinte, proposta para esta estrutura, o quadrado inscrito perde quase por completo a sua presença, diluindo-se na malha dinâmica atrás referida. Identificá-lo corresponde a um exercício crítico por parte do espectador: tal como na realidade, em que a aparência de um objecto concreto se altera consoante as circunstâncias em que a percepção se realiza, assim a forma representada pode adquirir diferentes significados conforme o tratamento que à sua estrutura se somar.

Se prosseguirmos neste tipo de leitura narrativa (outros tipos de leitura se poderiam fazer, mas talvez menos adequadas à circunstância), encontraremos na «Progressão para a ambiguidade n.º 3» (figura 2) a desmultiplicação de uma estrutura básica em simultaneidade com o desdobramento da estrutura cromática. Neste caso, Miguel Yeco começa de novo na realidade estrutural do plano, dividindo-o, segundo as medianas, em quatro partes e depois, segundo a quarta parte dos lados, em dezasseis partes iguais. Com base num esquema tonal de raiz trenária, o autor dinamiza o sistema ordenador (que é estático) acentuando as partes da divisão que determinam a diagonal «ascendente» (1). Miguel Yeco parte depois desta alternativa para uma segunda disposição em que o ritmo da estrutura se altera, complexificando-se, embora continue a decorrer de uma organização com base nas linhas horizontais e verticais. A regularidade começa a desaparecer em favor de uma maior carga de informação e a própria diagonal assinalada pela cor tende a dividir-se em quatro movimentos. A leitura já não pode cingir-se à existência de um padrão repetido, tendo de diversificar-se de acordo com a crescente dinamização da superfície. O maior nível de ambiguidade da estrutura é atingido na quarta alternativa, verificando-se neste ponto um máximo de possibilidades de manipulação das formas representadas (maior carga informativa) e portanto uma dilatação do campo de leitura. De um ponto de vista estritamente operatório, trata-se de uma exemplificação que atinge a função crítica (visual) do espectador.

Na mesma linha de análise, as figuras 3 e 4 (reproduções de dois quadros da exposição) dão-nos de forma exemplar uma das projecções «finais» do estudo de Miguel Yeco - a conquista racional e progressiva de uma linguagem que se complexifica para abarcar uma mais vasta gama de significados, exigindo sucessivamente uma maior capacidade de relacionação crítica. Voltando a uma estrutura perfeitamente normalizada (que corresponde aproximadamente a dois terços da superfície) o pintor confronta-a com uma outra base geométrica de grande complexidade: aí se reconhece um sistema de linhas quebradas e curvas que se conjugam orgânicamente entre si e se explicam pela distribuição da cor, propondo um tipo de representação onde o valor de relevo desponta da realidade gráfica e pictural. Não é difícil reconhecer nesta experiência a anotação (diríamos didáctica), não só do somatório dos resultados anteriores, como de uma mais intensa exploração da sua dinâmica.

Em suma, (figura 4) é na última alternativa dos exemplos escolhidos para a nossa análise que se encontra o nível mais elevado da investigação plástica de Miguel Yeco. A animação da superfície decorre aqui, em grande medida, do exemplo da figura 3, adquirindo o valor máximo de mobilidade, propondo um grande número de relações ou de possibilidades de leitura e explorando a terceira dimensão, a qual resulta «paisagisticamente» sublinhada pela existência de uma zona «vazia» na parte superior do plano. A liberdade do espectador é então provocada e responsabilizada de forma mais intensa, pois o quadro, embora estruturado de modo muito específico, **abre-se** a um vasto número de identificações, de reconhecimentos e de transferências.

Gostaríamos, por fim, de acentuar que esta abordagem da obra de Miguel Yeco não implica necessàriamente que lhe atribuamos um lugar de relevo numa hierarquia de valores estéticos, antes reflecte o reconhecimento de uma problemática cuja base, para além da forma que a ilustra, merece sem dúvida o cuidado da nossa atenção, sobretudo porque refere uma consciência das realidades em que se fundamenta a comunicação visual.

(1) Na exposição, talvez por defeito da montagem fotográfica aqui apresentada, esta composição identifica, ao contrário, a diagonal «descendente».

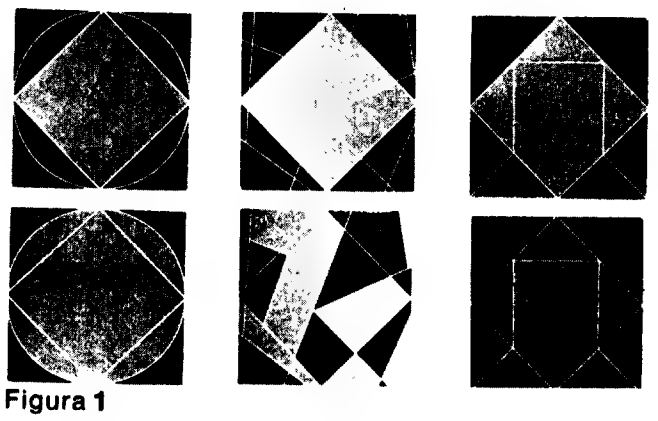


Figura 1

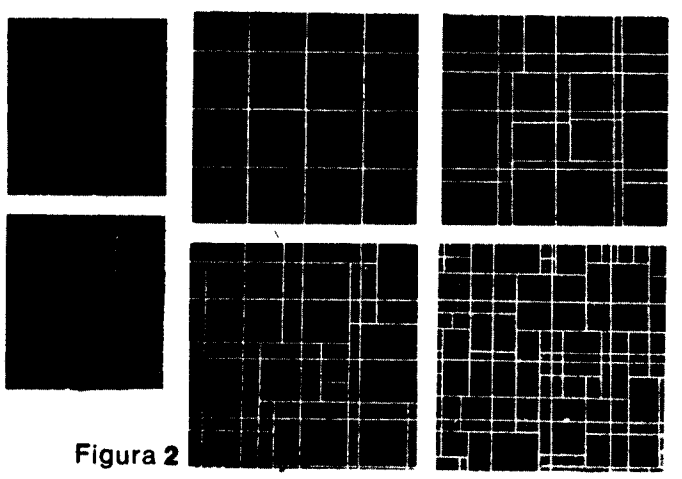


Figura 2

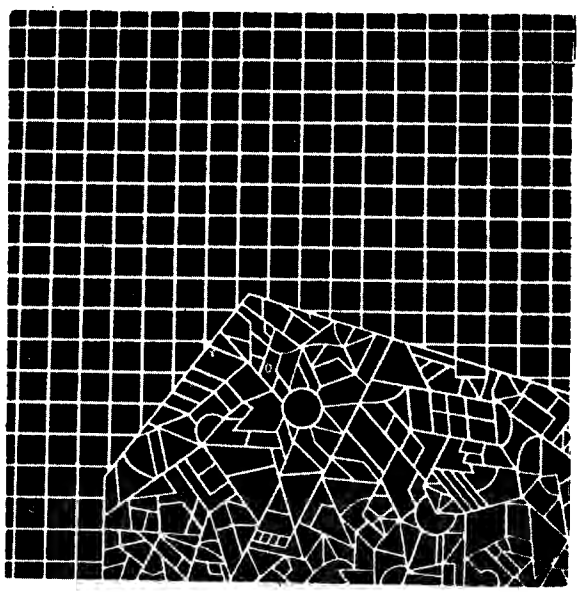


Figura3

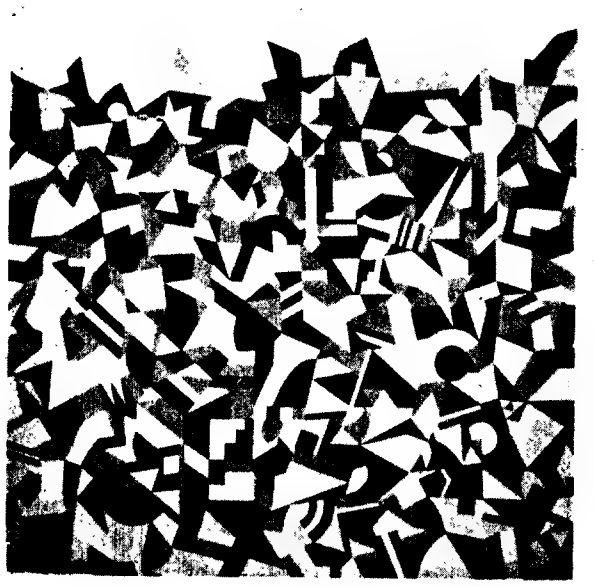


Figura 4

POR
FERNANDO LUSO SOARES

PONTOS DE REFERÊNCIA

A páginas 32 do seu livro «A Existência Literária», o senhor António Quadros produziu este reparo que eu considero pertencente ao rol dos factos por demais notórios: «O conflito das estéticas é um fenómeno inédito na história artística ou literária. É no século XX que eclude a mais completa desagregação, a mais completa atomização estética que o mundo ocidental jamais conheceu. Perdida uma concepção filosófico-colectiva do ser, cada artista isolado proclama o direito de afirmar a sua própria concepção. Já não há uma verdade: há «uma verdade para cada um». Ora daqui, se bem me parece, eu tiro esta lição (dada pelo senhor António Quadros): que o conflito das estéticas é um factor insofismável da nossa idade __ e, assim também, que a polémica dos respectivos prosélitos deve constituir um seu corolário irrecusável.

Dir-se-ia que o reconhecimento deste facto era suficiente ponteiro de relógio para o pensador Quadros saber, por ele próprio, a quantas anda neste mundo. Ter consciência de que «o conflito das estéticas» é fenómeno característico do nosso tempo, devia ser consciência bastante para ele perceber que a polémica dessas estéticas **impugna reciprocamente, conflituosamente a validade dos respectivos sistemas**. Mas o senhor Quadros, que constantemente «glissa» do plaino especulativo para a rampa da hiperestesia, enquanto por um lado sorri para todas as correntes e lhes chama «válidas» (no final de contas é tudo boa gente), por outro, espantosamente perde a compostura quando se lhe contesta a sua «filosofia» (dita) portuguesa. Então a nau lusitana sai da calmaria, vai ao Matapão dos infiéis, ataca os da estética que se lhe opõem (como faz no Diário Popular do passado 16 de Dezembro), acusando-os assim: que eles são de «outra cultura» (olhem só, o exclusivista!...) «pois regem-se por palavras de ordem, dogmas, mimetismos e cartilhas». Mas diz mais, o senhor António Quadros, que «a cultura consiste para eles (infiéis) no firmarem-se em posições dogmáticas...» __ e etc. etc., tudo dedilhado nas ardidas notas de uma canção decrépita, que não há burguesíssimo teórico que não a descante.

O senhor António Quadros, vou-me convencendo, é um indivíduo estranho. Pelo menos, no seu citado livro **A Existência Literária**, de 1959, ele acabava por reconhecer que «uma verdade para cada um, uma estética para cada um seriam asserções relativamente válidas se cada artista tivesse uma organização mental que lhe permitisse re-inventar o mundo peça por peça. Na outra alternativa, os artistas escolhem uma, de entre as correntes artísticas mais em voga, e estas, por sua vez, radicam nas escolas filosóficas que, com maior penetração, afirmam uma compreensão da realidade». Todavia a isto __ esquecendo-se que ele próprio se integra numa filosofia dita portuguesa __ o senhor Quadros, quando lhe convém, chama dogmatismo, dirigismo, degeneração prática, e outras parvulezas.. De outras vezes, porém, então já é o radicar nas escolas.

Se tem a palavra fácil, este senhor Quadros!... O vocabulário, esse é que lhe sai muito frouxo __ condição aliás óptima para os paroxismos da sua locubração filosofal. Palavra que lhe vem à mente, zumba na filosofia! Ainda no 4.º n.º do seu artigo de 16 do corrente ele, por exemplo, fala da minha «evolução», empregando porém este vocábulo com uma impropriedade capaz de arrepiar o aço. Anoto a circunstância de no texto a que ele se refere (que veio publicado no Diário de Lisboa de 28 de Novembro) eu não ter empregado, evidentemente, a meu propósito, essa palavra «evolução», o que seria um disparate de truz. E fico esperançado, apesar de tudo, na hipótese de o senhor António Quadros conseguir perceber o que lhe venho dizendo.

Mas, já agora que estou com a mão na massa do confusionismo terminológico deste pensador avalizado por uma licenciatura, enveredo por um outro caso, o qual ficaria no silêncio (francamente já estou farto de dialogar com o senhor Quadros), não fosse ele continuar a morder-me buldoguemente a barriga das pernas.

Em tantos de tal, depois de aquele senhor me ter dedicado um segundo artigo no Diário Popular __ periódico que lhe «abriu generosamente as suas colunas» (sic), coisa de que aliás eu não duvido, como iremos ver __ remeti, para a redacção do mesmo, uma resposta que passo a reproduzir. Era ela a seguinte, nestes termos exactos, integrais, completos:

«1 __ No passado dia 18 de Novembro dedicou-me o dr. António Quadros algumas linhas do seu artigo «A outra censura», às quais já respondi em texto destinado ao Diário de Lisboa, que intitulei «Não basta!». Volta, entretanto, o mesmo senhor a referir-se a críticas que lhe fiz, agora no suplemento de «5.ª feira à tarde» do dia 25, num enredo a que chamou «Como deturpar um texto e enganar o leitor». Mais uma vez, portanto, a investida me obriga a repor as coisas no devido pé, mostrando em duas penadas a triste debilidade dos seus artifícios.

«2 __ No Diário de Lisboa de 17 de Outubro __ em artigo cujo tema era «A estrutura e a forma da obra literária» __ aconteceu-me transcrever parte de uma frase extraída de **Ficção e Espírito** (o último livro do dr. Quadros). Não o fiz, porém, sem uma expressa advertência, Isolando do caos aquilo que parecia constituir uma afirmação teórica, eu escrevi: «Mas o que agora ponho em causa é, na verdade, e só a tal afirmação. E, **se acaso não lhe trunco o sentido com a recolha da parte que simplesmente nos interessa neste momento**, eis o significado que ela nos transmite: «... a organização estrutural da obra (...) não será o seu ser, mas a forma...» Posto o que me perguntava em termos muito simples: «Pois será exacta a ideia de que a «organização estrutural» equivale tão categòricamente à «forma?».

«3 __ Agora pretende o dr. Quadros que lhe deturpei o texto e, vai daí, que lhe estraguei a ideia. E então reproduz o que se encontra, no total da frase, a págs. 339 dessa caótica **Ficção e Espírito**: «... a organização estrutural da obra, que não será o seu ser, mas a forma como um verbo ou uma energia dispõe e sistematiza unitária, sintáctica e monòdicamente a substância»...

«4 __ Esta frase enferma, é evidente, da verborreia de que em geral enfermam todos os textos «filosóficos» do petimetre. Peguei no conjunto e, ao podá-lo do palavreado, para apurar o que me pareceu ser a espinha dorsal (com interesse para a discussão teórica), tive logo o escrúpulo de observar que **corria o risco de truncar o sentido com a recolha da parte**. Basta ler o sublinhado no n.º 2 antecedente, para se verificar isto.

Ter-me-ei enganado a fazer a poda?... Admita-se a hipótese. Mas resulta insofismável o não ter querido enganar ninguém. Ou não punha eu a nu a dissecação? Quem, alertado pela minha advertência, conferisse o **todo**, ajuizaria se acaso a **parte** resultava ou não truncada.

«5 __ O dr. Quadros, porém, afirma estar «claro que, neste passo, **forma** surge como sinónimo de **modo**, permitido e habitual na língua portuguesa» (sic). Só que esta emenda é bem pior do que o seu soneto! Ela ajuda a revelar o que vale (como pensador e teórico) este pândego metafísico da «filosofia portuguesa».

«6 Vá que a palavra **forma** possa ter o sentido de **modo** na linguagem do português habitual. Mas que um «filósofo» se queira safar do irremediável despautério tentando inserir num texto ensaístico, como ressalva, um sentido comum corrente, quando nos faz acreditar que está a trabalhar conceitos teóricos, isso é que lhe fica muito mal! Quando se escreve **como pensador**, quando se usa determinado termo para se apelar para uma terminologia específica e técnica (dentro da qual a «forma» tem um estatuto próprio) __ só por espertalhonice ineficaz se pode tentar depois corrigir a mão, arriscando que (nesse texto) a **forma** não é afinal a **forma**, mas simplesmente o **modo**.

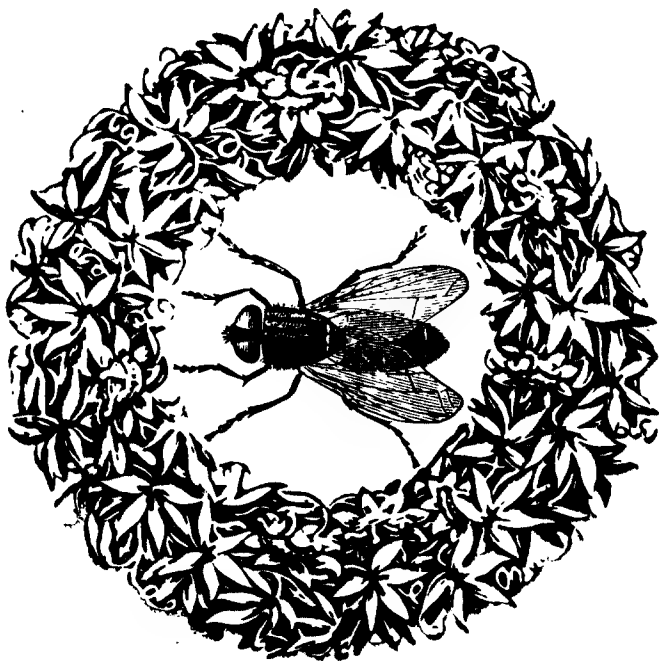
«7 __ Uma conclusão se nos deve impôr para o futuro. Ao digerir a «filosofia portuguesa» do dr. António Quadros (se, na verdade, vale a pena a ingestão) o leitor tem de contar com o facto. Espera-se, em princípio, que um termo conceitual esteja posto em face de outro da mesma natureza, para a busca da conclusão tão rigorosa quanto possível. Porém, ponha-se o leitor mosqueteiramente em guarda __ tudo pode acontecer já que se trata da diarreia linguística da «filosofia portuguesa». A questão é a de o intérprete pôr-se a adivinhar, e mais nada.

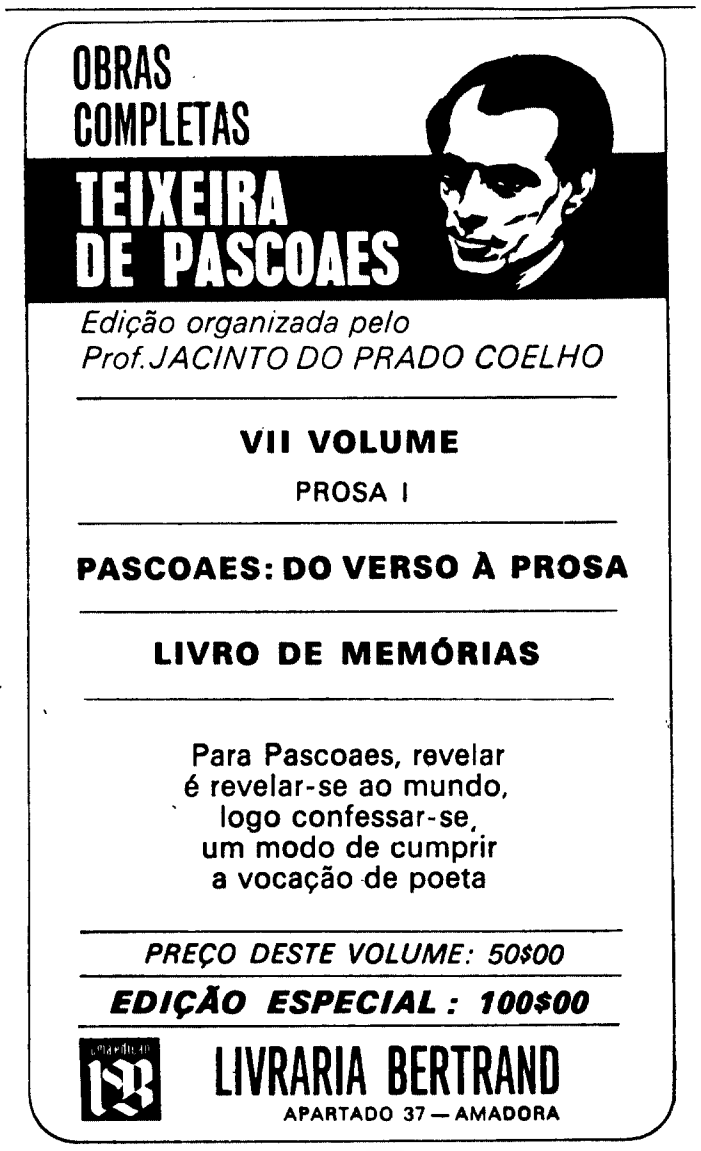
«8 __ Aqui fica, pois, este convite que dirijo aos diascevastas que queiram experimentar a descoberta de um texto (que não seja, evidentemente, do dr. António Quadros) onde a **forma** não seja a forma, mas o **modo.** Porque nestas coisas o preciso é no final das contas, ter bons modos. Mas o dr. Quadros remata o seu «Como deturpar um texto e enganar o leitor» com esta requisição muito de louvar: »... é urgente a seriedade». E, aqui d'el-rei, estamos os dois de acordo no desejo. O que eu lhe pedia encarecidamente __ para que nos possamos manter **sérios** __ era o grande obséquio de nunca mais nos fazer **rir**.

«9 __ Ai! Lá me ia esquecer o eco desta frase do dr. Quadros __ não truncada, garanto __ que leio a págs. 43 de **O que é o Ideal Português**: «A estrutura mítica da linguagem é um pressuposto inelutável de todas as línguas, **mas a sua dinamização filosófica depende em grande parte do grau de lucidez da tomada de consciência do filósofo-filólogo**. Na verdade, poderá haver filosofia que não radique em correlata indagação filológica?»

«A **forma** que não é a **forma**, mas o **modo**!... Oh que grande lucidez!... Quem diria?!... E pronto: agora, sim, é que basta mesmo». Todavia, não obstante o facto de terminar assim o meu comentário enviado ao Diário Popular, a verdade é que ainda não bastava. Vejamos.

Com efeito, qual não foi o meu espanto quando no Diário





MALÍCIA NO PAÍS DAS MARAVILHAS (1) OU CARTILHA PATERNAL

Ensaio (sob a forma aproximada de catecismo e com a linguagem apurada) de uma explicação de textos a uma criança esperta, curiosa, mas profundamente ignorante das coisas subtis que a leitura oculta, e, por isso mesmo, desconfiada.

Por **FERNANDO ARROIO**

«Acho que apesar de tudo vale a pena. É o sentido do verso já popular de Fernando Pessoa. «Tudo vale a pena/Se a alma não é pequena.» ANTÓNIO QUADROS, «D. Notícias», 7/11/71.

ular de 9 de Dezembro cor-
e deparo com uma nota de
acção que me levou a es-
ver esta carta ao seu ilustre
ector: «Em virtude da nota
em publicada no Diário Po-
ar (Suplemento 5.ª feira à
e), venho dizer a V. Ex.ª
não autorizo a publicação
se jornal do texto que aí
egara **em resposta** ao arti-
do sr. António Quadros,
mo se deturpa um texto e
ana o leitor». Motivo: essa
iz que o meu artigo seria
licado no próximo suple-
to com **uma resposta** do
so «prezado colaborador».
ém, **a)** o direito de resposta
meu e não daquele senhor;
prazo dentro do qual, le-
mente, o Diário Popular es-
a obrigado a fazê-lo já pas-
em mais do que o ra-
vel; **c)** considero extrema-
nte deselegante o procedi-
nto desse jornal, retardando
ublicação do meu texto, em
or da defesa do vosso cola-
ador.»

Evidentemente, não publicou Diário Popular aquele meu mentário articulado, mas o nor António Quadros é que quis, mesmo assim, deixar aproveitar a generosa aber-a das suas colunas. Lá me- então a sua prosa, mas — nsolação me resta — sem sido directamente pendura-na minha. Teve certamente refundi-la, e eu até lhe peço sculpa do trabalho. Bom se-, entretanto, que não esque-sse o seguinte: por maior ge-rosidade que um jornal te-a para com ele, nunca deve ao ponto de consentir que retarde uma publicação só ra que a sua resposta se lhe ssa encavalitar. O público caso interessado nesta troca considerações) merece aus de deferência que não compadecem com tais ma-bras dilatórias. E já agora e falei em atenções para m o público) para infor-ão do mesmo aí vai uma marginal, de cariz biblio-áfico, reportada ainda ao smo senhor.

O nosso camarada José Car-so Pires afirmou, no «Burro Pé», que António Quadros abalhara na Rádio Nacional Espanha. Veio, no entanto, referido senhor dizer, no ário Popular de 16 de Dezem-o corrente, esta coisa tex-al: «... nunca fui palestrante Rádio Nacional de Espanha erá invenção de Cardoso Pi-s ou erro do seu serviço de formações?)».

Pois ora que ideia! E eu a lgar, igualmente, que o se-nor Quadros tinha realmente do. Para isso me havia basta-o a consulta da **Grande Enci-opédia Luso Brasileira**, a ágs. 784 do 23.º volume, onde sta reza assim: «Mantém (An-nio Quadros) colaboração ssídua nos programas da missora Nacional, da Rádio acional de Espanha e da Ra-odifusion Française». E tanto ais isto me convencia, quan-o é verdade que, de novo re-renciado a págs. 397 do 40.º lume da mesma **Enciclo-édia**, aí não desdisse nin-uém (nem Quadros protestou ontra) aquela «falsa» infor-ação.

Os redactores da **Grande En-clopédia**?!... Ai que mentiro-os! Aos volumes que dela te-ho vou mas é enterrá-los no alilé dos mágicos, mais preci-amente no talhão da defunta filosofia portuguesa». Portan-o, **requiescat, Quadros**! É que essa atarefada agitação em ue anda, só faz lembrar **la ouche du coche**, do velho fa-ulista. Eu é que não tenciono ar-lhe mais conversa, até pa-a lhe fazer a vontade. As po-émicas são, na verdade, coi-as com que justamente não oncordam nem ele, nem o acífico senhor José de Frei-as, os analfabetos, os mortos, até também uma prima mi-ha, por sinal uma autêntica antinha.

«1. Papá, é mais importante ser-se «licenciado» do que «bacharel»? Se não é, como é que devo entender este passo: «...não me importo nem nunca me importei com títulos, mas, não sendo eu bacharel, sendo licenciado...concluo que a palavra é utilizada em sentido cómico-pejorativo, aliás de duvidoso efeito»?

Duvidoso efeito é a expressão adequada. Pois é verdade, é, meu filho: «licenciado» é realmente mais importante; aí tens o caso específico duma insinuação redutora. Aliás, nunca consigo evitar a associação do termo «licenciado» com umas instituições que, infelizmente, deixaram há muito de existir e onde se processava a iniciação e o desenvolvimento duma certa fundamentalidade essencial da educação e afirmação personalista da juventude masculina de então.

Um fenómeno exemplar de «função conotativa». Do vocábulo, claro.

«2. E o papá, também é licenciado?

Também, pois. De resto, e nessa base, somos todos mais ou menos licenciados nesta terra. Se tivesse aqui à mão, mostrava-te uma paráfrase, extremamente informativa a esse respeito, que apareceu há umas semanas. Já te disse o que é uma «paráfrase», não disse? Isso mesmo, dizermos por palavras nossas o que outrém disse, ou seja «pensarmos e dizermos os outros por nós.»

3. O que é «eclético»? Aqui, nesta frase: «Nem tinha reparado que era tão eclético!»

Tens aí, um pouco mais atrás, a resposta precisa. Ora lê: «...fiel à minha opção liberal nunca recusei colaboração a revistas de qualquer tendência, sempre que fui convidado a enviar ensaios, artigos ou respostas a inquéritos.»

Portanto «eclético», igual a «liberal que colabora».

4. O que é, concretamente, ironia? Por exemplo, aqui: «Se deixei uma alusão irónica e ligeira ao «cocktail» de lançamento de um livro do primeiro, foi porque isso, que me pareceu divertido na forma que tomou, contudo em nada o comprometia moralmente. «Qual a diferença entre «ironia» e «sarcasmo»?

A diferença é filosófica. Por exemplo, um tipo condicionaliza um banho no Rossio a determinada circunstância. Um outro pândego toma-o à letra e faz um desenvolvido e exaustivo, mas fictício relato de tal banho. Ora, assim, sem mais molho, fulano de tal em cumprimento da sua promessa afinfou-lhe no dia tal às tantas horas uma valentíssima banhoca num dos chafarizes do Rossio, isso seria grosseiro, soez e, portanto, «sarcástico». Repara, porém: se, em vez disso, o relato for acompanhado duma outra banhada colectiva, ressalvando-se a importância da personagem fulcral, institucionalizando-a, para além de utilizarem adereços correctos e adequados, como um bom roupão, um bom calção de banho, companhia selecta, referências ao Pestana e Brito,etc. já teremos então um caso de «ironia». E com «humor», claro.

Se o Cardoso Pires por exemplo, tivesse servido uma carapauzada frita regada a tintol, a simples referência à natureza do repasto seria «sar casmo»; portanto, e provàvelmente, haveria bico calado. Mas um «cocktail», filho, de um «cocktail» é toda uma outra coisa: não compromete moralmente ninguém, como, com tanta pertinência se diz.

5. Como é que devo entender a diferença entre os termos «socialista» e «socializante» para compreender bem estas expressões: «Não disse que o Cardoso Pires era comunista ou sequer socialista (posições válidas, igualmente), disse que era **socializante**»...«**socializante**, de modo algum contradiz as exigências de personalismo, liberalismo e espiritualismo axiológico que considero fundamentais para a felicidade humana. É, além do mais, uma palavra tépida e perfeitamente inócua.»?

Bem visto. Socializante é um particípio presente que, como já te expliquei noutra ocasião, designa o executor da acção implicada no verbo.

Pois aqui é o caso das palavras terminadas pelo sufixo: palestrante, o que palestra; perorante, o que perora; preopinante, o que preopina. Daí, portanto, que «socializante» seja «o que socializa». Porventura em termos absolutos; porque «socialista», com o sufixo «ista» que indica adepto de, é, bastas vezes, o que apenas fala em socializar.

6. E que significa «válido» ainda na primeira das duas expressões que te mostrei: «Não disse que Cardoso Pires era comunista ou sequer socialista (posições válidas igualmente)»?

Bem, aí tens um outro adjectivo de origem verbal. Na base, «válido» é «o que vale»; portanto, o que tem valor. Consulta o Cândido de Figueiredo; ora aí tens: são, vigorosos, eficaz. profícuo...

O QUÊ? Deixa lá ver. É verdade, cá está. Mas olha, aconselho-te sèriamente a não ligares ao exemplo, a esse particular exemplo, pois não creio que estejas apetrechado com o tal personalismo, liberalismo e espiritualismo axiológico, necessários para o seu pronunciamento tépido e perfeitamente inócuo.

7. O que é ser «antilusitanista», em: «...quanto a Luso Soares, sublinho que não o considerei antiportuguês (o que seria efectivamente uma denúncia feia), mas antilusitanista»?

Ora aí está parte da explicação porque é que nunca mais tive oportunidade de ir ao «ensopado» e às «migas» do Fialho em Évora. Grande cágado, o Luso Soares. Um dos principais responsáveis pela descida de divisão do Lusitano de Évora.

8.Não haverá aqui uma contradição de nomes: «Enche o anúncio esta frase não datada, de Óscar Lopes: «Nenhum ficcionista português vivo escreve melhor do que o Cardoso Pires.» Tenho consideração intelectual e estima pelo crítico portuense. Mas creio que a Moraes foi demasiado modesta.»?

De modo nenhum, meu filho. Há é uma «alteração de género», decerto por gralha. Um dia destes apresentar-te-ei o Óscar Lopes Moraes.

9. Como é que posso aceitar a existência, num mesmo texto, destas três afirmações: a primeira, «Não cuido de desmontar estes métodos para minha defesa pessoal.»; a segunda, «Em suma, ao comentar hoje, serena e objectivamente certas reacções ao meu citado artigo...que era, repito, um artigo de legítima defesa, tenho em vista não apenas apresentar exemplos de como se está entre nós a proceder contra a ética e contra a verdade, mas também mostrar o modo como são utilizados.»; e, finalmente, a terceira, «compreenderão que, atacado em sete ou oito artigos diferentes em pouco mais de um mês e acusado de reaccionário e denunciante, em tentativa dir-se-ia que conjugada de descrédito, eu tinha de defender-me.»?

Muito fàcilmente, meu filho, se isso te impressiona. Lendo-as em três alturas diferentes e «fazendo por esquecer».

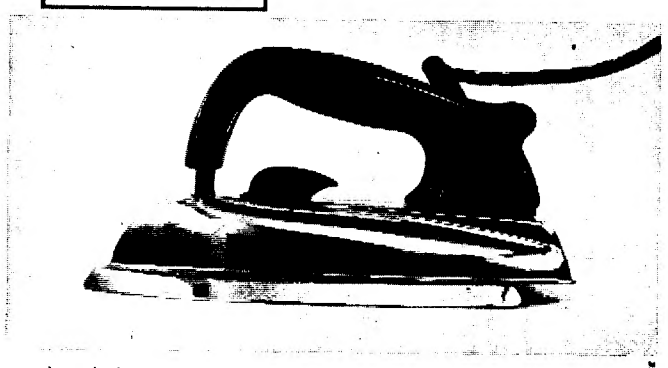
10. Só mais esta, papá. Que quer dizer «chefe de secção»? Por exemplo, na frase: «E ainda podia ter citado que fui chefe de secção na Câmara Municipal de Lisboa, outro organismo oficial.»?

Desculpa, filho, mas estou a sentir-me já cansado e com sono. Não percebi bem.

Disseste alguma coisa sobre a crise do teatro em Portugal?

(1) Se alguém achar que este título lembra um romance policial de N. Blake, MALICE IN WONDERLAND, queira consultar, por favor, a crónica da D. Natália Correia, A REABILITAÇÃO DO PLÁGIO, em «A Capital», 15-12-71.

LEVEZA
E ROUPA
BEM PASSADA



- Luz avisadora
- Controlo automático, com selector de tecidos
- Termostato de arco que suprime as interferências na rádio e na TV

O favorito de milhões de lares, garantido pela experiência de uma marca de prestigio: MORPHY-RICHARDS:

morphy richards

soc. de rep. SIDA SUECA, LDA. * RUA DE S NICOLAU 44 48 - LISBOA

PUBLIARTE

PORÃO DA NAU

Direcção de RUY CASTELAR
aberto todos os dias até às 05.00 horas

HOJE
DOMINGO
DAS 17,00 ÀS 20,00 HORAS
MATINÉE PARA A JUVENTUDE
PREÇOS REDUZIDOS
ALTA FIDELIDADE «GRUNDIG»
TRAGA O SEU «BORRACHINHO»

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

JOSÉ RÉGIO (novas) obras completas

As «Obras Completas de José Régio» estão a ser editadas por uma livraria do Porto, que adquiriu os direitos de opção à Portugália Editora. A transacção foi feita em Junho e diz-se que por uma verba invulgarmente elevada. Falava-se em centenas de contos, mas não foi possível confirmá-lo.

De qualquer modo, a Livraria Brasilia Editora publicou já quatro volumes: «Jogo da Cabra Cega», «Cântico Suspenso», «Confissão de um Homem Religioso» e «Colheita da Terra».

O plano da Livraria Brasília Editora é o de publicar ràpimente as Obras Completas de José Régio, pelo que em Janeiro próximo serão editados mais dois volumes: «Fado» e «O Príncipe com Orelhas de Burro». Durante o ano de 1972 será ainda publicada toda a série da «Velha Casa», em 5 volumes.

Nas «Obras Completas» de José Régio a Brasília inclui os inéditos e dispersos do escritor.

JOSÉ RÉGIO: agora na Brasília Editora

VISITE-NOS... há uma surpresa para si!

J. MENDES COELHO, LDA.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A — TELEF. 53 98 01 - 4 61 24 - 4 61 47

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
(Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes)

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE ÓPERA DE 1972
(de 14 de Janeiro a 30 de Abril)

REPERTÓRIO

IL MONDO DELLA LUNA (J. Haydn) ★ ERWARTUNG (A. Schönberg)
ELECTRA (R. Strauss) ★ GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA (António Teixeira)
THE RAKE'S PROGRESS (I. Strawinsky) ★ MANON (J. Massenet) ★ OTELO (G. Verdi)
NORMA (V. Bellini) ★ MADAMA BUTTERFLY (G. Puccini)
A FORÇA DO DESTINO (G. Verdi) ★ DON PASQUALE (G. Donizetti)
A VALQUÍRIA (R. Wagner)

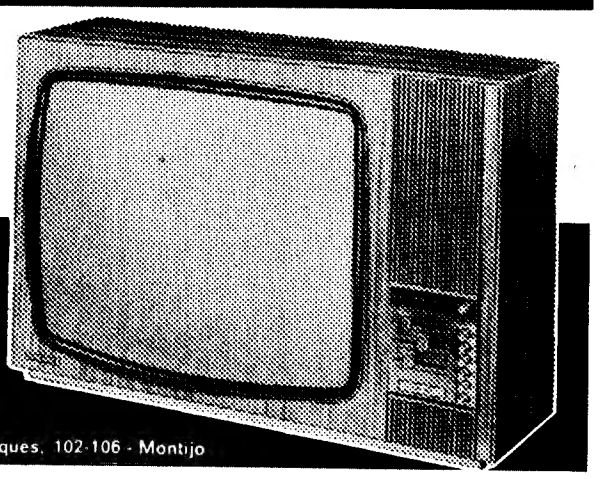
SERVIÇO DE BILHETEIRA

DIAS 27, 28 e 29	ANTIGOS ASSINANTES (Noite)
Dias 30 e 31	ANTIGOS ASSINANTES (Tarde)
DIA 1 DE JANEIRO	ENCERRADA A BILHETEIRA
DIAS 2, 3 e 4	NOVOS ASSINANTES
DIA 5	ENCERRADA A BILHETEIRA
DIAS 6 e SEGUINTES	VENDA AVULSO

BILHETEIRA ABERTA DAS 13 ÀS 19 HORAS — Telefone 36 86 64

Compre agora o seu TV
ÚLTIMO MODELO
nos estabelecimentos Cancela
Beneficie do novo sistema de pagamento
e receba GRÁTIS 1 corte de fato

GRUNDIG



estabelecimentos Cancela CALÇADA DO COMBRO, 17 a 31 · LISBOA
FILIAIS: Avenida D. Afonso Henriques, 20 - Almada — Av. Combatentes da Grande Guerra, 85-B - Algés — Rua Jose Joaquim Marques, 102-106 - Montijo

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

Aplausos & assobios

O EÇA GOSTARIA

Numa «Seara Nova» (n.º 1514, Dezembro de 71) com bastas solicitações a leitura atenta, salientamos __ e aplaudimos __ o estudo de João Medina «O Pessimismo Nacional de Eça de Queiroz», notável esforço de interpretação sociopolítica do romance «Os Maias» e, com ele, das ilusões frustradas e do consequente pessimismo de um escritor-cidadão que deixara de crer na **ressurreição da pátria em 1640 e na possibilidade duma autêntica regeneração como aquela que em 1880 os mais ardentes democratas tinham cristalizado em torno da figura de Camões.** E um trabalho conceptualmente perspicaz, meticuloso, bem documentado e exposto sem aquela retórica farfalhuda e enfàticamente erudita que caracteriza certos «ensaístas» de muita parra e pouca uva.

Estamos a crer que o Eça gostaria. Nós gostámos.

CHATO, NÃO É?

Chato, não é, Dr. Gaspar Simões? Que as coisas já não sejam como no século passado. Que, cada vez mais, tudo o que ao homem e ao universo diz respeito se estude. A sério.

E que, cada vez mais também, chegue gente à Universidade no prosseguimento desse estudo. Não obstante serem tão poucos ainda, Dr. Simões, e haverem tantos cá fora que procuram igualmente estudar qualquer coisa. A sério.

Para além de qualquer consideração do estudo como recurso esperto de, por meio de umas tantas larachas, se fazer um figurão, fora de grandes preocupações.

Daí que a situação começasse a ser denunciada. Inevitàvelmente. Até se tornar cansativo. E chato.

Uma tolerância divertida parecia ser a atitude recomendável (provàvelmente na concordância com a explicação do Dr. F. Balsemão, em INFORMAR OU DEPENDER, quanto à intervenção da página de anedotas para levantar a tiragem do número de quinta-feira - p.119). Atenção, porém.

Quando, por exemplo, como acontece há um par de semanas, e particularmente na passada quinta-feira, dia 2 de Dezembro, o Dr. Simões manifesta tão triunfalmente a sua ignorância do termo «literalidade», um termo técnico fundamental, de significação precisa, no estudo do fenómeno literário; quando se ultrapassa de longe o número dos habituais conhecedores divertidos e se participa, como foi o caso, a um milhão e cinquenta mil candidatos à resolução fácil do problema da habitação; quando se junta ainda tudo isso à institucionalização da personagem, com homenagens amplas e sérias (?) à actividade exercida, com consagração regular pela televisão e declaração da existência de discípulos;

Não estaremos, porventura, a permitir o prejudicar-se, o pôr-se em causa, o esforço educacional do país?

Não estaremos, de algum modo, a aceitar a existência duma actividade perigosamente praticada por alguém que proclama alto e em bom som, a irrelevância daquilo que ignora - porque não quer conhecer, ou já não é capaz de conhecer - e que constitui o ferramental, o apetrechamento básico adquirível para o seu exercício? como acontece, talvez, com o exercício ilegal da medicina?

Que aconteceria a quem forçasse, junto da população escolar, coisas como o sol ser um planeta, o sangue ser uma hormona, a física atómica ser uma escola de poesia?

Assobios? Melhor talvez, seja um apelo urgente a quem de direito, gritado naquilo que o Dr. Simões chamaria «literalidade vernácula», para procedimento imediato contra os curandeiros, do estudo da literatura.

ESCUTAI O POPPE

Poppe (o Manuel) é um dos críticos que a gente gosta de ler quando estamos chateados. Faz-nos rir, dispõe bem. Ele diz que é dos **tradicionais**, que não quer nada com os **novos** __ e nós achamos isso muito bem. Aprovamos. Batemos palmas. Ficamos verdadeiramente eufóricos. E que enquanto ele decidir manter-se do lado dos **tradicionais** talvez não aumente a confusão que essa coisa dos **novos** nos causa à cabeça.

No Suplemento Literário do jornal **Diário Popular** de 16-12-71 (aquele em que o Quadros, aflito, fazia o ponto da situação e falava da **«Outra Cultura»**), Poppe, serenamente, falava do seu mui grande mestre Gaspar Simões. E que dizia ele, senhores da nova crítica? Escutem-no e aprendam. E vós meninos das escolas e faculdades que aprendeis Literatura, corrigi os vossos mestres em nome deste autodidacta que, de certo só por uma grave injustiça, se não encontra diante de vós. Ouçamo-lo:

__ **A revista «Presença», à qual este nosso século português (?) deve, até agora, o que de mais importante aconteceu nas lusas letras.**

__ **Depor com certos problemas da criação artística, da misteriosa emoção estética.**

__ **Se bem o entendemos, esse lirismo crítico constituiria um fecundo equilíbrio entre a razão e o espírito; entre a inteligência e a alma; entre a inteligência e o sentimento. Ao mesmo tempo: o adestramento da análise interior.**

Como nunca o escritor português é, hoje um formalista; como nunca, o escritor português deu as costas à realidade. Basta recordar os «brincos» prosaicos de um João Palma-Ferreira; a nebulosa prosa de Maria Teresa Horta; os discursos «escolásticos» de Nélson __ aprendiz __ de Matos (crítico). Palma-Ferreira repete o que lhe ensinou a leitura dos outros; Horta, incapaz de ir além de um lirismo retórico, junta palavras que nada nos dizem de si própria; Matos, fugitivamente, leva a cabo redacções superficiais, atento à oportunidade e à moda. E, quer Ferreira, quer Horta, quer o fugitivo Matos são vaga amostra do que por aí vai.

E assim mesmo. Gostamos do Poppe. E com esta lucidez que as coisas se esclarecem. O Ferreira, a Horta e o Matos (que é que os ligará?) que aprendam de vez. Que se calem. Que deixem falar o Poppe:

Perguntamos: é com brincos formais, com piruetas técnicas, com imitações da retórica alheia __ que se exprime, seja o que for? No entanto, essa tendência para a oficina poderia querer significar qualquer coisa de positivo: que se tentava corrigir o excesso lírico, entre outras coisas...

Só que julgamos ver nela, antes, a busca de um disfarce: de trapinhos, mais ou menos vistosos, para esconder a crua evidência da pobreza interior... Sem retórica, friamente calculada e doseada, Palma-Ferreira dar-nos-ia mais alguma coisa? Oficina, sempre é oficina; pobreza é pobreza. E, Horta? E o Matos das fugas escolares?... Concluamos: a crise não é bem de processos: é de substâncias: é de criadores.

Pois o Ferreira, a Horta e o Matos que arrumem de vez os seus «trapinhos». Nós aplaudimos o Poppe. Nós estamos sempre com o Poppe. Somos poppulistas...

COMBATER A «DOUTORICE»

Para quem não leu, transcrevemos (porque vale a pena) duas passagens da entrevista que José Afonso concedeu à revista «Flama» de 10 de Dezembro: **«(...) Creio que se deveria falar, em princípio, de coisas que dominamos, de coisas em que estamos envolvidos, de coisas que nos abrangem física e operacionalmente. Não se pode estar à espera do produto, para depois o dividir em bocadinhos e dizer se a letra é válida, ou se o poema tem mensagem. Tudo isso se justifica, se as pessoas quiserem vir para junto de nós. A não ser assim, penso que a crítica pode transformar-se em coisa um pouco ridícula.»**

«(...) Criar-se a «religiãozinha» da música velha, ou da música nova, da guitarra, ou da viola é construir sectores estanques que não podem ter interesse, é levar as pessoas a «salivar» sem qualquer objectivo. Admito, porém, que isto tudo possa ser útil aos outros. Para mim, não. Habituei-me demasiado à atmosfera lúdica e gratuita de Coimbra, para que consiga fàcilmente encarnar neste novo espírito. Estamos todos a brincar aos homens sisudos e aos homens sérios.

Estamos todos a fazer de doutores e, por mim, não estou nada interessado em entrar para nenhuma academia. Não pretendo, com estas afirmações, visar ninguém, mas apenas atacar um determinado espírito de «doutorice», que, nos últimos tempos tem dominado, mesmo entre aqueles que afirmam combater a «doutorice». Hoje, parece viver-se um espírito de sebenta escolar com indivíduos que afirmam saber tudo, porque têm as sebentas, os livrinhos e os códigos. A combater-se um vício, criou-se outro. E creio que isto é tão reprovável como aquela invasão de cantigas de moldes esteriotipados, com os mesmos cantores e com os mesmos músicos.»

Cantigas destas, aplaudimos!

TEMOS «OPINIÃO»

Aplausos ao dinamismo da «Opinião» ali na velha Rua Nova da Trindade. Longe de ser mais um supermercado do livro, a «Opinião» apela mesmo para a comparência __ e a comparticipação __ das pessoas, estas não já simples «clientes». A decoração ambiente e de bom gosto; cuidada seleção dos livros é dos discos; a homenagem à Leonor Praça não é apenas «simpática: Trata-se de uma bela exposição onde o maravilhoso onírico abre novas fronteiras do real; há um barzito encarrapitado lá no alto e de onde se vêem telhados e traseiras duma Lisboa com gatos: apetece lá trocar dois dedos de conversa, isto numa outra Lisboa que proíbe a intimidade; atenção ao «jornal de parede» : todos podemos ser redactores.

Enfim, se o leitor não conhece a «Opinião» passe por lá não perderá seu tempo. E já agora um conselho: leve vinte e sete tostões e comparticipe num original movimento de «opinião».

massas alimentícias
itali
A MAIS MODERNA FABRICA DE MASSAS PORTUGUESA
MAS$AS BOAS PARA SI
MASSAS novas!
UM SABOR MODERNO
UM SABOR ITALIANO
itali
A MAIS MODERNA FABRICA DE MASSAS PORTUGUESA

AINDA O "VOCABULÁRIO DE PSICANÁLISE"

UMA CARTA DE MARIA FILOMENA FOLGADO

Exmos. Senhores:

Embora com certo atraso não posso deixar de agradecer a publicação no «Suplemento Literário», do vosso jornal, no dia 5 do corrente, do texto que enviei sobre a crítica do Exmo. Sr. Dr. Pedro Luzes à edição portuguesa do «Vocabulário de Psicanálise», assim como a atenciosa referência sobre a seriedade desse meu trabalho.

Continuo, porém, a insistir numa tecla, já tocada nesse mesmo texto: os erros que, de há algum tempo para cá, se verificam em abundância, no Diário de Lisboa. E é pena que isso suceda dado o prestígio de que goza esse vespertino e as consequências a que pode arrastar uma má compreensão das exposições.

O meu texto não ficou livre de tais defeitos, resultando, por isso, alterada, mesmo absurda, uma das suas passagens, onde foram omitidas onze palavras (veja-se na 9.ª linha da 3.ª coluna : «... a especificidade dos conceitos» que, por comparação com o original-página 3-deveria continuar: «que encerram. Doutra forma, apenas se continuará a aumentar o número»). Além disto, no 7.º parágrafo da 1ª coluna, a palavra **«grátis»** substituiu «gráficos», da 1ª página do original e na 22ª linha da 3ª coluna, onde se lê **«filósofo»**, deveria estar «filólogo»-página 3 do original - para não falar doutros de menor importância, mas evitáveis.

Sem outro assunto, de momento e renovando os meus agradecimentos, apresento respeitosas saudações.

N.R. Pedindo desculpa pelos erros apontados, aqui fica publicada a carta de Maria Filomena Folgado.

UMA CARTA DO DR. JOÃO DOS SANTOS

Ainda a propósito do «vocabulário de psicanálise», recebemos a seguinte carta do dr. João dos Santos:

«A propósito da crítica de Pedro Luzes esclareço o seguinte:

1.º É inexacta a afirmação de Pedro Luzes de existir terminologia portuguesa consagrada pelo uso;

2.º Não fui revisor da obra, mas apenas dei a minha opinião sobre uma tradução que me pareceu, em geral, correcta e sobre 16 termos sobre cuja tradução havia dúvidas;

3.º Pensando que só um trabalho de grupo poderia esclarecer o problema da terminologia portuguesa, propus essa solução ao Grupo Português de Estudos Psicanalíticos, que a não considerou oportuna.»

diário de um volkswagen
DEZEMBRO 26 DOMINGO
25719 kms
Despedi-me hoje da Família Silva! Foram mais de 25 mil kms. de bons e alegres momentos!...
Ainda tenho pneus para outros tantos e uma saúde de ferro.
Nos 5.476 kms. que andei nestes últimos três meses fiz uma média inferior a 9 litros, o que deixa qualquer proprietário orgulhoso da sua CONTA - - CORRENTE.
Há muitos proprietários VW orgulhosos por este e por tantos outros motivos...
AG-87-99
SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S.A.R.L.
avenida da liberdade,12 – tels.366751/7 - 370171/5 — lisboa
FILIAIS E AGENTES EM TODO O PAÍS

O outro lado do Natal

Por JOSÉ VAZ PEREIRA

UM CÂNTICO DO NATAL (A Christmas Carol) surgiu, da pena de Dickens, para o mercado, já então florescente na Inglaterra, do livro do Natal. A era victoriana estabeleceu as Festas como a celebração da família (ou seja, da minoria que nesses ásperos tempos vivia bem) e consagrou todos os rituais — desde os cartões sobre o friso da lareira até o perú gloriosamente tostado — importados ou não. Charles Dickens aceitava o significado cristão do Natal mas chegava ao mesmo tempo à triste conclusão que o seu espírito estava abafado por outras forças.

Ebenezer Scrooge era, por exemplo, um homem

Scrooge confronta a **IGNORÂNCIA** e a **NECESSIDADE**

para quem o Natal significava desmazelo, preguiça e manha de todos os que, a pretexto de o celebrarem, fugiam ao trabalho e deixavam de pagar as suas dívidas. Aparecendo no meio dos foliões despreocupados como um pesadelo, Scrooge puxava da sua agenda de usurário e lembrava que os prazos não perdoavam. Pagava um salário de fome ao seu escriba. Era homem só e era um homem sem coração no meio dum bairro pobre que renascia para a ilusão temporária de algum calor.

Até que...

Até que o sovina foi visitado pelo fantasma do seu falecido sócio que lhe passou palavra de outro mundo que seria procurado por três espíritos:

O Espírito do Natal passado

O Espírito do Natal presente

O Espírito do Natal ainda por vir (ou Natal futuro).

Assim foi. E o Espírito do Natal passado lembrou a Scrooge a criança e o rapaz que ele tinha sido e o bicho de corpo e alma em que se tinha tornado. O Espírito do Natal presente mostrou-lhe como a felicidade estava perto e a mesquinhez de Scrooge a afastara para tão longe. O Espírito do Natal ainda por vir mostrou-lhe um futuro em que a morte do agiota seria dia de festa para os pobres diabos que ele atormentava. Os avisos vieram a tempo. Scrooge mudou. Os outros quase não o conheciam. Tornara-se mãos-largas, mandava para o diabo as preocupações, as libras aferrolhadas e fazia reinar Natal à sua volta.

Se bem que com um final necessàriamente róseo, Charles Dickens serviu-se do seu conto, uma história contada à beira do fogo que teve um grande sucesso quando foi publicada, para chamar a atenção duma Inglaterra embriagada com o poder para a agudeza dos seus problemas sociais. É no meio da miséria que a peçonha inicial de Scrooge medra. Ele ou, por exemplo, Fagin de **Oliver Twist** são as sombras tentaculares de Cheapside ou dos pavorosos bairros da época. A uma vida desumana vêm juntar-se essas aranhas que roubam últimos **pennies** que restam aos desprotegidos, pela usura ou pelo roubo.

UMA RAZÃO DIFERENTE A exibição de **Muito Obrigado, snr. Scrooge!** (Scrooge), um divertimento musical sobre a ideia nuclear do conto de Dickens mas extremamente fiel às suas personagens e situações permite algumas considerações. Na fase em que escreveu **A Christmas Carol** estava convencido que só uma revolução educacional poderia remover as chagas sociais. A ignorância dos povos tornava-os fácil presa de tiranetes económicos e de exploradores implacáveis. Apesar do humanitarismo e a filantropia terem mobilizado gente devotada, o quadro continuava a ser negro: os romances e os escritos de Dickens aludem, por vezes, a crianças vendidas. Não se tratava de exagero folhetinesco, era assim mesmo.

Quando um par de cavalheiros procura Scrooge, no início do conto, numa tentativa vã de lhe abrir a bolsa para os necessitados, o velho avarento explode: «Então já não há asilos? Já não há instituições?»

Claro que havia e também havia crianças em fábricas nos aspectos mais brutais que assumiu a revolução industrial. E existia ainda o «sistema do suor» (the sweat system) em que o antigo artesanato se transformava em mini-oficinas familiares, sem condições de higiene, de iluminação, de saúde mas em que a produtividade era vigiada por contramestres inexoráveis. O próprio Dickens escreve, de-

O fantasma do Natal Presente e Scrooge

pois de ter visitado várias escolas nos bairros mais populosos de Londres:

«Vi 30 000 crianças caçadas, chicoteadas, aprisionadas mas não ensinadas...»

Em toda a sua obra, esta obsessão duma infância brutalizada por um sistema social e económico injusto não deixa de o preocupar. Surgem em **A Christmas Carol,** no episódio do Espírito do Natal presente, duas figuras que um dedo acusador aponta a Scrooge. Essas figuras são a Ignorância e

O fantasma do sócio

a Necessidade. «Cuidado com elas!» Se não forem riscadas da face da terra, o último dos juízos finais estará próximo.

Tudo isto leva à conclusão que houve razões diferentes na feitura do filme e nas razões que fizeram Dickens a admitir uma possibilidade de vitória do espírito do Natal se os homens estivessem dispostos a isso.

Mesmo que fosse preciso despertá-los com três Fantasmas.

O homem que realizou **Scrooge** é um realizador experimentado do cinema inglês. O filme, para lá da sua generosidade um pouco artificial, da alegria esfuziante que acompanha os musicais e do talento de Albert Finney (Alec Guiness como o fantasma do sócio, Kenneth More como o Espírito do Natal presente), não é bom nem mau. Antes pelo contrário. O pior-melhor que se pode dizer dele é que cumpre bem a função de ser uma prenda natalícia bem aviada e embrulhada. Abrimos uma excepção para as sequências dos Espíritos (pois, nestas coisas de fantasmas... quem sabe, sabe) todas com nota alta.

O OUTRO LADO DO NATAL De qualquer modo, Ronald Neame (o realizador) soube aproveitar a deixa musical para transformar um conto cheio de significado e comunicabilidade humana num convite aos **shopping.** É assim que as sequências finais mostram o outro lado do Natal, a sua comercialização e aparecem como um convite ao saque das lojas e das... algibeiras.

Embora num décor victoriano o filme de Neame adere, após um período de recessão, às delícias da Sociedade de Consumo e Scrooge, o usurário transforma-se mais do que um homem de boa vontade num Pai-Natal que lança cantando I like People! uma campanha promocional gigante.

Por outro lado, há que reconhecer que o conto de Dickens tem uma tonalidade fantástica mas que nem por isso deixa de ser interveniente. Mas o seu génio consegue que uma criança admire as suas obras do mesmo modo que um homem adulto. No entanto e daí a vestir Scrooge de Pai-Natal vai uma certa e longa distância. A cinematização parece ser dirigida a um mercado muito jovem, quase infantil e até talvez aí funcione porque nisto de Pais Natais convém não confiar em ninguém com mais de sete.

O que parece é que as preocupações de Dickens quando escreveu **A Christmas Carol** parecem perdidas pois são vários os seus avisos solenes de que tudo se pode perder se não houver verdadeiramente boa vontade entre os homens de boa vontade. E paz. E gosto, muito gosto de viver.

O filme simplifica tudo demais, fazendo a filosofia da compra.

Pena que os três Espíritos também não tivessem visitado realizador e produtor. Sempre haveria a possibilidade de reaprenderem o Natal.

A Christmas Carol, de Charles Dickens, Penguin Books.
Um Cântico do Natal, de Charles Dickens, versão portuguesa, livro de bolso Verbo.
Muito Obrigado, Snr. Scrooge! realização de Ronald Neame. Música de Leslie Bricusse.